

. Manoel da Silva Matos

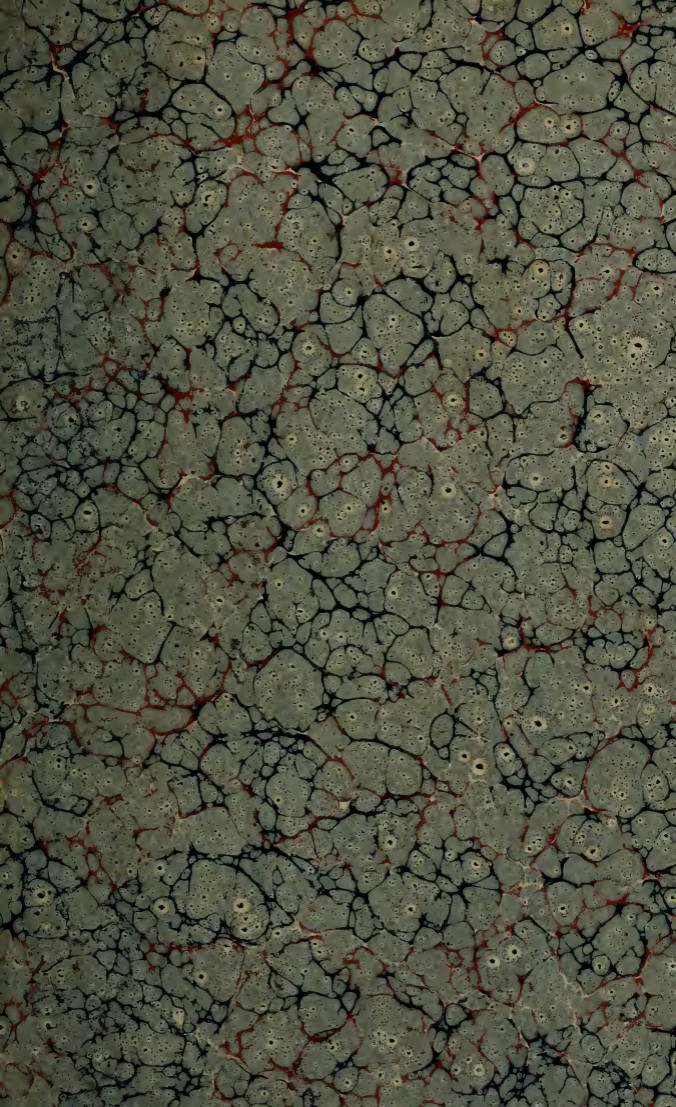
S. João, 116

PORTO

R13197286



*Presented to the*  
LIBRARY *of the*  
UNIVERSITY OF TORONTO  
*by*  
Professor  
Ralph G. Stanton








Q

Romanceiro Portuguez.





**O ROMANCEIRO**

**PORTUGUEZ,**

OU

COLLEÇÃO

DOS

**ROMANCES**

DE

**HISTORIA PORTUGUEZA,**

COMPOSTOS

POR

*IGNACIO PIZARRO DE M. SARMENTO*

*Fidalgo Cavalleiro da Casa de S. M. F.,*

*Commendador de Santa Marinha de Lis-*

*boa, da Ordem de Christo, Morgado de*

*Bóbeda, etc. etc. etc.*

**PARTE SEGUNDA.**

**Porto.**

**-1845-**

**Typographia Commercial.**





## PROLOGO.

O bom acolhimento que , de nacionaes , e estranhos, obtêve o ROMANCEIRO PORTUGUEZ, me anima a publicar a segunda parte d'elle.

Sendo õ meu fim unico — fazer popular a nossa historia — continúo a carreira começada de *trovador*, recordando os nomes daquelles que a illustráram com seus feitos: bem sei que, como diz Camoens,

„..... *de feitos tais por mais que eu diga,*  
„ *Mais me ha de ficar inda por dizer*”

com tudo , se não posso erguêr-lhes padroens de eterna gloria, desfolharei flores sobre as campas desses, que um ingrato esquecimento mal recompensou em vida, e morte.

Por bem pago me darei se esta segunda parte do Romanceiro Portuguez obtiver tanto favor, como a primeira collecção de meus romances de historia portugueza: mas, qual-

quer que seja o resultado, satisfaço dividas sagradas; dedicando á gloria de minha patria os minguados fructos de minhas vigílias, pago, como posso, o que lhe devo; fazendo reviver os nomes illustres de seus heróes, pago por ella, o que lhes deve; e se não tudo, todo o meu cabedal emprégo para desonera-la; ficando-me o pezar de ser tão pobre, para solver tão grande divida: por ultimo, publicando esta segunda parte do Romanceiro, pago a nacionaes, e a estranhos o tributo de minha gratidão, pelo favor com que acolhêram a primeira parte delle.

Não quero gloria para mim, quero-a para a minha terra tão querida; da qual digo, como o rey de nossos trovadores;

„ *Esta he a ditosa patria minha amada;*  
 „ *A' qual se o Céu me dá, que sem perigo*  
 „ *Torne, com esta empreza já acabada,*  
 „ *Acabe-se esta luz alli comigo.*”

Bóbeda 1 de Janeiro de 1844.

*J. P. do Moracs Sarmiento.*

# Gaésto Anzor.

DEDICADO

Á Ill.<sup>ma</sup> E Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup>

*Marqueza da Bemposta  
Sub-serra.*







## GAÉSTO ANSOR.

„ Estão d'Agar os netos quasi rindo  
„ Do poder dos christaons, fraco, e pequeno.”

CAM. LUS.

## CANTO I.

Tudo sam festas, folgares,  
Nos paços do nobre Anzor;  
Invençoens mil singulares  
Se prepáram com primor;  
Ardem brandoens nos altares;  
Vai coroar o seu amor.

Junto ao Vouga o seu castello,  
Nas campinas d'Alafoens,  
É da comarca o mais bello,  
Como elle é dos infançoens:  
Assente sobre um covêlo,  
Ostenta os seus torreoens.

Nas altas torres, bandeiras,  
Com mil divisas bordadas,  
Ondeam, por mil maneiras,  
Pelos ventos agitadas:  
Nas ameias, nas setteiras  
'Stam grinaldas penduradas.

Acompanham atambores  
Aos anafis sonorócos;  
E ternas cançoens d'amores,  
Cantares melodiócos,  
Os echos dos arredores  
Repetiam mui saudócos.

Baixa a ponte, dava entrada  
Livre, a todo o caminheiro;  
Tem no castello pouzada  
O peão, o cavalleiro;  
Meza, e cama regalada  
Tem qualquer aventureiro.

O nobre Ansor ordenára  
Seu castello ter patente;  
Carteis cortêzes mandára  
Da comarca a toda a gente:  
Nem dos pobres se olvidára,  
Que a ninguem triste consente.



Ao romper d'alva partira  
Gaésto Ansor do castello;  
Foi buscar a dona Elvira,  
Das perfeçoens o modelo;  
Aquella por quem suspira  
Mais nobre gódo, o mais bello.

Por mil modos variados  
Horas d'esperar entreteem,  
Curiosos, convidados,  
Em quanto os noivos não veem;  
Atalaias apostados  
Nas altas torres já teem.

Os guerreiros á porfia  
Dansam, despindo os arnezes;  
Ou disputam qual teria  
Vencido mouros mais vezes;  
Mas nenhum delles cedia,  
Que eram todos portuguezes.

Uma nuvem de poeira  
Ao longe se discrimina,  
Formando sobre a ribeira  
Dobrada, espessa cortina,  
Que mui veloz, caminheira,  
Corria pela campina.

D'alta torre uma vigia  
Diz gritando “Ei-los que sam!”  
Todos partem á porfia,  
Além da ponte já sam:  
A qual primeiro os veria,  
A correr agora vam.

Não permite a nuvem densa  
Distinguir a cavalgada ,  
A vozeria é immensa ,  
Aos relinços misturada ;  
Cada qual só o que pensa  
É ver a noiva chegada.

„ Allah ! Allah ! „ rijo sôa  
D'entre a nuvem já desfeita ;  
A esse Allah ! maldiçôa  
Gente aos mouros mal afeita ;  
Gritos de guerra pregôa ;  
Guerra a mouros nunca engeita.

Unidos logo formáram  
Um só corpo , os do castello ;  
Arcos , séttas preparáram ;  
Fôra arrojô acommettê-lo :  
Guerreiros mouros paráram  
Sem ousar arremettê-lo.

Soldados mouros , e gódos  
Mediam curta distancia ,  
Sendo quasi igual em todos  
Do combate as furias , ancia ;  
Aggravos por muitos modos  
Todos teem desde a infancia.

Mais de cem os sarracenos ,  
Todos de gente escolhida ;  
Os christaons eram bem menos ;  
Desigual fôra a partida :  
Mas o christão mais somenos  
Nunca a déra por vencida.

D'entre os mouros se avançára  
O seu guia, e capitão;  
Com ar nobre saudára  
Pequeno troço christão;  
Seu alfange embainhára,  
Tirára o guante da mão:

Era o seu porte mui nobre;  
Alvo o rosto, a tez corada  
Contrasta co' a côr de cobre  
Da maura gente queimada:  
No seu olhar se descobre  
Altivez mal disfarçada.

Ismaél se chama agora,  
Fôra christão, renegára;  
A sua alma vil, traidora,  
Patria, e Deus abandonára:  
Para Cordova se fôra,  
E o favor do rey ganhára.

Disfarçando o que no peito  
Tinha ha muito concertado,  
Fálla assim por este geito,  
Com tom de voz mui pausado;  
A fingir de ha muito afeito,  
Suas tençoens tem logrado.

„ Allah! Allah! Deus é um!  
„ Infinito o seu poder!  
„ E não é dado a nenhum,  
„ Sem sua ajuda, vencer!  
„ Allah! Allah! Deus é um!  
„ Infinito o seu poder!

„ Do califa cordovez  
„ Sou alcaide, e capitão ;  
„ Os contractos que elle fez  
„ Sam de paz, boa união ;  
„ Ao d'Asturias muita vez  
„ Deu soccorro, como irmão.

„ É de paz o meu recado,  
„ Tributos venho cobrar ;  
„ De vosso rey o mandado  
„ Não queirais vós quebrantar.  
„ Já do caminho enfadado  
„ Aqui vinha a descançar.

„ Vejo de festa o castello,  
„ Consenti que nelle entremos,  
„ Vosso festejo mais bello,  
„ Alegres todos, faremos:  
„ E senão, neste covêlo  
„ Nossas tendas armaremos.

„ Allah! Allah! Deus é um!  
„ Infinito o seu poder!  
„ E não é dado a nenhum  
„ Sem sua ajuda vencer.  
„ Allah! Allah! Deus é um!  
„ Infinito o seu poder!,,

Apenas isto acabára  
Sobre o peito as maos cruzou,  
Como quem por Deus jurára  
Ser verdade o que fallou:  
Que má tenção não guardára,  
Mostrava o ar que tomou.

„ Se é de paz vossa jornada,  
„ Vinde em paz „ torna um christão,  
„ Será por vós celebrada  
„ D'Anzor a nobre união;  
„ Mas se acaso fôr cilada,  
„ Deus vos dê a maldição.,,

Do corcél negro se apeia  
Ismaél, o renegado,  
E o christão não receia  
Seja falso o seu recado;  
Se soubera a sua ideia,  
Fôra mais acautelado.

O que traiçoens não medita  
Suppoem a todos leais,  
Honrado, e bom, só cogita  
Que os outros sam seus iguais;  
Nunca o receio o agita,  
Confia sempre de mais.

Os mouros bem adéstrados  
Imitam seu capitão;  
Já todos 'stam apêados,  
Sem mostrarem má tenção;  
Entre os christaons misturados  
Em arteira confusão.

Nisto ao longe se sentira  
Um tropel de cavalleiros;  
Era Anzor, e dona Elvira,  
E seus nobres companheiros.  
Ismael os prevenira  
Com seus planos traiçceiros.

Dona Elvira está montada  
N'um fermoso palafrem ;  
Por dous pagens vem guiada ,  
Que as bridas do freio tem ;  
Era usança acostumada ,  
Ella o guiára mui bem.

O nobre Ansor vem ao lado  
Em um soberbo alazão ;  
E todo elle é cuidado ,  
Todo amor , todo paixão ;  
Quizéra seu bem amado  
Ter unido ao coração.

Se o palafrem dá um passo  
Mais mal dado , ou mais ligeiro ,  
Se da estrada é estreito o passo ,  
Tem de descer um oiteiro ,  
É o peito curto espaço  
Para a alma do cavalleiro.

Esse cuidado constante ,  
Esse afan , só o conhece  
Alma terna de um amante ,  
Que por tudo se estremece ;  
E que se afrouxa um instante ,  
É porque amor se fenece.

Vinha de gála vestido ,  
Era verde o seu gibão ,  
Todo de ouro guarnecido ,  
Com a maior perfeição :  
Pelote verde parecido  
Co' a côr do seu coração.

A' direita lhe pendia  
Adaga de ouro brilhante;  
No arção da sella se via  
O seu pezado montante;  
Lança, e broquel lhe trazia  
Pagem que não vem distante.

Esporas de ouro ganhadas  
Nas guerras contra agarenos,  
Muitas vezes salpicadas  
Do sangue dos sarracenos,  
Traz agora mui lustradas,  
Em dias bem mais serenos.

Cabellos louros tecidos  
Com arte, e muito primor,  
Pelas costas estendidos  
Trazia Gaésto Anzor:  
Entre os gódos mais subidos  
Distincção era a maior:

E por tal fórma estimavam  
Do cabelo a fermosura  
Que, cortá-lo, reputavam  
Atroz offensa, a mais dura.  
Quando algum rey desthronavam  
Era signal a tonsura.

Castanhos olhos rasgados  
A linda Elvira só vêem,  
Nella sempre os tem fixados,  
Olha o resto com desdem:  
Nella estão reconcentrados  
Thesouros todos que tem.

Negros sam os olhos della  
A' flor do rosto embutidos,  
Não tem mais brilho uma estrella,  
Co' as estrellas parecidos:  
Se os d'Anzor fixa a donzella  
Ficam d'amor derretidos.

Como pintar a cadeia  
Que um terno olhar entretece?  
Esse fogo que se ateia,  
Sentidos, alma embevece?  
Concebê-los pode a ideia,  
Porem só alma os conhece.

D'Anzor o rosto é comprido,  
Alva a tez dos sóes queimada,  
Tem o nariz comedido,  
Boca pequena, engraçada,  
Traz bigode bem fornido,  
Barba espêssa acastanhada.

D'Elvira o rosto é fermoso,  
Tão alvo como a cecem,  
E nas feiçoens tão mimoso,  
Que eu não sei dizê-las bem:  
Tudo quanto ha precioso  
Em seu rosto se contem.

Per'las finas do oriente,  
Os rubis anacarados,  
O jasmim tão rescendente,  
Tem na boca misturados;  
E n'um sorriso innocente  
Os bens do céo tem pintados.



Côr da noute os seus cabellos  
Ondeam como á ventura ;  
Adornos d'arte sam bellos ,  
É mais bella a fermosura ;  
A fermosura tem zellos  
D'estudada compostura.

Debuxar seu collo , e seio ,  
Ah ! não pode o trovador ;  
Errar os traços receio ,  
Traçando ambages d'amor ;  
E d'amor no devaneio ,  
Roubar eu Elvira a Ansor.

Anjo do céu qu' hei tomado  
Para modelo d'Elvira ,  
Perdôa se hei mal traçado  
Teu retrato em minha lyra ;  
Fôra o transumpto acabado ,  
Feito por quem não suspira.

Pela cintura cingido ,  
Cordão de prata apertava  
Azul celeste vestido ,  
Que dona Elvira trajava ;  
De estrellas todo tecido ,  
Um céu d'amor occultava.

Vem seguida por donzellas ,  
Ricos homens , infançoens ,  
Dos mais nobres , dessas bellas  
Cercanias d'Alafoens ;  
Por dona Elvira , e por ellas  
Respeitosos cortezoens.

Estava em paz então a terra ;  
Poucos homens d'armas vem ;  
Não é para a dura guerra,  
Por donaire as armas teem :  
Quem tem cautéla não erra,  
É do porvir um refem.

Ismaél tudo isto vira  
Entre os christaons misturado ;  
Ismaél trêdo conspira  
Levar ao fim seu recado.  
Oh ! quem visse a dona Elvira,  
Desculpára o renegado.

Ella o viu , e estremecêra  
Com desusado temor,  
E mudou na côr da cêra  
Do lindo rosto o rubor :  
Ver mouriscos não quizêra  
Nas terras do nobre Ansor.

Mouros , christaons victoream  
Os noivos recém-chegados ,  
Que nos seus paços se apeam ,  
Para a voda preparados :  
Os menestreis já estream  
Os seus cantos costumados.

Ei-los lá vam á capella  
Palavras sanctas dizer,  
Com as quaes morre a donzella,  
Renasce, e fica mulher.  
Oh ! feliz o senhor d'ella,  
Quando assim pode escolher !

„ Alto lá ! dom cavalleiro !  
„ Alto lá ! „ brada Ismaél ;  
„ Do teu rey és prestameiro ,  
„ Paga o prestamo fiel ;  
„ Se não queres , traiçoeiro ,  
„ Ser tido como revél.

„ Elvira , as cinco donzellas ,  
„ Que ella traz por companhia ,  
„ Todas nobres , todas bellas ,  
„ Sam da minha alcaidaria ;  
„ Eu reclamo a todas ellas ,  
„ Só um califa as merecia. „

Como a loba a quem roubára  
Filhinhos o caçador,  
Que mil vidas desprezára  
Por colher seu roubador ;  
Assim de raiva ficára  
Gaésto accêso em furor.

„ Antes minha alma vendêra  
„ Ao mafoma teu maldito ,  
„ Do que Elvira eu te cedêra ,  
„ Renegado vil , proscripto.  
„ Nestes muros só impera  
„ Gaésto Anzor : tenho dito. „

Ismaél já prevenira ,  
Que havia de combater ;  
Cotta de malha vestira ,  
Para os golpes não temer :  
Contra Anzor logo investira  
Sem que este o possa offender.

Peleja dura se trava ,  
Peleja bem desigual ;  
Cada golpe que se dava  
Parecia golpe mortal :  
Tinir d'armas resoava  
Com estampido infernal.

Mas Anzor não tinha espada ;  
Ficou na sélla pendente ;  
Só a adaga acicalada  
É a arma que tem presente :  
E defende Elvira amada  
Contra a mourisma , valente.

Gaésto Anzor mal podia  
Contra os mouros resistir,  
Que do seu chefe á porfia  
Todos correm a acudir :  
O sangue, as forças perdia  
Sem da empreza desistir.

Mas por fim já mal ferido ,  
Não pode mais combater ;  
Cáe no chão , perde o sentido ,  
Sente a vista escurecer :  
Elvira tinha perdido ,  
Agora só quer morrer.

Os mouros levam captivas  
Elvira, as cinco donzellas ;  
Muito mais mortas que vivas  
Vam as coitadas tão bellas :  
Os mouros vistas lascivas  
Audazes lançam por ellas.

Os christaons foram vencidos ,  
Vencido Gaésto Ansor ;  
Ismaél julga cumpridos  
Os votos do seu amor.  
No castello só gemidos  
Ouve agora o trovador.

FIM DO CANTO I.



## **GAËSTO ANSOR.**

„ ..... Com titulo falso possuindo  
„ A' nobre terra alhea chamam sua.

**CAM. Lus.**

## **CANTO II.**

„ Meu corcél! ah! corre, vòa;  
„ Corre, vòa meu corcél!  
„ Nunca fez preza tão bòa  
„ O renegado Ismaél.  
„ Meu corcél! ah! corre, vòa;  
„ Corre, vòa meu corcél! „

O espigão do estribo encrava  
Nos ilhaes do andaluz ,  
Que mui velóz galopava  
Sob o pêzo que conduz ;  
E dest'arte o animava  
O renegado da cruz.

„ Meu corcél ! ah ! corre , vôa ;  
„ Corre , vôa meu corcél !  
„ Nunca fêz preza tão bôa ,  
„ O renegado Ismaél.  
„ Meu corcel ! ah ! corre , vôa ;  
„ Corre , vôa meu corcél !

Posta sobre o arção da sella ,  
Ismaél conduz Elvira ;  
É seu peito o encosto della ,  
Dos seus braços a cingira ;  
Insensível a donzella ,  
Luz , acordo lhe fugira.

Ismaél , co' a vista ardente ,  
Encantos seus contemplava ;  
E n'um delirio crescente  
Contra o seu peito a apertava :  
Parecia pomba innocente  
Que açur faminto empolgava.

Andaluz negro corria  
Como se o vento o levára ;  
Nem seu correr lh'impedia  
O pêzo que se augmentára :  
Do seu dono parecia  
Que o dezejo adivinhára.



Longo espaço tem corrido,  
Sem que Elvira o percebesse ;  
Ver o seu Anzor ferido  
Fêz que os sentidos perdesse ,  
E do mais acontecido  
Que a infeliz não soubesse.

O corcél já vai cançado ,  
Já quasi folêgo não tem ;  
Fôra mal aconselhado  
Não esperar os mouros que vem :  
Todos atraz tem ficado ,  
Nenhum corria tão bem.

Christans captivas traziam  
Sobre os cavallos possantes ;  
Como o chefe não corriam ,  
Não eram todos amantes ;  
Fieis escravos sabiam  
Que ficavam como d'antes.

Ao corcél abranda o passo ,  
Sempre a olhar para Elvira ;  
Consulta no seu regaço ,  
Se a linda prêsa respira :  
Mas decorre um longo espaço ,  
Ismaél pára , e suspira.

Elle que até alli sonhára  
Instantes só de prazer ,  
E só no gôzo pensára  
D'Elvira nos braços ter ;  
Agora só receára  
Sua ventura perder.

Geladas maons da donzella ,  
Nas suas quer aquentar ;  
E tomando os pulsos della ,  
Não sente as veias pulsar ;  
Que está morta parece ella ;  
Quizéra-a resuscitar.

„ Ai de mim ! cauzei-te a morte !  
„ Ai de mim ! fui teu algôz !  
„ Mais infeliz minha sorte ,  
„ Mais que a tua é mais atroz !  
„ Ai de mim ! cauzei-te a morte !  
„ Ai de mim ! fui teu algôz !

„ Ai de mim ! cauzei-te a morte !  
„ Ai de mim ! fui teu algôz !  
„ Meu amor era tão forte ,  
„ E só delle eu fui apoz.....  
„ Ai de mim ! cauzei-te a morte !  
„ Ai de mim ! fui teu algôz !

„ Ai de mim ! cauzei-te a morte !  
„ Ai de mim ! fui teu algôz !  
„ Eu queria ser teu consorte ,  
„ Mas teu odio se ante-pôz...  
„ Ai de mim ! cauzei-te a morte !  
„ Ai de mim ! fui teu algôz ! ,,

Por esta forma exprimia  
Ismael o seu cuidado ,  
E mil extremos fazia  
Sem ser mais affortunado ;  
Porque Elvira não ouvia  
Seu queixume ao vento dado.

Amarga lagrima sáe  
Dos seus olhos , quazi ardendo ,  
No rosto d'Elvira cáe ,  
Que a sentiu estremecendo :  
Vê a luz , e se lhe esváe ,  
De novo o acôrdo perdendo.

Nesse curtissimo instante  
Que Elvira ao dia tornou ,  
D'um mouro viu o turbante ,  
Gaésto Ansor lhe lembrou ;  
Recordou o seu amante ,  
E tudo quanto passou.

Descrever do cavalleiro  
Como se muda a expressão ,  
Lédo o rosto que primeiro  
Era triste de afflicção ,  
Descrever fôra o inteiro  
Volume do coração.

„ Vive ainda ! ainda é viva  
„ Elvira minha adorada !  
„ Ah ! não sejas tão esquiva ,  
„ Torna em ti ó minha amada !  
„ Tu não es minha captiva ,  
„ És a minha despozada. „

O corcel então ferindo ,  
Corre , vôa á redêa solta ;  
Vam-no os seus mouros seguindo  
Que lhe serviam de escolta ;  
Nem o seu tropél sentindo  
Ismaél os olhos volta.

Já o dia tem baixado ,  
Já se havia posto o sól,  
Inda não tinham chegado  
Aos paços de Figueiról:  
Alli estava preparado  
Para Elvira o seu crysól.

Para alli a conduzia  
Ismaél , trédo amator;  
Era alli que recolhia  
Tributos do seu senhor;  
Era alli que elle escolhia  
Para altar do seu amor.

Alta a noute, a lua em cheio  
Aos campos dá frouxa luz;  
É então quando no seio  
Affectos alma traduz;  
Toda no seu devaneio,  
Visoens, dilirios produz.

O corcél em que montava  
Ismaél, por fim parou;  
Em Figueiról já estava,  
Em Figueiról já entrou;  
Ismaél já se apeava  
Com Elvira, que apeou.

Elvira no seu desmaio  
Parece como a honina  
Ferida por sol de maio,  
Em meio de uma campina;  
Pende-lhe o collo ao soslaio,  
Fermoza cabeça inclina.

Ismaél toma nos braços  
A Elvira desmaiada,  
Entra com ella nos paços,  
Sóbe com ella a escada,  
Apressa mais os seus passos  
Abre uma sala dourada.

Escravas cem apparecem  
Ao mando do seu senhor;  
Seus cuidados a guarecem,  
Solta Elvira um estertor;  
As trévas se lhe esvaécem,  
Volve a vista em derredor.

Horriavel, cruél tortura  
Soffria Elvira infeliz;  
Toda a sua desventura  
Aquella vista lhe diz:  
Feia morte, a sepultura  
A fizera mais feliz.

„ Elvira ! fermoza Elvira !  
„ Perdôa ao teu roubador ;  
„ Ah ! perdôa a quem suspira  
„ Por ti , captivo d'amor :  
„ Primeira vez que te eu vira ,  
„ Soube que amavas Anzor.

„ Em vão luctou o meu peito  
„ Contra um amor desesperado ;  
„ Reneguei por teu respeito,  
„ Sou um christão renegado !...  
„ Quem ama por este geito ,  
„ Merece ser desprezado ?

„ Ao califa cordovez  
„ A minha espada offereci ,  
„ E a promessa que me fêz ,  
„ Nem outro premio eu pedi ,  
„ Foi Elvira ; agora o vês ,  
„ Patria , e Deus troquei por ti. „

Porém a bella captiva  
A isto nada responde ;  
Fica afflicta , e pensativa ,  
Quer fugir ; mas para onde ?  
Sua dôr mais se lhe aviva ,  
N'alvas maons seu rosto esconde.

Suspiros mil redobrados  
Buscam do peito partir ;  
Mas lá ficam sepultados ,  
Nem de lá podem sahir ;  
Soluços descontraídos  
Ismaél só pode ouvir.

Conforto dos desditosos ,  
Prazer amargo , esse pranto ,  
Que nos tranzes dolorosos  
Alivio á dôr nos dá tanto ,  
É que aos mais desventurosos  
Serve de balsamo sancto ;

Nem essa triste ventura  
Infeliz Elvira tinha ,  
Todo o calix da amargura  
Dentro do peito continha ;  
É todo o fêl da tristura  
Bebe a tragos a mesquinha.

„ Elvira ! tens do meu peito ,  
„ De minha alma o senhorio ;  
„ Depósito com respeito  
„ A teus pés meu alvedrio ;  
„ Tudo por ti eu engeito ,  
„ Só quero teu senhorio.

„ Minhas terras , meus castellos ,  
„ Presentes do cordovez ,  
„ Adornos ricos , mais bellos ,  
„ Estes paços que tu vês ,  
„ Só fólgo de agora tê-los  
„ Para os depôr a teus pés.

Elvira então ergue o rosto ,  
Volve os olhos para o céu ,  
Para o céu onde tem posto  
Extremo refugio seu ;  
E afogada em desgosto  
Esta resposta lhe dêu :

„ Não penses mouro descrido ,  
„ Não julgues ó renegado ,  
„ O teu fim ter conseguido ,  
„ Teu intento haver logrado ,  
„ Por teres Anzor vencido ,  
„ Por me haveres captivado :

„ Podes lançar-me cadeias ,  
„ Dar-me tratos de polé ,  
„ Tirar-me o sangue das veias ,  
„ A luz dos olhos até ;  
„ Não mudas minhas ideias ,  
„ É d'Anzor a minha fé :

„ Viva , ou morta , eu desgraçada ,  
„ Vivo , ou morto , sou d'Anzor ;  
„ Ismaél , nem tua espada  
„ Desfaz os laços d'amor ;  
„ Tu em mim não podes nada ,  
„ Que a ti só tenho rancor .

„ Desprézo as tuas offrendas ,  
„ Eu nada quero de ti ;  
„ Só quero que tu me vendas  
„ Liberdade que perdí :  
„ Outra cousa não entendas  
„ Ouvirás nunca de mi .

„ Tenho terras , e vassallos ,  
„ Ricas joias ; tudo é teu ;  
„ Podes em paz disfructa-los ,  
„ Do resgate é preço meu :  
„ Meus bens livres posso da-los ,  
„ Livre porém não sou eu . ,

Ismaél impaciente  
Elvira apenas ouvia ;  
No resgate não consente ,  
Outro resgate elle queria :  
E a infeliz innocente  
Ao céo soccorro pedia .

„ Virgem do céo amparai-me !  
„ Valei-me , virgem do céo !  
„ Deste infiel libertai-me !  
„ Oh ! vinde em soccorro meu !  
„ Ou senão antes matai-me ,  
„ Que antes morrer quero eu... ,



Grito d'allarma se ouvira ,  
Grito d'allarma = Christaons ! =  
Ao ponto que a triste Elvira  
Ao céo ergue as lindas maons :  
Parece que já respira ,  
Talvez sejam seus irmaons.

Ismaél sahio da sala  
Para vêr o que scria ;  
Receio , amor o abala ,  
Uma surpresa temia ;  
Podem vir christaons rouba-la ,  
Perder a prêza não queria.

Ouve-se ao longe ruido ,  
Não sabe Elvira o que é ;  
Applica attento o ouvido ;  
Ouvir tropél ora crê.  
= Christaons ! = julgou ter ouvido :  
Serão elles ? tinha fé.

As escravas a deixáram ;  
A sala ficou deserta ;  
As portas todas fexáram ;  
Nem uma só fica aberta ;  
Esperanças ! já se acabáram ;  
Ergue as maons , as maons aperta.

Cahe no chão ajoelhada ,  
Porém não póde rezar ;  
A triste desventurada  
Não póde a reza atinar ;  
Nem palavra articulada ,  
Infeliz , póde acabar.

Os seus labios não rezavam ,  
Mas rezava o coração ;  
Se as palavras lhe faltavam ,  
Não lhe falta a devação :  
Anjos do céo entoavam  
Em córos sua oração .

Silencio tudo é agora ,  
Solidão , mêdo , e terror ;  
Cada instante é uma hora  
D'eterna angustia , d'horror .  
Elvira , coitada , óra ,  
Ora sempre com fervor .

Quantas horas tem passado ,  
Ella não sabe dizer ;  
Os instantes tem contado ,  
Muitas , muitas devem ser :  
Sempre julga ver chegado  
Ismaél , que a faz tremer .

Uma voz , como cantando ,  
Veio Elvira distrahir ;  
O som da voz é mui brando ,  
De longe deve partir ;  
Ficou Elvira escuitando ;  
Trovador ! deixa-a ouvir .

„ Oh ! mal haja esse tyrano ,  
„ Maurogato , intruso rey ;  
„ Que das Asturias em damno ,  
„ Governa com tão má ley ,  
„ Que paga em cada anno  
„ Tributos da sua grey .

„ Cincoenta nobres donzellas ,  
„ Plebêas outras cincoenta ,  
„ Tributos sam todas ellas  
„ Do cordovez , que o sustenta ;  
„ Como se forain gabellas ,  
„ Sua torpeza apascenta.

„ Oh ! mal haja esse malvado  
„ Maurogato usurpador ,  
„ Que o throno seu tem firmado  
„ Nesse contracto d'horror !  
„ E as virgens christans tem dado  
„ Aos mouros , como a senhor.

„ Já não ha um cavalleiro ,  
„ Já não ha nobre christão ,  
„ Nem amante verdadeiro ,  
„ Ou todos covardes sam :  
„ Deviam morrer primeiro  
„ Que soffrer tal servidão :

„ Deshonra vil nos espera ,  
„ Sem ninguem nos acudir ;  
„ Armas , força quem tivéra  
„ Para poder resistir !  
„ Ó meu Deus , oh ! quem me déra  
„ Desta masmorra fugir ! ,

D'uma captiva como ella  
Era a voz que isto cantou ;  
Ben conheceu a voz della ;  
Sua amiga , e suspirou ;  
Sua parente , e donzella  
Que ao castello a acompanhou.

Bastante em si já continha,  
Para mais pena conter;  
Alma porém ella tinha  
Para infinito soffrer:  
Quazi a sorte da mesquinha  
Lhe faz a sua esquecer.

Filho do céo és tormento  
Que se chama compaixão,  
O mais bello sentimento  
Que vive no coração:  
D'alma tu és ornamento,  
Do peito nobre expressão:

Quanto porém é mais bello,  
Se olvidando as proprias penas,  
As alheias só descobre  
Julgando as suas pequenas,  
E as mágoas suas encobre  
Pensando sam mais amenas!

Elvira, quasi esquecêra  
Insoffrido seu penar;  
Pouco a pouco adormecêra  
Cançada já de chorar;  
Ismaél, ah! não tivera  
Maldade para a acordar.

Entrou um vulto na sala;  
Sem ruido algum entrou;  
Parou, como a contempla-la;  
Cheio d'amor a beijou.  
“Ai Jesus!” e fez cala-la;  
C'os seus labios a calou.

FIM DO CANTO II.

## GAÉSTO ANSOR.

„ Eis as lanças , e espadas retiniam  
„ Por cima dos arnezes : bravo estrago !  
„ Chamam (segundo as leis que alli seguiam )  
„ Huus Mafamede , e outros Sant-Iago.

CAM. LUS.

## CANTO III.

Ata o fio á tua historia ,  
Torna atraz ó trovador !  
Traz-nos agora á memoria  
A sorte do nobre Ansor ;  
És cantor da sua gloria ,  
Tu cantas o seu amor.

Gaésto Anzor combatêra  
Com um valor extremado ;  
Ismaél só o vencêra  
Pelas armas ajudado ;  
D'outra sorte não podêra  
Gaésto haver derribado.

Deffendendo a sua Elvira  
Que os mouros queriam roubar,  
Era tal a sua ira  
Que mal se pode guardar  
D'espontão, com que lhe atira  
Maldito filho d'Agar :

Dá-lhe o espontão na cabeça,  
Aturdido os olhos cerra,  
De novo a lucta começa,  
A adaga nas maons afferra,  
A dôr o vence, tropeça,  
Ei-lo cahido por terra.

O sangue das suas feridas,  
Como gelado, parou ;  
Mas dos mouros muitas vidas  
Aquelle sangue custou :  
Em torno estão desparzidas  
Moédas, com que o pagou.

Os christaons vendo cahido  
Gaésto, seu capitão,  
O esforço tinham perdido,  
Cediam á multidão :  
Uns delles tinham fugido,  
Outros jaziam no chão.

Tinha Elvira desmaiado  
Ao ver o sangue d'Ansor ;  
As demais tinham ficado  
Tranzidas com o temor :  
Ismaél tinha ordenado  
A cada uma um conductor.

Por esses plainos vam ellas  
Levadas pelos descridos ;  
Esforços vaons sam os dellas ,  
Nem lhes valem seus gemidos ;  
Vam os gritos das donzellas  
Por esses valles perdidos.

Depois de muitos momentos  
Ansor á vida tornou ;  
Todos da raiva os tormentos ,  
Todos sua alma passou :  
Mas não foi com vaons lamentos  
Que os martyrios seus mostrou.

Está deitado no seu leito ,  
Todo coberto de pó ,  
Cheio de sangue, desfeito ,  
N'um estado que mette dó :  
O que mais custa a seu peito  
Tu sabes , Elvira , só.

Cercado por séus criados ,  
Que amargo pranto vertiam ,  
E que os mais ternos cuidados  
Por seu senhor repartiam ;  
Sentidos seus tem cobrados ,  
Que as dores não lhe doiam.

Sangue que havia perdido  
Lhe produz geral fraqueza;  
Descanço havia podido  
Restaurar-lhe a natureza;  
Elvira tem no sentido,  
Elvira, que estava prêza.

„ Se as minhas armas podéra  
„ Neste meu corpo envergar;  
„ Se ao menos forças tivera  
„ Para poder cavalgar;  
„ Thezouros meus todos déra,  
„ Todos eu quizera dar.

= Nobre Ansor! tu não careces  
= Teus thezouros dispendar;  
= Dar-me has tu, se tu guareces,  
= Aquillo que vou dizer?  
= Meu saber tu bem conheces;  
= Contracto, queres fazer? =

Isto responde uma escrava  
Já muito velhá, judia,  
Que no castello passava  
Por saber da bruxaria;  
E que a todos curava  
C'os remedios que fazia.

„ Solima! diz o que queres;  
„ Solima! tudo te dou;  
„ Agora porque differes?  
„ Teu senhor já te faltou?  
„ Minha alma não desesperes,  
„ A tudo prompto já estou. „



Como que hesita a velha  
Sobre o que ha de pedir,  
E consigo se aconselha  
De quanto deva exigir;  
Nos olhos como centélha  
Deixa por fim transluzir.

= Nobre senhor ! não pertendo  
= Da vossa fé abusar ;  
= Serviços caros não vendo ,  
= Escrava sou , mas sei dar :  
= Só vos peço que , em morrendo ,  
= Queirais Zulmira amparar.

= Zulmira ! minha Zulmira !  
= Seja teu pay nobre Anzor ;  
= Nos desertos de Palmyra  
= Foi teu pay , um roubador...  
= Queira o céo que tu , e Elvira  
= Tenham a sorte melhor ! =

Apenas isto dicéa  
Sahiu da sala a correr ;  
A resposta não espéra ,  
Já sabe qual deve ser ;  
Bebida , que ella tempéra ,  
N'um instante vem trazer.

Tomou Anzor a bebida :  
Quazi de um trago a bebêu ;  
As suas forças , á vida ,  
Como ensanchas conheceu ;  
E á escrava enternecida ,  
C'um sorrizo agradecêu.

„ Solima ! tu, e Zulmira  
„ Sois livres d'hora em diante ;  
„ Queira o céo que eu veja Elvira  
„ Tão pura, como era amante ;  
„ Porém minha alma delira ?  
„ Dai-me cá esse montante ;

„ Dai-me cá essa armadura ;  
„ Vesti-me já esse arnêz ;  
„ Cota de malha a mais dura,  
„ Que a malha nunca desfêz ;  
„ Melhor escudo procura... „  
Seu pagem tudo isto fez.

Ou da bebida é effeito,  
Ou foi prodigio d'amor,  
Renascem forças no peito,  
Recobra todo o valor ;  
E d'amor no seu despeito,  
Assim diz Gaésto Anzor :

„ Ou será o derradeiro  
„ Este dia de meus dias,  
„ Ou Ismaél traiçoeiro,  
„ Pagarás aleivosias !  
„ E não seja eu cavalleiro  
„ S'inda outra vez me vencias ! „

Já está prompto o seu cavallo,  
O seu corcél mais veloz ;  
Sem demora d'intervallo,  
Sobre a sella se compòz :  
Criados, sem consulta-lo,  
O vam seguindo apoz.

Como o raio desprendido  
Das nuvens, os ares fende,  
O corcél embravecido  
Por esses plainos se estende;  
Parece que ha percebido  
Tudo da pressa depende.

Porém não segue a estrada,  
Qu' Ismaél seguido havia,  
Fôra longa, e demorada,  
A tempo não chegaria;  
Veréda menos trilhada,  
Mais curta Anzor escolhia.

Montanhas, bosques, outeiros,  
Os christaons deixam atraz;  
Sob os corceis tão ligeiros  
A terra em pó se desfaz:  
Só tropél de cavalleiros,  
Outra bulha não se faz.

Gaésto Anzor! que pensavas  
Durante o longo caminho?  
Em que tua alma occupavas  
Facilmente eu adivinho;  
Estas cousas tu falavas  
Comtigo mesmo sósinho:

„ Quem sabe se a tempo chego?  
„ A tempo, sim, chegarei;  
„ Tudo estará em socêgo,  
„ Os mouros surprehenderei;  
„ E no meu furor tão cego,  
„ Nenhum delles pouparei.

„ Mas Elvira? a minha Elvira !  
„ Elvira aonde estará?  
„ Sim ; é ella que suspira ;  
„ Elvira ! espera ; eu vou já.  
„ Eu pensei que a ouvira ;  
„ Agoiro horrivel será? „

Que terrivel pensamento  
Na sua alma esvoaçou?  
Que novo, cruel tormento  
O seu amor inventou?  
Era tal que, um momento,  
Quazi o triste suffocou.

Trovador ! não cales nada ;  
Diz-nos tudo, ó trovador !  
Quanto sente a apaixonada,  
Sensível alma d'Anzor ;  
Não occultes reservada  
Nenhuma pena d'amor.

Gaésto Anzor vai correndo,  
Uma só ideia o guia,  
A mágoa que vai soffrendo  
Desta ideia só nascia:  
Elvira julga estar vendo,  
E salva-la não podia...

Julga ouvir o renegado  
Palavras ternas dizer ;  
Pensa ouvi-lo mais ousado  
O seu amor offerecer ;  
E vê-lo ajoelhado,  
Alvas maons como a prender...

Mas Elvira não cedêu ;  
Seu torpe amor repelliu ;  
Ismaél não procedêu ,  
Erguêu-se triste , e sahiu...  
Não... voltou... ! ,, Anjos do céu ! ,,  
Gritou Elvira , e fugiu...

Foge em vão a desgraçada ,  
Um feroz abutre a segue ,  
E fraca , desventurada ,  
O renegado a persegue :  
E a triste tão coitada ,  
Agarrar emfim consegue...

Desigual lucta se trava ;  
Ismaél não triumphou ;  
Co' a virtude pelejava ,  
Elvira se lhe escapou ;  
Mas de novo a segurava  
Ismaél , que a segurou...

Como que de um beijo ardente  
Ouviu horrivel sonido...  
Como que da innocente  
Sentiu o extrêmo gemido...  
Todo o inferno tem presente ,  
Todo o inferno tem soffrido...

Suor frio o corpo cala ;  
Arde em chamma o coração ;  
E vem um sopro apaga-la ,  
Chamado desesperação :  
Situação tal decifra-la ,  
Trovador tentára em vão.

Esse beijo , esse lamento ,  
Tinham um écho infernal ;  
Repassam alma em tormento ;  
Cravam-lhe agudo punhal ;  
D'um eterno soffrimento  
Lhe dam tortura mortal.

„ Elvira não será pura ? ! ?  
„ Um beijo infame a manchou ? ! ?  
„ Será tal a desventura ,  
„ Que ao menos não expirou ? ! ?  
„ Ao menos a sepultura  
„ D'um malvado a libertou... „

Dentro em si isto dizia  
O desventurado Anzor ;  
Elle não sabe aonde hia ,  
Todo ciume , e furor :  
Seu corcél é quem o guia ,  
O instincto , digo melhor.

Oh ! como é longo esse espaço ,  
Que ainda tem de correr !  
Como está longe esse paço ,  
Que teme , e deseja vêr !  
Mas não o vence o cançasso ,  
Milagre amor sohe fazer.

Distantes luzes parecem ,  
Era Figueiról por fim ;  
As precauçoens não lhe esquecem ;  
Pára , e aos seus diz assim :  
„ As trevas nos favorecem ;  
„ Entrêmos neste jardim. „

Assim fála o nobre Ansor ;  
A todos diz seu lugar ;  
A cada um seu valor ,  
Seu zêlo , esforço quer dar ;  
Da noute com o favor  
Os ensina a pelejar.

Era negaça ajustada  
Os mouros ir commetter ,  
E fingir que , mallograda  
A tenção de os surprehender ,  
Fugiam , sem querer mais nada ,  
Fugindo a bom correr :

Assim elles enganados  
Apoz os poucos iriam ,  
E os paços abandonados ,  
Sem deffêza deixariam ;  
E os christaons desafrontados  
Os paços atacariam ;

O que Ansor bem disposéra  
A sorte favorecêu ;  
Como se o fado quizéra  
Ajudar o empenho seu ;  
Como queria acontecêra ,  
O que pensou succedêu.

Ansor uns poucos envia ,  
Que os mouros desafiáram ;  
„ Christaons ! „ bradou um vigia ,  
„ Christaons ! „ os mouros bradáram ;  
Nem da trama que se urdia ,  
Mouriscos desconfiáram.

Ismaél tinha descido  
Quando ouviu bradar „, Christaons!,,  
Cavallos tinha sentido,  
Terroros seus não sam vaons;  
No laço tinha cahido,  
Querendo colhê-los ás maons:

Com seus mouros vai correndo ;  
Deixa-los óra correr ;  
Os christaons estam tecendo  
A rêde para os prender:  
Já longe Ansor os está vendo,  
Pode agora accommetter.

Ouvira Ansor a cantiga,  
Que a donzella cantou,  
Quando da sorte inimiga  
A infeliz se queixou;  
Óra é tempo que prosiga  
A emprêza que começou.

Vê aberta uma janella,  
Luzes dentro a relumbrar,  
Sem esquecer a cautélla  
Foi a janella escalar:  
Ao entrar, Elvira bella  
Estava dormindo a chorar.

Tinha Elvira adormecido  
Como estava, ajoelhada;  
Seu rosto havia cahido  
Sobre uma verde almofada;  
Diceras, era parecido  
C'uma assucêna esfolhada.



Ansor a viu tão fermoza ,  
Que em meio parou da sála ;  
Mas sua alma receosa ,  
Ficou triste a contempla-la ;  
Parece estar duvidosa  
Se pode *sua* chama-la.

„ Minha... sim ; és sempre minha  
„ Qualquer que fosse o teu fado...  
„ Infeliz ! pobre mesquinha... !  
„ Tu és d'Ansor desgraçado...  
„ Porem minha alma adivinha  
„ Qu'inda pura eu te hei achado. ,,

Colando os beijos nos della ,  
Elvira fez acordar ;  
Queria gritar a donzella ,  
Outro beijo a fez calar :  
Estava Ansor nos braços della ,  
Está Elvira a soluçar :

Chorava alegre de gosto ,  
Gaésto Ansor conhecêu ;  
Era de um anjo o seu rosto ,  
D'anjo o mais bello do céo.  
Ansor ao collo a tem posto ,  
E no jardim a descêu.

Os mouros sentem ruido ,  
Ao jardim vem acudir ;  
Tudo Ansor tem prevenido ,  
Nelles começa a ferir ;  
Os mais delles teem sahido  
Outros christaons perseguir.

Facil foi esta victoria ,  
Ismaél não estava alli ;  
Mas não finda a minha historia  
Tão breve agora , ainda aqui ;  
E d'Anzor a maior gloria ,  
Proêzas não esqueci.

Ismaél volta açodado  
Os seus mouros socorrer ;  
Parece tigre esfaimado ,  
Tudo abala , e faz tremer ;  
De quantos golpes tem dado  
A um christão faz morrer.

Estam em frente os dois rivais ,  
Ismaél combate Anzor ;  
Mediam forças iguais ,  
Iguais na sanha , e furor ;  
Ambos vós , vós disputais  
Elvira , cégos d'amor.

Ficou Anzor desarmado ,  
Partiu-lhe a espada na mão ;  
Ismaél já triumphado  
Cuida ter ; mas inda não :  
De novo Anzor está armado ;  
Sêco tronco as armas sam :

O tronco de uma figueira  
Esgalha , sem trepidar ;  
Com elle sobre a cimeira  
D'Ismaél foi acertar ,  
E a pancada tão certa  
Fêz Ismaél expirar.

„ Victoria ! „ clamam „ Victoria ! „  
Os christaons , Gaésto Anzor ;  
Todos teem premio de gloria ,  
Só um tem premio d'amor.  
Finda aqui a tua historia ,  
Finda aqui , ó trovador.

FIM.



### NOTAS.

O assumpto deste romance foi tirado de umas curiosissimas memorias manuscriptas , que teve a bondade de confiar-me a Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> Marqueza da Bemposta Sub-serra, cujo ascendente é Gaésto Ansor, e cuja casa, a de *Figueiredo das Donas*, ella possui, e representa.

Não cabia, no curto espaço de umas notas, o texto daquellas preciosas memorias; mas para dellas ter uma ideia o leitor, transcreverei um extracto do capitulo nono da Monarchia Lusitana, parte segunda, em tudo conforme com o que alli se acha es-

cripto. Frey Bernardo de Brito diz assim no lugar citado :

„ Maurogato se valeu d'ElRey Abdrraman de Cordova, promettendo-lhe reconhecimento de vassalagem, se o favorecesse com gente de guerra, para conquistar o reyno das Asturias, e obrigando-se a lhe pagar em cada um anno cem donzellas de tributo, as cincoenta nobres, e as outras cincoenta plebêas.....

„ Seis annos durou o desterro de Dom Affonso, e tyrania de Maurogato, e para melhor dizer o opprobrio, e afrontosa miseria de toda a Hespanha, pois em todos elles se pagavam as cem donzellas christans aos reys de Cordova, e se mandavam recolher em Asturias, Portugal, e Galiza pelos moradores christaons que obedeciam aos reys de Oviedo; sendo peor a condição dos que viviam em jurisdicção de christaons, do que a dos que viviam nas proprias terras dos mouros, pois estes satisfaziam com grandes tributos de dinheiro, e os outros com a vida, e honra de suas proprias filhas...

„ Repartia-se a cada comarca as que lhe cabiam, e apontando as justiças d'ElRey as que haviam de ir, se entregavam aos mouros, que vinham receber esta miseravel imposição, deixando os pays, amigos, e parentes em tão sentido pranto como se as viram mortas diante de seus olhos; e não faltavam ás vezes pessoas honrosas, e de espiritos verdadeiramente honrados que, com lastima de tomarem la afronta, se offereciam

á morte, por salvar algumas destas donzellas.....

„ Temos em Portugal memoria de tanto e maior fundamento, que é o lugar chamado *Figueiredo das Donas*, tres legoas da cidade de Viseu, junto ao concelho de Lafoens, onde sabemos por tradição immemorial, que foram livres seis donzellas, dessas que se davam aos mouros, por um cavalleiro christão, a quem a lastima de as ver em tal estado, obrigou a desestimar o perigo da vida, pelo da sua honra, e liberdade.

„ Foi pois o caso, que tendo já recolhido seis, que, conforme a tradição vulgar, deviam ser das nobres, as poseram os mouros em certa casa forte, cujas ruinas se veem em nossos tempos no proprio lugar de Figueiredo, ainda que mui damnificadas.....

„ Succedeu encontra-las no pomar da casa em que as guardavam um cavalleiro, que dizem se chamava Gaésto Anzor, que determinou aventurar a vida, para não deixar seguir tão lastimosa ventura; sentiram as guardas andava gente que falava, e acudindo a impedir a conversação, o animoso christão, com alguns que o acompanhavam deu nos inimigos, onde pelejou tão valorosamente, que depois de lhe quebrar a espada, destroncou o ramo de uma figueira, com que acabou de vencer, e desbaratou os poucos que lhe ficavam, e pôz em salvo as seis donzellas, que já estavam entre-

gues nas maons dos barbaros; e por succeder esta façanha dentro do pomar, donde havia muitas figueiras, que ainda não faltam naquella terra, e ser o ramo destroncado da figueira instrumento de tomar la obra, tomou Gaésto Anzor por divisa cinco folhas de figueira, em lembrança das cinco donzellas, pondo outra por timbre do elmo, que faz o numero de seis: e querem alguns que fosse esta uma dellas com quem se cazou, e que por ventura foi causa da liberdade das mais: e como fosse ordinario na lingua portugueza antiga em versos, e cançoens, e o seja ainda agora, chamar a muitas arvores juntas, arvoredo, a muitos alemos, olmedo, assim a muitas figueiras chamavam figueiredo, donde ficou o nome ao lugar, e ao cavalleiro que alli fez obra tão digna de lembrança; e porque podia haver outros lugares neste reyno com o proprio nome, o differençaram dos mais com o sobrenome que dura até agora de *Figueiredo das Donas*, que então valia tanto como senhoras, e era appellido só de gente muito nobre.....

„ E porque em materias onde faltam aucthores val muito a tradição vulgar, e as cousas que os antigos obravam entretém como authenticas, e verdadeiras, e as entregavam a seus descendentes nos romances e cantares, que então se costumavam pôr em parte daquelle cantar velho, que vi escripto em um cancioteiro de mão, que foi de Dom Francisco Coutinho, Conde de Maria



Ceia , e veio á mão de quem o estimava bem pouco , e depois o ouvi cantar na Beira a lavradores antigos , com alguma corrupção , e sem duvida foi composto em memoria deste successo , na forma seguinte ;

„ No Figueirol de Figueiredo

A no Figueirol entrei  
Seis ninhas encontrára  
Seis ninhas encontrei  
Para ellas andara  
Para ellas andei  
Lhorando as achara  
Se lhorando as achei  
Logo lhes procudara  
Logo lhes procudei  
Quem las maltratara  
E a tam mala Ley  
No Figueirol Figueiredo  
A no Figueirol entrei  
Una replicara  
Inforlam nom sei  
Mal homem tem la terra  
Que tem o mal Rey  
Se eu as armas usara  
E a mim fé nom sei  
Se hombre a mim levara  
De tam malla Ley  
A Deos vos voa dor  
Graçam ca nom sey  
Se onde me falardes  
Mais vos falarei  
No Figueirol Figueiredo

E no Figueirol entrei  
Eu lhe propicara  
A mim fe nom hirey  
E a olhos dessa cara  
Caros os comprarei  
A las longas terras  
Entre voprierei  
Las compridas vias  
Eu las andarei  
Linguas de Arviar  
Eu las falarei  
Mouros se me vissem  
Eu los matarei  
No Figueirol Figueiredo  
Ca no Figueirol entrei  
Mouro que las guarda  
Cerca lo achei  
Mal la miassara  
Eu mal me anuguei  
Troncom dezagalhara  
Troncom dezagalhei  
Todos machucara  
Todos machuquei

Las ninhas furtara  
Las ninhas furtei  
Los que a mim falara  
N'alma lhas chantei  
No Figueirol Figueiredo  
A no Figueirol entrei. „

Julgo que meus leitores me desculparão a

extensão desta nota ; e certo estou que muitos delles , não tendo conhecimento desta nossa antiga chácara , folgarão acha-la aqui, como no seu proprio lugar.

FIM DAS NOTAS.



# Os votos denodados.

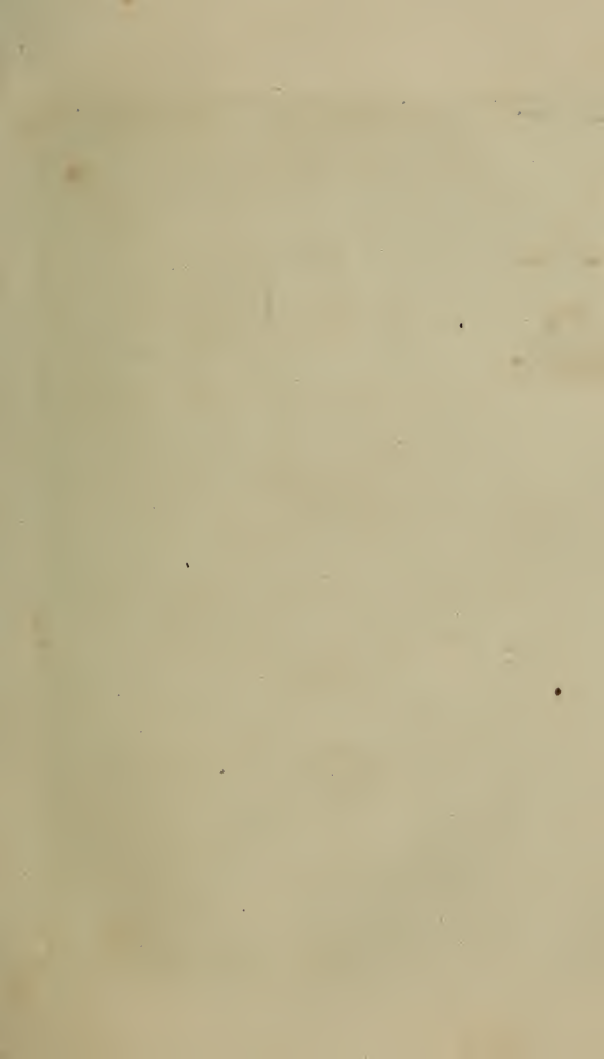
DEDICADO

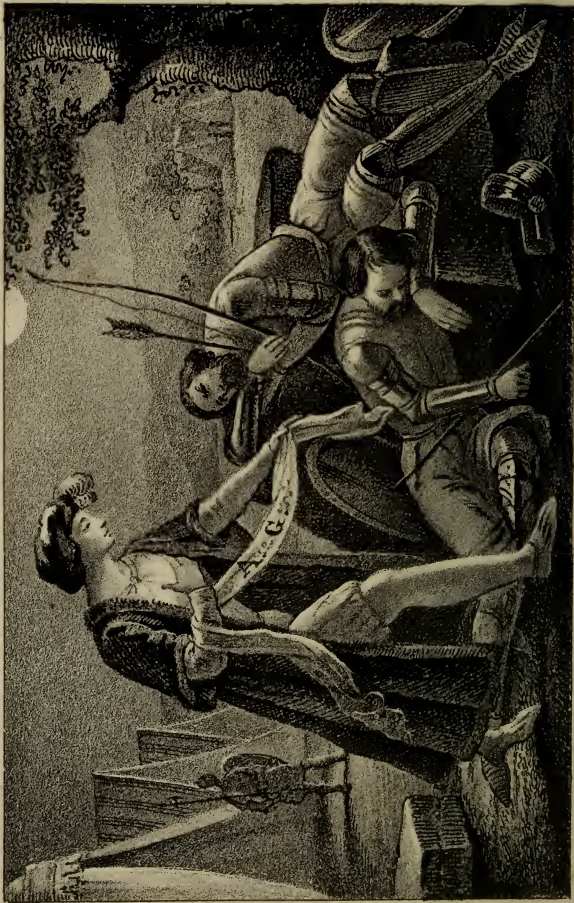
Ao meu intimo amigo

*João d'Albuquerque de Mello*

*Pereira e Cáceres.*









## OS VOTOS DENODADOS.

„ *Sobre qual mais com animo valente*  
„ *Perigos vencerá do Marcio jogo ,*  
„ *Porfiam .....*

CAM. LUS.

## CANTO I.

Morrêra ElRey Dom Fernando,  
Que entre nós foi o primeiro,  
Portugal orfão deixando,  
Em miseria, e captiveiro.  
A filha tinha cazado  
Com Dom João de Castella;

Portugal tinha levado,  
Beatriz, em dote della:  
Mas o povo portuguez  
Não se dá como um rebanho;  
Tem armas, veste o arnez,  
Não soffre opprobio tamanho.  
A raynha Lianor  
Ficára como regente,  
Mas dos povos o furor  
Seu governo não consente.

Já foi morto o Conde Andeiro,  
Que era amador da Raynha;  
Estava armado um povo inteiro,  
Que a espada não embainha:  
Dom João, mestre de Aviz,  
Irmão d'ElRey Dom Fernando,  
Por defensor elle quiz,  
Liberdade apregoando:  
Dom João, como esforçado,  
Difficil cargo aceitou;  
Tantas batalhas tem dado,  
Quantas victorias ganhou:  
Já Lisboa descercára  
Do poder do Castelhana,  
Que a emprêza abandonára  
Com desdouro, e maior damno:  
Em Coimbra os tres estados  
O elegem como rey;  
Sam capitulos jurados,  
Como é nossa antiga ley:  
O povo, o clero, a nobreza,  
Formam côrtes da nação;

Votam a sua defêza,  
Proclamam rey Dom João.  
Foi d'Almacáve na igreja  
Feito rey Affonso Henrique,  
Era conde na peleja,  
Não rey, em campo de Ourique.  
Dom João tambem já fôra  
Saudado rey em Lisboa,  
Mas como rey só agora  
Tomou o sceptro, e a corôa.  
Nos plainos d'Algibarrota  
Estam dois reaes acampados,  
Elles serão gota a gota  
De sangue bem salpicados:  
Amanhã o grande dia  
Dessa batalha campal,  
Aonde se decidia  
Da sorte de Portugal.

Poucos sam os portuguezes,  
Valentes todos, leaes;  
Os poucos podem ás vezes  
Mais que os muitos muito mais:  
Cada um delles dezeja  
Libertar a sua grey;  
Cada um delles peleja  
Por seus foros, por seu rey.  
Sam muitos os de Castella,  
Vem Portugal conquistar,  
Esta provincia tão bella,  
Ás suas querem juntar.  
Muitos nobres olvidando  
Tudo quanto á patria devem,

Aos de Castella ajudando,  
Contra os seus proprios se atrevem !  
Portuguezes renegados :  
Antes querem estranho rey ;  
Estavam acostumados ,  
A ter interesse por ley :  
A esses pouco lhes dóe  
Ver a patria em servidão ;  
Nem alma se lhes condóe  
Vendo soffrer a nação :  
Grandes estados , riqueza ,  
Cada um delles só quer ;  
Vendem patria com vileza  
A aquelle que mais lhe offerecer !  
Rey de Castella os comprára  
Com promessas de valia ,  
De seu braço se ajudára  
Para haver a monarchia.  
Cára porém lhe custára  
Até aqui sua intenção ,  
Vencido sempre ficára,  
Traidores sem galardão.  
Nesta batalha elle espéra  
Os portuguezes vencer ;  
Mil sacrificios fizéra  
Por grandes forças trazer :  
Quer vingar a sua afronta ,  
Quer chamar Portugal seu ;  
Com a victoria ja conta ,  
Mas inda não combateu.  
Cuida vencer facilmente  
Esses poucos portuguezes ;  
Fundada esperança desmente  
O successo muitas vezes.

Já as azes estão formadas  
Nos campos dos dois rivaes;  
No castelhano dobradas,  
Que as forças são muitas mais.  
Dom João os seus esforça  
Com palavras de primor,  
Mostrando que existe a força  
Aonde existe o valor.  
Era amanhã esse dia,  
Onde em batalha campal  
A sorte se decidia,  
Do reyno de Portugal.

Os mancebos mais ousados,  
Portuguezes cavalleiros,  
A ala dos namorados  
Formáram aventureiros;  
É verde a sua bandeira,  
Côr da esperança do amador,  
Precursora lisongeira  
De victorias, e d'amor.

Uma usança então havia,  
Fazer votos denodados;  
Esse voto consistia  
Em feitos muito arriscados.  
Gonçaleanes Castel-Vide,  
E Vasco Martins de Mello,  
Amam Anna d'Athayde,  
Que é da belleza um modelo.  
Ambos elles são amigos,  
Ambos elles são rivais,  
Ambos valentes nos perigos,  
Ambos nas forças iguais:

Ambos elles suspiravam  
Por Dona Anna, mas em vão;  
Por isso amigos ficavam,  
Rivais sim, inimigos não:  
Ambos elles pertenciam  
Á ala dos namorados,  
E por Dona Anna faziam  
Estes votos denodados:

GONÇALEANES.

„ Eu juro ser o primeiro  
„ Que ha de com lança ferir:  
„ Juro á fé de cavalleiro  
„ Que hei de o meu voto cumprir. „

VASCO MARTINS.

„ Eu juro como christão  
„ Prender ElRey de Castella;  
„ Ou ao menos pôr-lhe a mão.  
„ Qual das emprêzas mais bella? „

Entre todos disputavam,  
Qual dos votos é maior;  
Porem todos assentavam,  
Que eram votos de primor;  
Qualquer daquellas emprêzas  
Arriscada de fazer;  
Porem almas portuguezas  
A nada sabem temer:  
Muito mais um namorado,  
Que tudo acha possivel,

Invocando um nome amado,  
É o seu braço invencível.

Já tudo estava disposto;  
É o combate amanhã;  
Era no meio de Agosto,  
Em raza campina chaã.  
O dia tinha acabado;  
A lua o campo alumia;  
Estava tudo acautelado,  
Surprêza não se temia.

Parece tudo descança,  
Sam as horas de dormir;  
Quantos velam co'a lembrança  
Do dia que vai luzir?!.  
Não ha somno socegado  
Na vespera de uma batalha;  
O peito mais esforçado  
Não tem descanço que valha:  
Na may já velha qual pensa;  
Qual na filha abandonada;  
Qual na gloria, e recompensa;  
Qual na amante idolatrada.

Gonçaleanes está deitado  
No campo, junto ao amigo;  
Em Dona Anna tem pensado  
Em sua alma, a sós comsigo.  
Vasco Martins não pensava  
Em outra cousa tambem;  
Doce esperança o animava;  
Gonçaleanes não a tem.  
Gonçaleanes bem disposto,

E mais gentil cavalleiro ,  
Unica esperanza tem posto  
Em seu voto derradeiro :  
Viver sempre desprezado  
Elle não pode viver ;  
Em seu voto denodado  
Morte de gloria ha de ter :  
Morte de gloria elle espéra ,  
E não venturas d'amor ;  
Da vida já desespéra  
O desgraçado amator.

Pelas mágoas subjugado ,  
O infeliz adormece ;  
Como é feliz esse estado  
Em que de tudo se esquece !!  
Somno ! que ao desditoso  
Dás alivio em seu tormento ,  
Porque lhe dás o repôzo ,  
Que é seu unico sustento !  
Somno , amigo do infeliz ,  
Fermoza imagem da morte ,  
Tu fazes seja feliz  
O perseguido da sorte !  
Gonçaleanes olvidava  
Dormindo , seu triste fado ;  
Era feliz , não penava  
Seu martyrio acostumado.

Vasco Martins não dormia ,  
Pensava em glorias , amor ;  
Doce esperanza que nutria  
Julga do céo um favor.  
Quantas vezes essa esperanza



Muda o tempo em decepção!  
E apoz nos traz á lembrança  
Saudades de uma illusão!  
Em quanto essa esperança dura,  
Dá verdadeiro prazer;  
Mas é grande desventura  
Vê-la em escuma desfazer!!

Vasco Martins, não distante  
A um vulto viu passar;  
Quem virá naquelle instante,  
Assim o campo rondar?!  
Parece vir cauteloso,  
Com receio de ser visto!  
Parece espia ardiloso;  
Quer saber o que é isto.  
Se acaso fôr espião,  
Más novas ha de colher;  
Arco, e settas tem á mão,  
Que o farão arrepender.

Pouco a pouco o vulto chega  
Aonde estavam os dois:  
É um pagem que se achega,  
E pára logo ao depois:  
Parece respira a custo,  
Bate-lhe o peito no seio,  
Tremia como de susto,  
Tranzido pelo receio:  
Pelote escuro trazia,  
Não se lhe vê o gibão,  
Pois o pelote o cobria  
Do pescoço até ao chão:  
Traz a cabeça coberta,

O rosto mal se lhe vê ;  
E como que, a vista incerta ,  
Receia as sombras até.  
Gonçaleanes está dormindo ;  
Já o vulto o conheceu ;  
Porque a lua está luzindo ,  
Com todo o luzeiro seu.  
Pé ante pé vem chegando ;  
Vasco Martins vê ao lado ;  
Parou, como examinando ,  
Se algum estava acordado.  
Ambos julga adormecidos ;  
Mais afoito chega então ;  
Bem podiam ser ouvidos ,  
Pulos do seu coração.  
Então o rosto amostrando ,  
Fermozo rosto amostrou ;  
Vasco Martins, respirando ,  
Parece que suspirou.  
Julga ver a sua amada ,  
A Dona Anna de Athayde ,  
A contemplar, disfarçada ,  
Gonçaleanes Castel-Vide !!  
Não se illude, o rosto é della ,  
Mais alvo do que o luar ;  
Sua figura é tão bella ;  
Não pode já duvidar.  
Mas por qual dos dois faria  
Tamanho excesso d'amor ?  
Por quem tanto arriscaria ,  
Donzella toda temor ?  
Vai saber esse segrêdo ,  
Sua amada vai falar ;  
Finge dormir, e está quêdo ,

Está seu peito a palpitar.

DONA ANNA.

„ Gonçaleanes! Gonçaleanes!  
„ Fiél, constante amator!  
„ D'ora avante não te enganes;  
„ Eu só quero o teu amor.  
„ Com desdem se eu te falava,  
„ Não era vontade minha;  
„ Teu amor só dezejava,  
„ Só por ti amor eu tinha:  
„ Queria ver se eras constante,  
„ Se eras tão firme como eu;  
„ Que tua alma é tão amante,  
„ Tua amada conheceu.  
„ Na ála dos namorados  
„ Soube te havia encontrar;  
„ Nestes trages demudados  
„ Fiz meu trage disfarçar.  
„ Não hezitei um momento,  
„ Corri a todo o correr;  
„ Era o meu maior tormento  
„ Chegar tarde, e não te ver.  
„ Não pensei quanto arriscára,  
„ Quantos perigos já corri;  
„ Muito mais sacrificára;  
„ Tudo, tudo, só por ti.  
„ O teu voto denodado,  
„ Oh! se eu podéra impedir?  
„ Porem não; fôra baldado  
„ Meu chorar, o meu pedir!  
„ Dorme! dorme cavalleiro;  
„ Por ti ao céo vou rezar;

„ Recebe porem primeiro  
„ A charpa, que te vou dar. „

Tira uma charpa bordada,  
E junto delle a foi pôr:  
Era de seda incarnada,  
A cifra = *Premio d'amor* =

Nada mais dice a donzella;  
Terno suspiro exhalou;  
Pé ante pé, com cautéla,  
Como veio, se auzentou.

Vasco Martins tudo ouvira,  
Fingindo estar a dormir:  
Tormentos quantos sentira,  
Como poder exprimir?  
Ouviu fatal desengano,  
Era amado o seu rival!  
Acabou seu doce engano,  
Agora a vida que val?

Mas que terrivel lembrança  
Dentro d'alma lhe passou?  
É o ciume, a vingança,  
Do cinto a adaga tirou.  
Sobre o rival debruçado  
Já ergêu traidora mão;  
Já co' a vista calculado  
Tem lugar do coração:  
Brande a adaga açacalada,  
Gonçaleanes vai ferir. ...  
Sua mão fica gelada,  
E a adaga deixa cahir.

„ Eu! matar o meu amigo!  
„ Como assassino, e traidor!!  
„ Ó ciume! eu te maldigo!...  
„ Maldigo a vida, e amor!...

Como se fôra acoçado  
Por uma ideia infernal,  
Dalli fugiu açodado:  
Fica dormindo o rival.

FIM DO CANTO I.



## OS VOTOS DENODADOS.

„ *Deo signal a trombetà Castelhana ,*  
„ *Horrendo , féro, ingente , e temeroso ,*  
„ .....  
„ *E as mãis que o som terrivel escutáram,*  
„ *Aos peitos os filhinhos apertáram.* ”

CAM. Lus.

## CANTO II.

É fermoza a madrugada ,  
Começa o dia a raiar ;  
Já tocou a alvorada ,  
Que a todos vem despertar.  
Vai dar-se logo a batalha ;  
Castelhanos , portuguezes ,

Vestem as saias de malha,  
As armas, cotas, arnêzes.  
Brilham lanças, capacetes  
Dos guerreiros esforçados;  
Ligeiros corceis, ginetes  
Mordem os freios dourados.

Gonçaleanes acordára  
Do seu tão longo dormir;  
Vasco Martins procurára;  
Sua adaga vê luzir!  
Sua adaga está cravada  
Sobre uma cifra d'amor,  
Em uma charpa incarnada,  
Como em signal de furor!  
O que pensar não atina:  
Quem veio a charpa trazer?  
A adaga, a charpa examina:  
Que querem ambas dizer?  
*Premio d'amor*, diz a cifra;  
Era d'amor um presente:  
Agora, sim, já decifra  
O misterio facilmente:  
Exprime a adaga o ciume,  
Vasco Martins lha deixou;  
E nisto, que assim presume,  
De certo não se enganou.

Porem, em quanto dormia,  
Quem veio a charpa alli pôr?  
Este segrêdo fazia  
Pular seu peito d'amor.  
Aquella charpa conhece,  
Ha muito que a viu bordar;



E sua alma se enternece,  
Começa a charpa a beijar.  
Não lhe cabendo no peito  
Quanto amor sua alma encerra,  
Assim diz; e com respeito  
Curva os joelhos na terra:

„ Tu dás vida á minha vida,  
„ Porque alentas meu amor;  
„ Tu és, ó charpa querida!  
„ De premios doce penhor.  
„ Dona Anna! tu que has bordado  
„ Esta divisa d'amor,  
„ Nesta divisa me has dado,  
„ De premios doce penhor.  
„ Oh! bem hajas tu, Dona Anna!  
„ Que aceitaste o meu amor;  
„ E me dás terna, e humana,  
„ De premios doce penhor.  
„ Inda ha pouco eu me votára  
„ Á morte, cégo d'amor,  
„ Ter agora eu não pensára  
„ De premios doce penhor!  
„ Inda ha pouco eu não podia  
„ Viver sem o teu amor,  
„ Agora gozar só queria  
„ De premios doce penhor.  
„ No mais rijo da peleja,  
„ Me defenda o teu amor;  
„ Esta charpa me proteja;  
„ D'amor, e gloria penhor.,

Poêm a charpa a tíracollo,  
Sobre a lustrosa armadura;

Nunca adornou o seu collo  
Joia com tal fermosura.  
A ala dos namorados  
Já se começa a formar;  
Lembram votos denodados,  
Ao seu não deve faltar.  
Ha de ser elle o primeiro  
Que ha de com lança ferir;  
Já está prompto o cavalleiro  
Para o seu voto cumprir.  
Está em frente o inimigo  
Nas suas alas formado;  
Vasco Martins, seu amigo,  
Já tinha em vão procurado.  
Quem sabe se voltaria  
Com vida daquella emprêza?  
Quem sabe se morreria?  
Não ver o amigo lhe pêza.  
Quizéra que, se morresse,  
Dona Anna fosse buscar,  
E a sua charpa lhe desse,  
Que o não podéra guardar.  
Quizéra ver seu amigo,  
Que talvez não torne a ver;  
É d'ambos tão grande o perigo,  
Que algum delles vai morrer.

Dá-se o signal do combate,  
Comprida lança enristou;  
Seu corcél com furia bate,  
O seu voto renovou;  
Ha de ser elle o primeiro  
Que ha de com lança ferir.  
Já partiu o cavalleiro,

O seu voto vai cumprir.

Sobre pequena collina  
Está Dona Anna de Athayde,  
Para ver se discrimina  
Gonçaleanes Castel-Vide.  
Como pagem está vestida,  
Por que ninguem a conheça,  
Entre os demais confundida,  
Para .que pagem pareça.  
Seu amor tão excessivo  
A tal extremo a obrigou:  
Era tal, e tão activo,  
Que toda a elle se entregou.  
Não pensou em quantos perigos  
Ella tinha que arrostar;  
Amor não teme inimigos,  
A todos sabe affrontar.  
Deixou o pay, os parentes,  
Deixára a vida tambem;  
Fiquem todos descontentes,  
Que uma só ideia tem:  
Queria ver o seu amante;  
Receia que vá morrer;  
E não hesita um instante,  
De noute parte a correr.  
Era perto o acampamento,  
Já sem risco o atravessára;  
Facil de crer é tormento,  
Que a donzella atormentára.  
Gonçaleanes viu dormindo,  
Teve pêjo de o acordar,  
Deixou-lhe a banda, e fugindo,  
Foi a manhaã esperar.

Triste, e só, a malfadada,  
Quantos martyrios penou!  
Fracca dama delicada,  
Quantas vezes suspirou!  
Quantas lagrimas ardentes,  
Sabidas do coração,  
Os seus olhos innocentes,  
Amargas, vertem no chão!  
Como lhe tarda esse dia,  
Que antes quizêra não ver,  
Em que o amado podia  
Na batalha perecer!  
Extremado cavalleiro  
Fizêra um voto arriscado!  
E se morre? ... o derradeiro  
Projecto seu tem formado:  
Irá dalli a um convento  
Como freira professar,  
Alli da vida o tormento  
Se lhe ha de em breve acabar.  
O seu pay tão carinhoso  
A ideia lhe afigurou,  
Que via estar despeitoso,  
Quando a filha não achou.  
„ Perdôa, pay mui querido!  
„ Não me dês a maldição!  
„ Penas de mais ha soffrido  
„ Desta filha o coração! „  
Assim, triste, se carpia,  
Quando seu pay recordava;  
Tudo porem esquecia,  
Gonçaleanes só lembrava.  
Apenas amanhecêra,  
Entre os pagens foi postar-se;

E ninguem a conhecêra,  
Ou cuidára em seu disfarce.  
Dessa collina onde estava  
A campina descobria,  
Gonçaleanes procurava,  
A elle, a charpa já via.  
Como é cruél esse instante  
D'incerteza, e de temor,  
Em que a vida de um amante,  
É do *acaso* um favor!

Está não longe um cavalleiro,  
Viseira baixa a olhar;  
Parece d'aquelle outeiro  
Não pode os olhos tirar:  
Monta cavallo murzello,  
É negra a sua armadura;  
É Vasco Martins de Mello,  
O amator sem ventura.  
Muito tempo esteve attento;  
Parece petrificado;  
Toda a vida, e movimento  
Tem no peito concentrado.  
Quanto sua alma penava  
Só alma pode saber;  
Martyrios quantos passava  
Eu não me atrêvo a dizer.  
Vasco Martins bem podêra  
Eternamente alli estar,  
Se a trombeta não viêra  
Sentidos seus despertar.  
Lá partiu, e no transporte  
Do ciume, exclama assim;  
„ Amor, a gloria, e a morte,

„ Me darão honrado fim. „

Mas Dona Anna de Athayde  
A Vasco Martins não via,  
Gonçaleanes Castel-Vide  
Sua alma inteira absorvia.  
Já deu signal a trombeta,  
Gonçaleanes já partiu;  
Corre veloz como a setta,  
Que o bésteiro despediu.  
Zona densa de poeira  
Seu corcél alevantava,  
Traçando a sua carreira,  
O cavalleiro occultava.  
Lá da ála castelhana  
Tambem sahe um cavalleiro,  
Correndo com furia insana,  
Contra o audaz aventureiro.  
Como se um raio o tocára,  
O castelhano cahiu;  
Morto no campo ficára,  
E seu corcél já fugiu.  
Gonçaleanes já cumprira  
O seu voto denodado;  
Primeiro foi que ferira  
Com lança; como ha jurado.  
Os castelhanos, ao verem  
Cavalleiro seu vencido,  
Cada um, e todos querem  
Castigar o atrevido.  
Sua az inteira se abala;  
A portugueza tambem;  
A furia em todos iguala  
A sanha que todos teem.

Era geral a peleja,  
O pó o ar encobria,  
E cada um só dezeja  
Ver se os contrarios vencia.  
Só Dona Anna de Athayde,  
Sobre a collina postada,  
Gonçaleanes Castel-Vide  
Dezeja ver, e mais nada.

Oh! que terriveis momentos  
Aquelles momentos sam,  
Em que se ouvem só lamentos,  
Golpes crueis que se dam!  
As vozes dos commandantes;  
Os relinchos dos ginetes;  
As espadas, os montantes  
Batendo nos capacetes!  
Essas vozes dos feridos  
Soltando ais tão profundos;  
Esses cortados gemidos  
Do estertor dos moribundos!  
A confusa gritaria,  
Dessa batalha o estridor,  
Em todos produziria  
Receios, ancia, e horror;  
Quanto mais em quem amava  
Qual Dona Anna sabe amar,  
Cujo amante lá andava  
No combate a batalhar!!!..

Castelhanos sam vencidos  
Nos campos d'Algibarrota;  
Ei-los lá vam perseguidos,  
Na mais completa derrota:

O seu rey tambem fugia,  
Por muitos seus escoltado;  
Vasco Martins o seguia  
Por cumprir o que ha jurado:  
Corre veloz como o vento;  
A espada brande na mão,  
E a cada movimento  
Deita um contrario no chão.  
Lá chega ao rey de Castella,  
Já com as maons lhe tocou;  
Quer arranca-lo da sélla,  
Prendê-lo tambem jurou.  
Os castelhanos que viram  
O seu rey em tal apêrto,  
Para salva-lo accudiram  
Aquelles que estam mais perto.  
Vasco Martins não queria  
Do rey as maons desprender,  
Por isso não se podia  
Dos contrarios defender.  
De mil golpes trespassado,  
Vasco Martins lá cahiu;  
Mas seu voto denodado,  
Morrendo, ao menos cumpriu.  
Ao exhalar derradeiro  
Extrêmo suspiro seu,  
Só se ouviu ao cavalleiro  
Dizer „*Dona Anna!* „ e morreu.

Contar os feitos, proêzas  
Dos portuguezes, seria  
Volume de gentilezas,  
Que nunca se acabaria.  
Está Portugal resgatado,



Já não teme estranho rey;  
Já no throno está firmado  
Um natural, por seu rey.

Os clamores da victoria,  
Dona Anna afflictta, escuitava;  
Esse clamor que é de gloria  
Só martyrios lhe causava:  
Gonçaleanes seu amado,  
Talvez tivesse morrido;  
Ou no campo abandonado  
Esteja talvez mal ferido!

E lá partiu a donzella,  
Foi o campo revistar;  
Viu a charpa que foi della,  
Correu, e foi-a apanhar:  
Estava ao pé um cavalleiro  
De mil golpes trespassado;  
Era o triste aventureiro,  
Vasco Martins desgraçado,  
Sem parar passou ávante,  
Piedade fria a tocou:  
Gonçaleanes seu amante  
Vivo, e são já avistou.  
Nos seus braços enlaçada  
Já nada tem que temer:  
Sua espoza idolatrada,  
Vida d'amor vai viver.

FIM.



### NOTAS.

O argumento deste romance foi tirado da chronica d'ElRey Dom João 1.º, onde no capitulo 47, e seguintes se lê assim:

„ E porque em semelhantes feitos costumauam antiguamente os caualeiros por galantaria, ou fantezia, fazerem alguns votos, que elles chamauam denodados, que queriam dizer de atrevimento, e audacia, Vasco Martins de Mello o moço prometteo prender a ElRey de Castella, ou pôr as mãos nelle, Gonçaleanes de Castel de Vide fez promessa de primeiro que nenhum outro ferir com lança. „

„ Alli (na batalha d'Algibarrota) se assassinou Gonçalo Anes de Castel de Vide, que prometteo ser o primeiro que ferisse de lança; o qual foi derrubado, mas sendo soccorrido se levantou. „

„ Os portuguezes que morreram da parte d'ElRey de Portugal foram Vasco Martins de Mello, que por cumprir o voto que fizera de prender ElRey de Castella, ou de por as maons nelle, vendoo fugir se foi apos elle, e metendo se entre a gente que o acompanhaua, foi conhecido pola cruz de São Jorge, que era portuguez, e foi logo morto por sua, se generosa, imprudente ouzadia, e mais temeraria promessa. „

A batalha d'Algibarrota foi dada a 14 d' Agosto de 1385, e essa memoravel victoria libertando o reyno do poder de Dom João 1.º de Castella, segurou a Dom João 1.º de Portugal a coroa, que lhe fôra dada nas côrtes de Coimbra, pelos tres estados do reyno.

Não me permittia o curto espaço de meu Romance, traçar um maior quadro daquelle dia glorioso, que emancipou os portuguezes do jugo de Castella, e fixou no throno a dynastia d'Aviz. Aos chronistas pertence essa tarefa; o *trovador* bosqueja os factos, debuxando as scenas do coração.

Fazer reviver a lembrança desses dias de gloria, e de heroismo, é o meu constante fim; recordar a memoria dessa usança cavalleirosa = *os votos denodados* = é o objecto do presente romance: creio tê-los con-

seguido, se não de uma maneira digna d'ambos, ao menos na intenção digna delles.

Cada um dos heroes d'Algibarrota era de per si digno d'um poema; mas o interesse, que eu queria fazer nascer, morreria se o dividisse: abstrahi de todos elles para concentrar todas as sympathias do leitor, no objecto que me propuz tratar = *os votos denodados* = e nos cavalleiros que os fizeram.

O chronista referindo esta antiga usança diz „ que os cavalleiros faziam estes votos por galantaria, ou fantezia „ por isso eu busquei explicar o motivo que determinou os dois cavalleiros a fazerem tão arriscadas, e temerarias promessas. *Galantaria* quer dizer, *namoração*; era com feitos d'extremado valor que os cavalleiros galanteavam as damas que adoravam; e com essas luctas d'heroismo, que disputavam os premios da belleza.

A epocha, e o reynado de Dom João 1.<sup>o</sup> foi a epocha da cavalleria; a elle pode chamar-se o rey-cavalleiro: foi então que teve lugar o desafio dos doze d'Inglaterra com os doze cavalleiros portuguezes commandados pelo nosso celebre Magriço, de cuja facção fez parte o illustre Conde de Abranches; e que, objecto de um episodio dos *Lusiadas* de Camoens, é como a filosofia da vida social d'então.

A antitheze perfeita daquella epocha, é a de hoje, de egoismo, e d'acçoens, não de valor, e de abnegação pessoal, mas de *banco* e de *associaçoens pecuniarias*. O problema que d'antes se tratava de resolver era,

“ *adquirir mais gloria no menor tempo possivel* ” agora o unico de que se estuda a resolução é “ *adquirir mais dinheiro no menor tempo.* ” É por isso necessario fazer lembrar esses feitos primorosos de nossos maiores, para que seu nobre exemplo sirva d’estimulo a corações não pervertidos ainda pelo contagio pestillente do egoismo. E quando minhas singélas trovas não alcancem tanto, fique-me dellas a satisfação de haver trabalhado para tão nobre fim: como Vasco Martins de Mello, o moço, morrerei na lide; como elle a comecei, sem esperança de galardão.

FIM DAS NOTAS.

# O Conde de Abranches.

DEDICADO

A meu primo e amigo

*Francisco da Silveira Pinto*

*da F.*









## O CONDE DE ABRANCHES.

„ Que o grande aperto em gente, inda que honrôsa,  
„ A's vezes leis magnanimas quebranta.,,

CAM. LUS.

## CANTO I.

Nos paços ducaes pouzava  
Em Coimbra, o nobre Infante,  
Que Dom Pedro se chamava;  
Duque, e senhor mui prestante:  
Filho de João primeiro,  
Irmão d'ElRei Dom Duarte,  
Por completo cavalleiro  
Respeitado em toda a parte:

Do mundo tinha corrido  
Os reynos mais principais ;  
A cercos tinha assistido ,  
Muitas batalhas campais :  
Teve em paz , como regente ,  
Todo o imperio portuguez ;  
E sabio , justo , e prudente ,  
Em seu pról todo o bem fêz :  
Affonso quinto educára  
Para ser um grande rey ;  
O seu valor lhe inspirára ,  
Seu amor á patria , á ley .  
Apenas viu que podia  
Seus reynos bem governar ,  
Sem demorar um só dia ,  
Foi a regencia abdicar .  
Não augmentou seu estado ,  
Nem quiz outro galardão  
Mais do que , ter conservado  
Sempre feliz a nação .  
Não carece mais riqueza ,  
Maior estado , ou poder ;  
A sua maior grandeza  
Da honra faz depender .  
Porem ElRey escolheu  
Maneira de premia-lo ;  
Dona Izabel lhe requereu ,  
Tio , e sôgro quiz chama-lo .

Por que motivo está agora  
Tão triste em seu apczento  
O illustre Infante , que fôra  
Da côrte o brilho , e ornamento ?  
Qual será a immensa mágoa

Que o nobre peito lhe opprime?  
E lhe accende a intensa frágua  
Que nos suspiros exprime?  
Por que motivo o seu rosto  
Em variadas convulsoens  
Mostra, não só um desgosto,  
Mas da raiva as contracções?  
Como que foi insultado,  
Dura affronta quer vingar,  
Mas não pode: e, desgraçado,  
Ha de a injuria supportar.

„ Que importa ser cavalleiro  
„ Fiél á patria, e á ley;  
„ Ser filho de João primeiro,  
„ Tio, e sôgro ser d'ElRey?  
„ Qu'importa haver governado  
„ Sempre os povos com justiça;  
„ Haver dos grandes coarctado  
„ O despotismo, a cubiça?  
„ Ter os meus bens dispendido  
„ Em proveito da nação;  
„ Ter o meu sangue offerecido,  
„ Sem requerer um galardão?  
„ Galardoens não cubiçava;  
„ Eu fazia o meu dever;  
„ Minha alma se contentava,  
„ Sem mais premio appetecer:  
„ Mas em paga de haver feito  
„ Tudo quanto em mim cabia,  
„ Vejo-me agora suspeito  
„ De traição, de aleivosia!!  
„ Eu! suspeito de traidor!!  
„ Pode em mim caber traição??

„ É a injustiça maior,  
„ A maior ingratidão. „

Como quem não pode tanto,  
Tanto penar já soffrer,  
Cortada a voz pelo pranto,  
Nada mais pode dizer.  
Já velho, seu nobre rosto  
Grisalhas barbas guarnecem;  
E as rugas do desgosto  
Na bella fronte apparecem.  
Estava só, com seus cuidados,  
Ninguem o vira chorar;  
Esses prantos tão salgados,  
A todos quer occultar.

Os olhos humidos volta  
Para os campos do Mondêgo;  
Profundo suspiro solta,  
E diz; „ Tudo em socêgo...!  
„ Tudo em paz tranquillo agora!  
„ A lua tudo alumia!  
„ Só eu vélo a toda a hora!  
„ Tristeza, a luz que me guia!  
„ Irmaons! sobrinhos! parentes!  
„ A quem só bens tinha feito;  
„ A quem, por vê-los contentes,  
„ Déra o sangue do meu peito;  
„ A quem, por tê-los amigos,  
„ Bastava só gratidão;  
„ Sam esses, meus inimigos,  
„ Querem minha perdição!!  
„ Izabel! filha querida!  
„ Teu espôzo quer minha vida!

„ Intrigas dos cortezaons  
„ Podéram mais que a justiça ;  
„ Esforços todos sam vaons  
„ Contra as manhas da cubiça.  
„ Como traidor! como falso  
„ Fui no reyno apregoado !!  
„ Falta só o cadafalso ;  
„ O algôz está preparado !!.  
„ Em terra estranha eu achei  
„ Lealdade, e gratidão,  
„ Na minha patria encontrei  
„ Só perfidia, e ingratição!  
„ Até os mouros descritos  
„ Me foram sempre leaes ;  
„ Meus parentes mais unidos  
„ Sam meus imigos mortais!  
„ E porque? malditta inveja!  
„ E porque? vil ambição!  
„ Cada um delles dezeja  
„ Retalhar-me o coração.  
„ Querem haver meu despôjo,  
„ E reparti-lo entre si ;  
„ Quando me virem de rôjo  
„ Já nem se lembram de mi.  
„ Devo morrer... sim... nem quero  
„ Tão triste vida arrastar ;  
„ Morrer com honra, eu espero,  
„ Como vivi, acabar.,,

Nisto á porta do apozeno  
Vem de manso alguém bater ;  
Suspenso fica um momento  
O Infante sem responder :  
„ Quem está hi? „ depois pergunta :

Respondem,, Senhor! sou eu:,,  
Ergue a vista, as maons ajunta;  
A abrir a porta corrêu.

Por que razão o Infante  
Mudou do rosto a expressão?  
Teria naquelle instante  
Mór tortura o coração?  
Oh! vêde como elle abraça  
Tristemente essa donzella,  
Tão pura, e cheia de graça,  
Tão louçãa, donosa, e bella.

O INFANTE.

„ Beatriz! que me querias?  
„ Que queres tu, meu amor? „

BEATRIZ.

„ No saráo não apparecias;  
„ Vinha chamar-vos, senhor. „

O INFANTE.

„ Tens razão; já me olvidava;  
„ Eu vou já: vai tu diante. „

E nos braços apertava  
Tenra filha, o triste Infante.  
Nesse abraço tão estreito,  
Oh! quantas mágoas dizia!  
Era pay, e o terno peito  
Futuro horrivel pre-via.



BEATRIZ.

„ Senhor! que tendes? chorais!?! „

O INFANTE.

„ É de ternura por ti. „

BEATRIZ.

„ O vosso rosto occultais?!? „

O INFANTE.

„ Tu não vês que óra sorri. „

Um sorriso de tristura,  
E de prantos misturado,  
Expressiu toda a tortura  
Daquelle pay desgraçado.

A linda filha beijava  
A mão do pay ternamente;  
Alegre, e triste chorava,  
E ria como contente.  
Como é feliz esse estado  
D'innocencia, e de prazer  
Do filhinho, acostumado  
A carinhos receber  
De seu pay, que o estremece,  
Que o ama, quazi o adora  
Por tal arte, que parece  
Crescer o amor cada hora!

Ao saráo vai o Infante,  
Por Beatriz precedido:  
Nem demonstra no semblante  
Penas, que havia escondido.  
Já estam nas salas douradas,  
Onde o Infante recebia,  
As pessoas convidadas,  
A quem alegre acolhia.

Dam signal os instrumentos;  
As dansas vam começar;  
Do prazer vôam momentos,  
Que é preciso aproveitar.  
Algumas damas dansavam  
Com alguns dos cavalleiros,  
Quazi todas escuitavam  
Mil discursos lisongeiros.  
Umás bordavam labores,  
Letras, cifras namoradas,  
Outras conversam d'amores  
Por mil artes costumadas:  
Uma flor, que adorna o seio,  
D'uma fita, ou laço a côr,  
Dizem *esperança*, *receio*,  
Muda lingoagem d'amor.

Tudo parece animado,  
Tudo ventura, e prazer;  
Pela apparencia julgado,  
Certo que assim ha de ser:  
Mas descendo ao coração  
Ás vezes é a alegria  
A mais sublime expressão  
D'alma, que muito soffria:

É um tormento de mais  
Ser obrigado a fingir;  
Não basta calar os ais,  
Inda é preciso sorrir.  
Assim era o nobre Infante;  
Quem o visse não julgava  
Que, o prazer do seu semblante,  
Profunda mágoa expressava.  
À espoza, aos filhos occulta  
O seu intenso pezar;  
Dentro do seio o sepulta,  
Só por não vê-los penar.

Todo armado, um cavalleiro  
As portas da sala entrou;  
O Infante, que o viu primeiro,  
Deste modo lhe falou:

O INFANTE.

„ Bem vindo! Conde de Abranches!  
„ Bem vindo sejais aqui.„

O CONDE.

„ É mister a sós falar-vos,  
„ E já, senhor, consenti.„

Como é triste esse ar tão serio  
Do nobre rosto do conde?  
Qual será esse misterio,  
Que dentro d'alma elle esconde?  
Para o vão de uma janella  
Com o Infante vai falar;

Conversa qual seja aquella  
Ninguem ousa perguntar.

„ Vingança! „ bradou o Infante :  
„ Vingança! „ o conde bradou :  
„ Vingança! „ naquelle instante  
Todo o paço retumbou.

FIM DO CANTO I.

## O CONDE DE ABRANCHES.

„ Escolheo bem com quem se levantasse ,  
„ Para que eternamente se illustrasse.”

CAM. LUS.

## CANTO II.

O conde já relatára  
Tudo quanto havia feito ;  
Ante ElRey como reptára  
Tres a tres por seu respeito :  
Como os termos da brandura  
Tentára todos em vão ;  
Que d'ElRey fora loucura  
Querer mudar a condição :

Emfim que não tem já agora  
Outros meios a escolher ;  
Sahir do reyno para fóra ,  
Ou com armas combater.

O INFANTE.

„ Não vês tu que é rebeldia  
„ Contra ElRey armas tomar? „

O CONDE.

„ Mas , senhor , é covardia  
„ Offensa inulta deixar. „

O INFANTE.

„ ElRey quer a minha morte !  
„ Não quer ouvir a razão !  
„ Pois bem , irêmos á côrte ,  
„ Ouvir da morte o pregão. „

O CONDE.

„ Não queira Deus seja assim ;  
„ Vós tendes muitos vassallos ,  
„ E amigo tendes em mim ,  
„ Capaz de bem commanda-los.  
„ Consenti , senhor , que eu seja  
„ De vossa honra o campeão ;  
„ Não queirais perdida eu veja  
„ Desta empreza a occasião. „

O INFANTE.

„ Não devo , conde , não devo  
„ Tomar armas contra ElRey :  
„ Seu vassallo , não me atrevo  
„ A faltar assim á ley.,,

O CONDE.

„ Não tendes , senhor , já feito  
„ Quanto devieis fazer ?  
„ Que mais provas de respeito  
„ ElRey podia querer ?  
„ Vós Infante , e cavalleiro  
„ Da ordem da Gorrotêa !  
„ Querereis ser o primeiro  
„ Que a espada do algoz estrêa !  
„ Cuidais vós que a innocencia  
„ Pode o algoz desarmar ?  
„ Que ha na côrte consciencia ,  
„ Quando alguém quer condemnar ?  
„ Não sabeis que a vil intriga  
„ Pode alli mais que a razão !  
„ Que a côrte julga inimiga  
„ De uma alma nobre a izempção ?  
„ Não sabeis que a obediencia  
„ Não é um cégo dever ?  
„ Que é direito a resistencia ,  
„ Nossos fóros defender ?  
„ De outra sorte a tyrania  
„ Fizêra as vezes de ley ;  
„ Nem outra ley haveria  
„ Mais que o alvitre de um rey.  
„ Nós tambem temos direitos ,

„ ElRey guarda-los jurou ;  
„ Nem obrigam nossos preitos ,  
„ Se a fé jurada quebrou .  
„ Fostes acazo citado  
„ Perante algum tribunal ?  
„ Acazo fostes julgado  
„ Por um juiz vosso igual ? „

Lucta cruél se travava  
Dentro d'alma do Infante ;  
Os martyrios que passava ,  
Bem os demostra o semblante .  
Leal seu peito não queria  
Como revél parecer ;  
Mas sua honra lhe exigia  
Seus direitos defender .

#### O INFANTE.

„ Conde ! emfim hei resolvido  
„ A triste vida acabar ;  
„ Ao que soffro , ao que hei soffrido ,  
„ Que outro fim eu posso dar ? .  
„ Irmão d'armas ! cavalleiro !  
„ Queres seguir minha sorte ?  
„ Queres ser meu companheiro  
„ Na triste vida , e na morte ? „

#### O CONDE.

„ Palavras sam escusadas  
„ Para dizer-vos que sei ;  
„ Nem mercês tão sinaladas  
„ Nunca de vós recebi .



„ Irmão d'armas, cavalleiro,  
„ Quero seguir tua sorte;  
„ Quero ser teu companheiro  
„ Na triste vida, e na morte. „

O Infante mandou chamar  
Um padre, seu capellão;  
Uma hostia fêz consagrar  
Com respeito, e devação:  
Foi a hostia repartida,  
O Infante, e o conde a tomáram,  
E com voz enternecida  
Esta promessa juráram:  
„ Irmão d'armas! cavalleiro!  
„ Juro seguir tua sorte;  
„ Juro ser teu companheiro  
„ Na triste vida, e na morte. „

Esse augusto juramento  
Eternamente os ligava;  
Nem o frio passamento  
Sagrada prizão quebrava:  
Não era como hoje em dia  
O juramento — *illusão* —  
Quando alguém o proferia,  
Era d'alma, e coração.  
Guza agora o egoismo  
Quazi-barbaros chamar  
Esses tempos de heroismo,  
Que devemos respeitar!  
Com a palavra sonóra,  
A que chama *illustração*,  
Os vicios todos colóra,  
Chama *virtude* á *traição*!

Do juramento escarnece, -  
Com manhas vis o illude,  
É o seu Deus o *interesse*,  
A que só chama *virtude*!

O Infante, e conde assentáram  
No que deviam fazer;  
Suas tropas ajuntáram  
Dispostos a combater.  
Suas armas não levantam  
Contra a pessoa d'ElRey;  
Sua fé não lhe quebrantam,  
Só pedem justiça e ley.

Já o Infante se despede  
Da familia consternada;  
Em vão o intento lhe impede  
A espoza, a filha adorada:  
Um fatal pressentimento  
O coração lhe adivinha;  
É solemne esse momento  
Em que a morte se avisinha:  
É terrivel esse instante,  
Esse adeus da despedida,  
Esse adeus que diz o Infante  
Á espoza, á filha querida.

Lá vai caminho da côrte,  
Onde ElRey manda avisar,  
Que armado vai desta sorte,  
Por ciladas evitar:  
Porem ElRey instigado  
Pelos imigos do Infante,

Ao campo sahiu armado,  
D'Alemquer pouco distante.

Nos campos d'Alfarrobeira  
Os dois reaes se avistáram,  
E dos tigres á maneira,  
Batalha horrivel traváram:  
Eram todos portuguezes!  
Todos parentes! irmaons!  
E as lanças rompem arnezes!  
Sam fraticidas as maons!

Guerras civis instigadas  
Por ambição infernal,  
Bellas folhas tem manchadas  
Da historia de Portugal!  
Ah! não celebrem teus cantos  
Guerras civis, trovador!  
Triste a victoria, só prantos  
Colhe em fructo o vencedor.

Agúda flexa arremessa  
Contra o Infante occulta mão,  
A armadura lhe atravessa,  
Atravessa o coração.  
No mais forte da peleja  
Andava o conde involvido;  
Salvar o Infante dezeja,  
Porem não tinha podido:  
Inutil foi seu cuidado,  
Já lhe não pode valer;  
De vencer estava cançado;  
O que lhe resta? morrer.

„ Irmão d'armas ! companheiro !  
„ Eu vou seguir tua sorte ;  
„ Holocáusto derradeiro  
„ Eu te offereço em minha morte ! „  
E ao Infante abraçava ,  
Sem os golpes evitar ;  
E aos contrarios bradava ;  
„ *Fartar ! rapazes ! fartar !* „

Modêlo da lealdade ,  
Assim o conde expirou ,  
Por ser fiel á amizade ,  
Por cumprir o que jurou .

Quando fores , caminheiro ,  
Vêr a igreja d'Alemquer ,  
Attenta bem no letreiro  
Que humilde campa ha-de ter :  
Essa campa o conde encerra ,  
Cuja singéla inscrição ,  
Toda coberta de terra ,  
Diz ; *Aqui jaz um christão .*

FIM.

### NOTAS.

Foi tirado este romance da chronica d'El-Rey Dom Affonso 5.º e é o seu principal fim cantar o sacrificio da amizade cavalheiroza do Conde de Abranches Dom Alvaro Vaz de Almada, pelo desditoso Infante Dom Pedro, Duque de Coimbra, mortos ambos na batalha d'Alfarrobeira, junto a Alemquer, em uma terça feira 20 de Maio de 1449.

Era o Conde de Abranches fidalgo principal destes reynos, e fôra um dos compa-

nheiros de Magriço, na expedição d'Inglaterra; cujo feito deu lugar ao bello episodio do canto 6.º dos Lusíadas de Camoens.

É tão singélo, e elegante o estilo do chronista d'Affonso 5.º que transcreverei as suas proprias palavras, ácerca do Conde de Abranches, e seu tragico fim.

„ Por este tempo chegou de Ceita o Conde de Abranches Dom Alvaro Vaz de Almada, o qual como grande servidor que era do Infante Dom Pedro, e inimigo do Conde de Ourem, não foi recebido, e agasalhado dos grandes, como por seu valor merecia. Mas, como elle, era de grandes espiritos, e animo generoso, com grande esforço, e audacia em publico, e em secreto defendia a honra, e causas do Infante, e affeava as maldades, e falsos testemunhos, que seus inimigos contra elle ordenavam. E posto que induzissem a ElRey, que não ouvisse ao Conde, e o mandasse ir fóra do reyno, ElRey por ser inclinado a exercicios militares, e grandes emprêzas, folgava muito de o ouvir, e o tinha em muito, por ouvir muitas vezes ao Infante Dom Henrique, que elle era o mais esforçado cavalleiro, e déstro nas armas que havia em Hespanha.....

„ Vindo ao conselho, o Conde com rosto de homem, que mais parecia ameaçar que temer, e com muita autoridade fallou na prizão com que o ameaçavam, sob color de conselho, e aviso, e na muita bondade, e limpeza do Infante, que mostrou com tantas, e tão claras razoens, que se não podiam

negar ; e concluindo que quaesquer pessoas que do contrario tinham informado a El-Rey, eram máos, e trédores, e com licença d'ElRey os combateria por armas elle só a tres delles os melhores juntamente.....

„ Passados alguns dias, apartando-se o Infante com o Conde de Abranches em hua camara, lhe dice, que havia muitos dias, que dezejava acabar a vida, se vida se podia chamar a que com tanta affronta, e com tão continuos trabalhos vivia ..... e que folgaria de saber, se no dia que elle Infante morresse, queria ser na morte seu companheiro ? .....

„ O Conde lançou-se-lhe aos pés, e beijando-lhe as maons, respondeo: que eram escusadas palavras para lhe encarecer tamanho contentamento, como era para elle morrer, e viver servindo-o.....

„ E para mayor confirmação daquelle pacto mandou logo chamar o Doctor Alvaro Affonso, que era sacerdote, a quem o relatou, e lhe rogou, que sobre elle lhes desse logo o Sancto Sacramento da Comunhão... .. e ambos o tomáram com muita devassão, e contrição de seus peccados, affirmando, e protestando cada hum delles, que como fiél christão, e vassallo d'ElRey o tomavam, e que seu fundamento era defender a pessoa e honra do Infante com razão, e justiça, e não offender a ElRey, nem a outra pessoa alguma. O Infante lançado com o peito no chão, e com os olhos cheos de lagrimas se feriu, e accusou de seus peccados ;

e sobre a Comunhão tornáram a fazer solemnemente os seus prometimentos.

.....

„ Ao Conde de Abranches, que andava por outra parte defendendo sua estancia, e posto em grande afronta, chegou hum moço chorando, e dizendo, que o Infante era morto. O Conde sendo esta nova certa annunciadora da sua morte, com rosto seguro disse ao moço que se calasse .....

„ Emfim desfallecido do muito trabalho, e cançasso, fallando com seu corpo disse: Já vejo que não podes mais: e tu minha alma já tardas, e com isto cahiu no chão, não vencido, mas cançado de vencer; e depois de cahir disse aos que o feriam: Fartar rapazes. Foram tantos os que sobre elle acudiram, para se gabarem que em batalha matáram, ou feriram ao Conde de Abranches, que dos muitos golpes que recebeu, em breve despediu a alma, para ir acompanhar a do Infante Dom Pedro, como lhe tinha prometido .....

„ Foi merecedor o Conde Dom Alvaro Vaz de Almada, que por tão raro exemplo se conte entre aquelles, que pelo sancto nome de Amizade foram celebrados, e se lerá, e perpetuará seu nome com o do Infante Dom Pedro. „

FIM DAS NOTAS.



# O Massinga.

DEDICADO

A meu primo e amigo

*Visconde da Varzea*







## O MASSINGA.

„ *E aquelles que por obras valerosas*  
„ *Se vam da lei da morte libertando ,*  
„ *Cantando espalharei por toda a parte ,*  
„ *Se a tanto me ajudar engenho e arte.*

CAM. LUS.

Era noute; um cavalleiro  
Chega a aldêa de Quintaens;  
Aldêa que fica perto  
Da villa de Guimaraens.  
Monta cavallo possante,  
É modesto o seu trajar;  
Vinha de terras distantes  
Esta aldêa procurar.  
Um só escravo o seguia,  
Indio parece na côr;  
N'um palafrem cavalgando  
Acompanha o seu senhor.

O cavalleiro é mancêbo ,  
Tem o rosto alvo, e corado,  
Cabello, e barba, castanhos,  
O talhe proporcionado.  
Como funda cicatriz  
Na face esquerda se via ;  
Porem, em vez de defeito,  
Emblema d'honra parecia.

Quanto via o cavalleiro,  
Silencioso contemplava ;  
As lembranças mais saudosas  
Dentro d'alma recordava :  
Era alli a sua patria ;  
Foi alli que se criou ;  
Foi alli que a vez primeira,  
Unica vez elle amou.  
Entre a esperança, e o receio  
Sua alma se repartia ;  
Quem sabe se o pay já velho,  
Terna may, inda vivia ?  
Quem sabe se a sua amada  
Vive ainda, ou já morreu ?  
Quem sabe se foi perjura,  
E do auzente se esqueceu ?

Chega ao pé da casa antiga,  
Morada de seus avós,  
Bate á porta, e só respondem  
Os echos tristes apoz.  
Uma, e muitas vezes bate,  
Mas ninguem lha vem abrir ;  
Talvez não tenham ouvido,  
Estarão todos a dormir !

Já o escravo se apeára,  
O cavalleiro tambem;  
Porem por mais que batiam,  
Não lhes responde ninguem.

O ESCRAVO.

„ Meu senhor! vamos ávante;  
„ É inutil mais bater:  
„ Em qualquer outra pouzada  
„ Nos podemos recolher. „

Mas o senhor não curava  
Do que o escravo lhe dizia,  
Á porta como escuitando  
Se alguma voz respondia.  
Estava o escravo impaciente  
Vendo seu amo a esperar;  
E sem faltar ao respeito  
Assim prosegue a fallar.

O ESCRAVO.

„ Vós, Massinga de Pegu!  
„ Rey de tantos reys poderosos!  
„ Como Deus quazi adorado  
„ Pelos Bramas respeitosos!  
„ Bateis agora a uma porta  
„ Que ninguem vos quer abrir!  
„ Meu senhor! vamos ávante;  
„ É melhor d'aqui fugir.  
„ Voltemos á minha terra,  
„ Voltemos a Sirião;  
„ Lá, senhor, tendes vassallos,

„ Que a vida por vós darão :  
„ Aqui, senhor, só ingratos  
„ Té-gora tendes achado  
„ Que, em troco de um vasto imperio,  
„ Nada, senhor, vos ham dado! „

### O MASSINGA.

„ Por ditoso eu me daria  
„ Se esta porta se me abrisse ;  
„ Se tudo quanto me é caro  
„ Achasse vivo, e eu visse. „

Nisto passa um caminheiro ;  
O cavalleiro o chamou ;  
Pelos donos dessa casa  
Com ar triste perguntou.

### O CAMINHEIRO.

„ Os senhores dessa casa  
„ Não ha muito que morreram ;  
„ Tinham na India tres filhos,  
„ Dois dos quais lá pereceram ;  
„ Do outro, que se chamava  
„ Salvador Ribeiro e Souza,  
„ Contam-se tais maravilhas,  
„ Que o povo crê-las não ouza :  
„ Dizem que com muito poucos  
„ Portuguezes, conquistára  
„ O imperio de Pegú,  
„ E como rey se acclamára :  
„ Tambem se diz que deixando  
„ Reynos que havia ganhado,



„ Tudo ao Viso-rey da India  
„ Leal havia entregado.  
„ Se acazo vindes da côrte  
„ Bem o podeis vós saber;  
„ E de Salvador Ribeiro  
„ Noticias podeis dizer.  
„ Mas, senhor! vós estais chorando?  
„ Sereis vós?!? ah! sois de certo:  
„ Palacio de vossos pays  
„ Achastes, orfão, deserto.... „

Dor que afflige ao cavalleiro  
Com pranto a voz lhe cortou;  
Só responde entre soluços:  
„ Salvador Ribeiro eu sou. „

### O CAMINHEIRO.

„ Amanhã tomareis posse  
„ Da casa de vossos pays,  
„ Que vivendo sempre honrados  
„ Não deixáram cabedais.  
„ Vinde, senhor, eu vos guio  
„ Onde pouzada achareis;  
„ Tem a cabana do pobre  
„ Dado abrigo a muitos reys. „

Foi tão viva a sua instancia,  
Que o cavalleiro aceitou;  
E como agradecendo  
Caloza mão lhe apertou.  
O honrado caminheiro  
Era em Quintaens lavrador;  
Gil Fernandes se chamava,

E da aldêa era o melhor.  
Vivia quazi defronte  
Em propria casa, abastado;  
Seus trabalhos, e fadigas  
Tinha Deus abençoado:  
Sem dezejar mais riqueza,  
Nunca sahio de Quintaens  
Mais que a vender os seus fructos  
Á feira de Guimaraens.  
Sua mulher, seus filhinhos  
Completam sua ambição;  
Seu amor, tão innocente,  
Enchia o seu coração.  
E se acazo algum mendigo  
Alli o pão vem pedir,  
Nunca se viu sem esmola  
Daquella casa sahir:  
Por isso Deus abençoa  
Gil Fernandes, lavrador,  
Porque reparte c' o pobre  
Os fructos do seu suor.

Lá conduz a sua casa  
O escravo, o cavalleiro;  
Á espôza, aos filhos presenta  
Nobre Salvador Ribeiro:  
E cada qual á porfia  
Corre o escravo a ajudar;  
A ceia o quarto prepáram  
Alegres, sem descançar.

Salvador Ribeiro, triste,  
Seus mortos pays recordava;  
Como filho carinhoso,

Orações, prantos lhes dava.  
Agora só que lhe resta?  
Fallaz esperança d'amor:  
Viverá a sua amada?  
Ou terá outro amador?  
Estas perguntas fazia  
Dentro do seu coração;  
E o receio augmentava  
A sua consternação.  
Dona Guiomar da Silva  
Fôra o seu amor primeiro;  
Com ella fôra educado  
Nobre Salvador Ribeiro:  
Amor singélo, innocente,  
Com elles ambos crescêu;  
Mas eram filhos segundos,  
E nada tinham de seu:  
Os seus pays não consentiram  
Que tão pobres se cazassem;  
E os dois ternos amantes  
Fizeram se separassem.  
Salvador Ribeiro então  
Para a India se partiu;  
Com a força de seu braço  
Riquezas, gloria adquiriu:  
Vasto imperio de Pegú,  
Seu esforço conquistou;  
Como rey foi acclamado,  
Massinga o povo o chamou.  
Porem nunca a sua gloria,  
Nem seu immenso poder  
Fizeram, que um só momento  
A amada possa esquecer.  
Se quizesse bem podéra

Seu imperio conservar;  
Bem soubéra defendê-lo  
Quem o soube conquistar:  
Mas seu peito é tão honrado,  
Sua alma tão portugueza,  
Que pelo rey, pela patria  
Imperio rico despreza.  
As intrigas d'invejosos  
Bem podéra destruir;  
Com sua grandeza d'alma  
Somente os quiz confundir:  
Do Viso-rey ao mandado  
Sua conquista entregou,  
E pobre, como partira  
Para o reyno se tornou.  
Na côrte só encontrára  
Como premio, a ingratição;  
Vinha buscar nesta aldêa,  
Socêgo, consolação.  
Ao chegar á sua casa,  
Pay, e may não encontrou;  
A dura fouce da morte  
Caras vidas lhes ceifou:  
Debaixo de estranho tecto  
Abrigo só pode achar,  
Quem um reyno conquistára,  
Quem já rey se ouviu chamar!!

Já tudo está preparado,  
A ceia, o quarto melhor;  
E nada tinha esquecido  
Ao honrado lavrador.  
Porem Salvador Ribeiro  
Na ceia não quiz tocar;

Entregue á sua tristeza,  
E pensando em Guiomar.  
Por Gil Fernandes podéra  
Noticias della saber;  
Mas seu peito não ousava  
Esta pergunta fazer.  
Uma esperança derradeira  
Suâ alma quer illudir;  
E receia um desengano  
Venha a esperança destruir.  
Elle que, tão esforçado,  
Nunca a morte receou,  
Cuja vida tantas vezes  
Nos combates arriscou;  
Uma pergunta sómente  
Fazer agora temia;  
Dessa pergunta, e resposta,  
Mais que a vida dependia.

Era tarde, e Gil Fernandes  
Ao seu quarto o conduziu;  
Porem Salvador Ribeiro  
Toda a noute não dormiu.  
Ante-manhãa na igreja  
Ouviu um sino tanger,  
Cujosom pauzado, e rouco,  
Fêz seu peito estremecer:  
Chamava á missa das almas  
Aquelle sino da igreja;  
Por alma dos pays, tão caros,  
Ouvir a missa dezeja.  
Em casa todos parecem  
Que ainda estão a dormir;  
Podia, sem acorda-los,

Do quarto á rua sahir.  
Outra vêz tangeu o sino  
Quando a aurora alvorecia ;  
Salvador Ribeiro e Souza  
Para a igreja se partia.  
Passou ao lado da casa  
Em que seus pays habitáram ;  
Onde os seus primeiros annos  
Tão alegres se passáram ;  
Onde amor lhe deu esperanças  
De um venturoso porvir :  
E viu a casa deserta ,  
Em ruinas quazi a cahir !  
Essas ruinas lhe parecem ;  
Como um agoiro fatal,  
Que desgraças annuncia ,  
Que lhe dá golpe mortal.  
Lá entrou para a igreja ,  
A missa vai começar ;  
Junto á porta ajoelhado  
Ficou attento a rezar.  
A missa já se acabára ,  
Todo o povo se auzentou ;  
Salvador Ribeiro , e um pobre ,  
Ninguem mais alli ficou.

O pobre estava rezando  
Com fervor , e devação ;  
Juncto a uma campa de lucto  
Fazia sua oração.  
Salvador Ribeiro chega  
Aonde o pobre rezava ,  
Pela campa de seus pays  
Ao mendigo perguntava.

O MENDIGO.

„ Nessa campá á mão direita  
„ Agora jazem os dois ;  
„ Viveram junctos na vida ,  
„ Uniu-os morte ao depois.  
„ E nesta campá enluctada ,  
„ Juncto á qual estou a rezar ,  
„ Jaz a mulher mais constante ,  
„ A fermoza Guiomar. ,,

Sem accordo , o cavalleiro ,  
Cahiu tranzido no chão ;  
Os soccorros sam baldados  
Quando morre o coração.

FIM.





### NOTAS.

No Indice chronologico das navegaçoens, viagens, e conquistas dos portuguezes nos paizes ultramarinos desde o principio do seculo quinze, do Exm.<sup>o</sup> Snr. Cardeal Patriarcha de Lisboa, se acha a paginas 192 o seguinte :

„ Anno de 1600. O celebre Portuguez Salvador Ribeiro de Sousa fundou neste anno huma casa forte no *Pegú*, na foz de Sirião, e depois de varios casos, e extraordinarias

façanhas chegou a ser aclamado Rei de *Pegú* em 1603. Acha-se a Relação deste notavel facto impresso com o *Itinerario de Tenreiro* em algumas ediçoens de Fernam Mendes Pinto, e determinadamente na ultima de 1829.,,

Foi dessa Relação citada pelo nosso eruditissimo Patriarcha, que eu tirei o assumpto deste meu pequeno romance.

Salvador Ribeiro de Sousa era digno de um poema que celebrasse o seu illustre nome, e perpetuasse a memoria de suas prodigiosas façanhas, e mais extraordinarias virtudes: não podendo alçar tão alto os meus vôos, recordo ao menos seu nome, e a ingratidão com que seus feitos foram premiados.

Quem ler minhas singelas trovas, sem arte, e sem alinhio, dará tardio galardão de piedade ao heroe de meu romance; comigo derramará algumas lagrimas de saudade á sua memoria; e ellas darão refrigerio ás cinzas, que uma criminosa ingratidão tinha queimado.

Para mais cabal conhecimento de meus leitores farei o resumo da Relação da conquista de *Pegú*, já citada.

„ Era Salvador Ribeiro de Sousa natural do couto de Ronfem, districto de Guimaraens, na provincia de entre Douro, e Minho, aonde nasceu em Quintaens; e era filho de Fructuoso Gonsalves de Sousa, de limpo, e nobre sangue. Com dous outros irmaons seus partira para a India, a fim de alli ganhar nome, e riquezas, como na-

quelles tempos faziam os nobres de Portugal, muitos dos quaes lá acháram honrada sepultura, e entre esses lá morreram os dois irmaons ds Salvador Ribeiro.

„ Voltava este para o reyno, a requerer a satisfação dos serviços de seus irmaons, e a dos seus proprios em muitas, e muito honradas facçoens, como na dos navios de Méca, rota da armada de Cutimuça, Marcá no rio de Cardiva, sendo capitão do Cunhale, e jornada de Jafanapatão, bem como na famosa retirada de Malvana, e outras perigosas occasioens em que alcançára muita honra, não menos de esforçado soldado, que de prudente capitão, quando a adversidade do tempo o obrigou a arribar ao golfo do Ganges em Junho de 1600, e tomar o porto de Sirião, no principal rio de Pegú.

„ Vendo Salvador Ribeiro quanto convinha ao imperio portuguez d’Azia, estabelecer naquella paragem uma feitoria, ajudado por Philippe de Brito de Nicote natural de Lisboa, que nesse tempo andava com outros portuguezes no serviço d’ElRey d’Arração, pediu, e alcançou licença do dito rey para alli edificar uma casa, o que com effeito poz em pratica, fingindo ser casa de mercador, mas fortificando-a ás escondidas.

„ Não tardou muito que o rey d’Arração se não arrependesse de haver dado tão imprudente licença; e receando que de futuro não pudesse expulsar a quem tão levemente déra entrada, resolveu atacar, e desfazer a casa, ou antes forte que Salvador

Ribeiro tinha construído. Para esse fim desceu o rio com uma numerosa armada, contando com uma fácil victoria, por não serem mais de trinta os portuguezes. Sahiu-lhe ao encontro Salvador Ribeiro, subindo em tres baixéis pelo rio acima, ajudado pela maré; e poudo tanto o seu valor que, desbaratando a armada inimiga, conseguiu um rico despojo, excitando o terror e admiração de seus contrarios. Teve lugar este memoravel feito nos principios do anno de 1601.

„ Passados vinte dias veio o Banha Laó assentar o seu arrayal perto da fortaleza de Sirião, para com seu numeroso exercito a destruir, e seus defensores: porem Salvador Ribeiro, a quem os brios cresciam com o risco da empreza, com tal arte surprehendeu de noute o campo inimigo, que de sua propria mão matou o Banha Laó, dispersou o seu exercito, e incendiou as suas tendas.

„ Para tirar vingança da morte de seu genro o Banha Laó, veio o Banha Dalá cercar a fortaleza de Sirião. Por seis mezes durou o cerco, sendo terriveis os assaltos que de dia, e de noute soffriam os sitiados; e n'um destes foi ferido Salvador Ribeiro com um golpe que lhe cortou a face, desde a orelha esquerda até á boca. Durante estes seis mezes de rigoroso assedio teve Salvador Ribeiro que lutar com todas as adversidades, a guerra, a fome, o desalento, e insurreição de seus soldados, dos quaes onze o abandonáram, ficando só com dezoito companheiros, e tendo diante de seus

muros desmantelados um formidavel exercito. Tudo porem venceu a constancia deste heróe, porque soccorrido por umas náos de mercadores que alli aportáram, fez levantar o cerco, com grande gloria para as armas portuguezas, e gravissima perda dos inimigos.

„ Tendo sido morto ás pancadas o cruelissimo rey de Pegú, por seu cunhado o rey de Tangut, e sabida pelos Banhas, e Xemins a noticia de sua morte, instigados pelas profecias dos Talapoes, resolveram eleger por seu rey a Salvador Ribeiro de Souza, cuja fama de justiça, e rectidão igualava a de suas assombrosas victorias.

„ Instruido ElRey de Tangut da opinião dos Banhas, e Xemins, foi do mesmo parecer, não obstante ser elle pertendente á corôa, como cazado com a irmãa do rey morto. E para signal de sua approvaçào mandou a Salvador Ribeiro a Ola de ouro, que é uma folha, ao modo da lamina de ouro que pendia do sydate na testa do Summo Sacerdote Hebreu, com a qual costumavam coroar os reys.

„ Com todas as ceremonias usadas naquellas terras foi coroado, e acclamado rey Massinga de Pegú, o nosso Salvador Ribeiro de Souza, e quazi adorado como Deus pelos naturaes.

„ De todas as suas victorias, e successos deu Salvador Ribeiro parte ao Viso-rey da India portugueza, Ayres de Saldanha, o qual, com a maior ingratidão, nomeou a Philippe de Brito de Nicote, capitão mór, e con-

quistador de Pegú, para cuja conquista em nada concorrêra, estando dalli distante mais de duzentas legoas, e respondendo a Salvador Ribeiro com una carta de agradecimentos, cujo sobre-escripto dizia assim = A Salvador Ribeiro de Souza, capitão da fortaleza de Sirião, em auzencia de Filippe de Brito de Nicote. =

„ Não foi esta ingratição, por que não digamos affronta, bastante para que o Massinga rey Salvador Ribeiro de Souza deixasse de entregar a Filippe de Brito de Nicote o governo da fortaleza de Sirião; sendo este um dos mais subidos toques de lealdade, e grandeza d'alma que tem succedido em muitos seculos; porque se não é novo, antes usança antiga, pagar-se na nação portugueza, com ingratição os maiores serviços, foi novo, e não visto termo essa generosa abnegação de Salvador Ribeiro de Souza, cedendo em proveito de outro, todo o fructo de seus extraordinarios serviços, dizendo que era vassallo do rey de Portugal, e que tudo quanto ganhára, com o esforço do seu braço, e sem ajuda alguma do estado, entregava a quem o seu Viso-rey na India ordenava.

„ Este heroismo desinteressado de Salvador Ribeiro foi mal recebido de seus soldados, e de todos os naturaes, que como rey, e senhor o queriam; os quaes amotinados quizeram estorvar a sua generosa resolução, tendo Salvador Ribeiro, mais trabalho em reduzi-los a obedecerem a Filippe de Brito, do que por ventura tivera para conquistar tão vasto imperio.

„ Já Salvador Ribeiro tinha abdicado, e se dispunha a partir para o reyno quando Banca, capitão afamado, ameaçou Sirião com uma forte armada: mas nem por isso deixou o nosso heróe de ir de novo arriscar a vida pela gloria de sua patria. Facil lhe foi esta ultima victoria, voltando a Sirião com os troféos della.

„ Eram tantas as lagrimas de seus leaes vassallos que, como fugindo a suas instantes importunaçoens, disfarçado se embarcou para o reyno em Março de 1603; e deixando *aquelle reyno em que Deus o levantára ao alto da humana felicidade, deu as vélas ao vento de largas esperanças, que de ordinario se desfazem naquillo de que se sustentam*: como elegantemente escreve o seu chronista.,,

FIM.





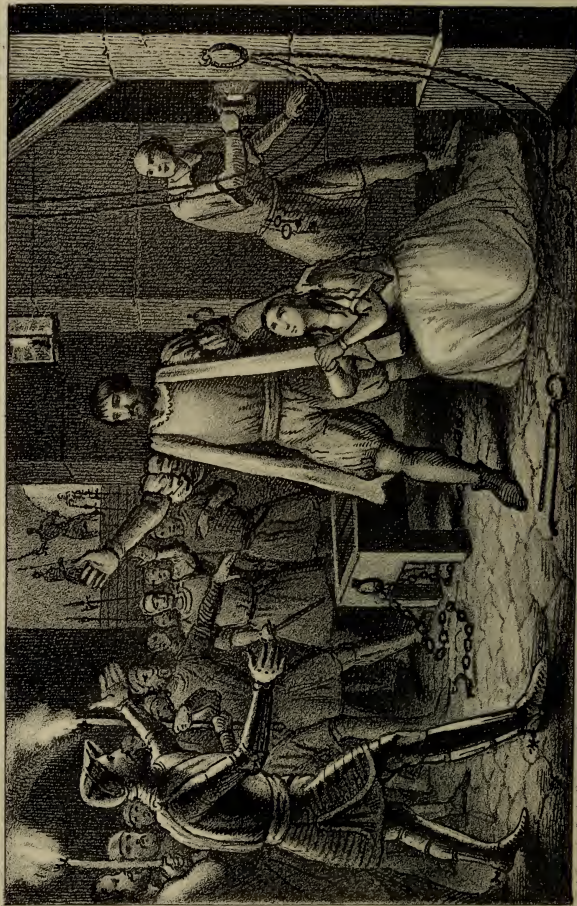
O Manoelinho d'Evora.

DEDICADO

*A Mr. Ferdinand Lenys.*







## O MANOELINHO D'EVORA.

„ Como ? da gente illustre Portugueza ,  
„ Ha de haver... ..  
„ Quem negue a fé .....  
„ De Portuguez ? E por nenhum respeito ,  
„ O proprio reino queira ver sugeito ? „

CAM. LUS.

## CANTO I.

Na praça o povo Eborense  
Em chusma estava apinhado ;  
Diceras que era um mar vivo  
Pela tormenta agitado :  
Como as ondas do oceano  
Brame o povo com furor ;

E aguarda junto da casa  
Que habita o corregedor:  
Da caza as portas parecem  
Como um penhasco do mar,  
Onde as ondas vam partir-se,  
Sem que o possam derribar:  
Respeito á ley as guardava,  
E não da força o poder;  
A do povo omnipotencia  
Quem ha que possa empecer?  
A's vezes podem tyrannos  
As maons do povo algemar,  
Calcar-lhe o collo que é livre,  
E como escravo o tratar;  
Mas em fim o povo acorda  
Do seu ignobil dormir,  
Ergue o collo, os ferros quebra,  
Tyrannos seus faz fugir.  
Esses que ha pouco insultavam  
O povo d'alcunhas vís,  
Quando o povo ergue a cabeça,  
Fogem covardes reptis:  
Ai daquelles que elle encontra  
Nas horas do seu furor!  
Esse povo, ha pouco escravo,  
É dos tyrannos senhor:  
Tão terrivel na vingança,  
Como passivo em soffrer,  
Esmigalha os seus tyrannos,  
Folga d'ouvi-los gemer:  
Compraz-se ver pelas ruas  
Seus tyrannos arrastados,  
Os seus membros insepultos  
Pelos caens dilacerados:

Porem sempre sam tão cegos  
Os ministros das naçoens,  
Que ao povo quanto mais soffre,  
Mais lhe arrocham seus grilhoens!  
Cuidando que o povo deve  
Ter de Jób a paciencia,  
Não se lembram tem limites  
O soffrer, a obediencia;  
E que se acazo algum dia  
O soffrimento acabar,  
Não podem humanas forças  
Do povo as furias domar.

Muitos annos tem passado  
Desde aquella hora fatal,  
Em que de grilhoens cingido  
Fôra o nosso Portugal;  
Dom Philippe de Castella  
Com ouro nos conquistou,  
Quando orfãa nossa terra,  
Cardeal-rey nos deixou:  
Era o Duque de Bragança,  
A quem a corôa tocava,  
Mas ao rey astucioso  
Direito não lhe importava.  
Ficára o reyno exaurido  
Depois d'Alcacer quibir,  
E ao poder castelhano  
Não podémos rezistir;  
Com tudo nossos direitos  
Não quiz o rey contrastar,  
Jurou guardar nossos fóros,  
Para assim nos contentar;  
Um desses fóros consiste

Em não pagarmos dinheiro,  
Nem tributos, sem que as côrtes  
Os votem, livres, primeiro;  
Até aqui tem guardado  
Essa ley da monarchia,  
Porem Dom Filippe o quarto  
Nossos fóros infringia:  
Não se lembra que jurára  
Respeitar as nossas leys,  
Abusar dellas pertende;  
Como fazem tantos reys!  
Uns quinhentos mil cruzados  
Mandou ao reyno pedir;  
Sem a approvação das côrtes,  
Os mandou logo exigir:  
Ordenou que nas comarcas  
Fossem os corregedores  
Quem repartisse o tributo,  
E fossem recebedores.  
Tinha a Evora chegado  
Corregedor a tal fim,  
E mal o povo o soubéra  
Fizéra grande motim.  
O corregedor mandára  
Juiz do povo chamar,  
Para vêr se conseguia  
Do povo a sanha abrandar:  
E por isso o povo espéra  
Á porta, muito agitado,  
Entre receios, e esperança  
Por saber o resultado.

Dura ha muito a conferencia,  
Juiz do povo não vem;



Seu escrivão foi chamado ;  
Agoiro máo todòs teem.  
O povo não refuzava  
Pagar o que ao rey devia ;  
Mas o tributo arbitrario ,  
Como illegal repellia ;  
Sem quebrar o acatamento  
Ao magistrado d'ElRey ,  
Reclamava seus direitos ,  
O cumprimento da ley.

A cada instante augmentava  
Das gentes a multidão,  
E a demora accrescia  
Ao receio , a indignação :  
Quando apparece na praça  
Um homem bem conhecido ,  
A cabeça descoberta ,  
Cabello negro crescido :  
Sua estatura elevada  
A todos muito excedia ,  
Sam collossaes os seus membros ,  
Como um gigante parecia ;  
Seus olhos chammejam fogo ,  
Como possésso em furor ,  
E a todos quantos o viam  
Inspira pêna , e terror :  
Chegou ao meio da turba ,  
Em meio della parou ;  
Depois d'impôr-lhe silencio ,  
Olhos ao céu levantou :  
Breve espaço meditando  
Naquillo que vai fallar ,  
Ergue a voz , como inspirado ,

E assim começa a bradar :

„ Orfaons somos sem pay ; como viugas  
„ Pranteam nossas mays nossa orfandade ;  
„ Peccaram nossos pays , e nós levâmos  
„ O castigo da sua iniquidade ! ...

„ Vieram sobre nós gentes de longe ,  
„ Que n'aljava traziam nossas mortes ;  
„ Roubáram nossos gados , e seáras ,  
„ Assolaram cidades as mais fortes ! ...

„ Uns a outros venderam nossas cazas ,  
„ Nossas filhas , mulheres juntamente ,  
„ Nem commovêu a sua piedade ,  
„ O chôro do menino inda innocente ! ...

„ Roubaram nossa casa , a nossa herdade ,  
„ Que tudo se volvêu ao estrangeiro ;  
„ Até a nossa lenha vem por preço ,  
„ Bebemos a nossa agoa por dinheiro ! ...

„ Os moços tropeçaram sob a lenha ,  
„ Aos mancebos tomáram p'ra moêr ;  
„ Já não se assenta o velho á sua porta ,  
„ Já cessáram mancebos seu tanger ! ...

„ Perseguição cruel nós padecemos ;  
„ O pescoço do jugo está cançado ;  
„ Não ha de suas maons quem nos arranque ,  
„ E nos deixe folgar um só bocado ? ! ... , ,

Isto dice ; e o povo attento ,  
Como inspirado o ouviu ;

Tudo quanto o povo soffre,  
O seu dizer exprimiu:  
Do profeta Jeremias  
Eram palavras sagradas,  
Ao estado da patria em ferros,  
Muito bem accomodadas.  
Se o povo estava agitado,  
Mais agitado ficou;  
Quem lhe quebrasse as cadeias  
Elle então só dezejou:  
Ao confuzo murmurinho  
Em signal d'approvação,  
Se ouviram vozes do povo,  
Clamores d'indignação:  
Porem alguns mais prudentes  
Fazem o povo amainar,  
Dizendo, que a resposta  
Devem primeiro aguardar;  
Que Cezinando Rodrigues,  
E mais o seu escrivão,  
Ante o ministro d'ElRey,  
Seus fóros deffenderão:  
Que a ambos elles mandára  
Chamar o corregedor,  
Para os direitos do povo  
Attender assim melhor.

E o povo, que facilmente  
O inspirado agitára,  
Cedêu á voz dos prudentes,  
Tranquillo á espéra ficára.

Mas o profeta do povo  
Outra vez torna a falar;

Sua voz pausada, e forte  
Faz na praça retumbar :

„ Ó filha do meu povo! cinge o sacco,  
„ E revolve na cinza o teu cabêllo;  
„ Prantêa por teu filho pranto amargo,  
„ Teu filho nunca mais tornas a vê-lo!...

„ Porque présto virá sobre nós outros  
„ Destruidor cruel, falando engano,  
„ Com palavras de paz, lingoa de setta,  
„ Ciladas armará em nosso damno!...

„ Os principes serão, como já foram,  
„ Pela mão dos algôzes enforcados;  
„ Forçarão as donzellas, as mulheres;  
„ Serão mancebos, velhos, insultados!...

„ Já nos cahiu a corôa da cabeça;  
„ Na propria terra escravos, somos sós;  
„ Em lucto se tornáram nossas danças:  
„ Ai agora de nós!! ...,,

Em tanto que isto occurria  
Á porta do magistrado,  
É força que nós saibamos  
O que dentro tem passado.  
Ante o ministro viéram  
Juiz do povo, e escrivão;  
E o magistrado os tratára  
Co' a maior contemplação:  
Com palavras de brandura  
Os pertendeu persuadir  
Que aceitassem o tributo

Que lhes vinha alli pedir:  
Que a rezistencia do povo  
Elles podiam vencer,  
Persuadindo aos populares  
Voluntario obedecer:  
Que se acazo o conseguissem  
Lhes promettia favor,  
Lhes daria grandes premios,  
Officio muito melhor.

A isto João Barradas,  
Que era do povo escrivão,  
Homem de muito juizo,  
Respondêu com attenção:  
„ Se era o povo que devia  
„ Esse tributo pagar,  
„ Consentisse que primeiro  
„ Lhe fossem ambos fallar:  
„ Que tudo quanto occorresse  
„ Lhe voltariam dizer;  
„ Que antes disso não podiam  
„ Cousa alguma prometter:  
„ Os prémios que offerecia  
„ Como injuria reputava,  
„ Não tinham bens da fortuna,  
„ Honra porem lhes sobrava:  
„ O povo que os escolhêra  
„ Fôra uma infamia trahir;  
„ Por tal preço o mundo inteiro  
„ Não quizéram possuir.,,

O CORREGEDOR.

„ Eu não vos peço conselho,

„ Muito menos condição ;  
„ Aceitai vós o tributo ,  
„ Como é vossa obrigação,  
„ O livro dos moradores  
„ Desta Cidade amostrai ;  
„ Quanto a cada um compete ,  
„ A cada um carregai. „

### O JUIZ DO POVO.

„ Bem quizéra obedecer-vos ,  
„ Cumprir a ordem d'ElRey ;  
„ Mas os direitos do povo  
„ Guardar intactos jurei :  
„ Nesse tributo não posso  
„ Em seu nome consentir ;  
„ Do povo os foros antigos ,  
„ Vem o tributo infringir .  
„ Só as côrtes é que podem  
„ Novos tributos votar ;  
„ Sem o seu consentimento  
„ Nós não devemos pagar :  
„ ElRey não chamou a côrtes ,  
„ É o tributo illegal ;  
„ Sem que as côrtes o approvem  
„ Nós não pagamos real. „

### O CORREGEDOR.

„ Juiz do povo ! esqueceis  
„ Que sou ministro d'ElRey ?  
„ Assentai já o tributo  
„ Ou senão.... senão tremei... „

O JUIZ DO POVO.

„ Bem sei que sois magistrado ;  
„ Sois d'ElRey corregedor :  
„ Eu sou juiz deste povo ,  
„ De seus fóros deffensor....  
„ Nem cuideis que as ameaças  
„ Fazem minha alma tremer ;  
„ Sou portuguez ; pela patria ,  
„ Por seus fóros sei morrer.„

O CORREGEDOR.

„ E ousais vós fallar dessa arte?!  
„ Vós! plebêo , rasteiro e vil?!  
„ Não sabes posso esmagar-te  
„ Sob o pé, como a um reptil?... —  
„ Não sabes que á populaça  
„ Não compete o discorrer?  
„ Que ao povo, que é vil canalha,  
„ Só compete obedecer?„

O JUIZ DO POVO.

„ Como vós, sou magistrado  
„ Do povo que me elegêu ;  
„ Nem me julgo deshonrado  
„ Por me chamardes *plebeo* :  
„ Porem quando a um povo inteiro  
„ D'alcunhas vis insultais....  
„ Que se acaba o soffrimento  
„ Quando é muito, não lembráis...  
„ Este povo que ora calla,  
„ Fez os Romanos tremer ;

„ Onde nasceu Viriato ,  
„ Outros podem renascer. „

Ao ponto que isto dizia ,  
Cresceu na praça o rumor ;  
Que o povo mais se agitava  
Conhece o corregedor :  
Temendo que mais demora  
Possa o negocio empecer ,  
Os aprestos do supplicio  
Ante si mandou trazer.

#### O CORREGEDOR.

„ Juiz do povo ! estás vendo  
„ O algôz agora aqui ;  
„ Não faças mais resistencia ,  
„ Ou senão... treme por ti. „

#### O JUIZ DO POVO.

„ O teu algôz eu não temo ,  
„ Nem eu sei temer por mi ;  
„ É honrosa a minha morte ,  
„ A affronta só cahe em ti.  
„ Do povo que me elegêra  
„ Os direitos deffendi ,  
„ Nem por interesse , ou por medo  
„ Os meus deveres trahi.  
„ Quando os vindouros souberem  
„ A razão porque morri ,  
„ Elles dirão , que és tyranno ,  
„ E que a morte não mereci.  
„ Não demores meu supplicio ,



„ Prompto já me tens aqui ;  
„ E plebêo , plebêo honrado ,  
„ Vou morrer como vivi .  
„ João Barradas ! dizei  
„ Ao povo , que o não trahi ;  
„ Deffendendo os seus direitos  
„ Dizei-lhe , que succumbi . ,

### O CORREGEDOR.

„ Elle nada irá dizer-lhe ,  
„ Tambem vai morrer aqui ;  
„ Ó algóz ! nos dois rebeldes  
„ Minha sentença cumpri ;  
„ Enforcai-os sem demora ,  
„ Demasiado differi ,  
„ Lançai-os depois á praça ,  
„ Com pregão que diga assi :  
„ = Justiça que ElRey mandou  
„ = Nestes culpados fazer ,  
„ = E a mesma tem ordenado  
„ = A quem não lhe obedecer . ,

Já o algóz se apparelhava  
Para a sentença cumprir ,  
Quando a voz do inspirado  
Na sala se fêz ouvir :

„ Os principes serão , como já foram ,  
„ Pela mão dos algozes enforcados ;  
„ Forçarão as donzellas , as mulheres ,  
„ Serão mancebos , velhos insultados ! ...

„ Já nos cahiu a corôa da cabeça ;

„ Na propria terra escravos, somos sós;  
„ Em lucto se tornaram nossas danças:  
„ Ai agora de nós!..,„

Cezinando conhecêra  
As vozes de quem fallou;  
E do povo enfurecido  
O murmurinho escuitou:  
Uma esperança derradeira  
Veio sua alma animar;  
Com um veloz movimento  
Poude á janella chegar,  
E ao povo que está na praça  
Assim começa a dizer:  
„ Por deffender vossos fóros,  
„ Ambos nós vamos morrer!...  
„ A forza já está disposta,  
„ O algoz já está aqui;  
„ A corda está na garganta...  
„ Acudi, povo, acudi!...„

Mais veloz que o pensamento  
O povo inteiro acudiu;  
A' furia que o animava  
Quem se oppoz não resistiu:  
As portas cahem por terra,  
Como por encantamento;  
Esbirros todos fugiram  
Pondo a vida em salvamento:  
Nem o ministro escapára  
Do povo á sanha, ao furor,  
Que em toda a parte procura  
Colher o corregedor:  
Mas em vão o procuraram,

O povo não o encontrou,  
Nas cazas que elle habitava  
A raiva sua empregou:  
No seu delirio as riquezas  
O povo não cubiçava,  
Vindicava os seus direitos,  
Seus tyrannos castigava:  
Alfaias mais preciosas,  
O ouro, a prata, o dinheiro,  
Lançava pelas janellas,  
Só na vingança interesseiro:  
Nem houve um só desses tantos,  
Tantos pobres, que apanhasse  
Uma só dessas moédas,  
Uma alfaia appropriasse!  
Na praça immensa fogueira,  
Em breve o povo accendêu,  
A caza, alfaias, e tudo,  
N'um momento tudo ardêu.  
Cezinando, e João Barradas  
Querem o povo applacar,  
Mas o profeta do povo  
Não cessava de bradar;  
Percorrendo pelas ruas,  
Pelas praças da cidade,  
Gritava ,, Portugal! viva!  
,, Viva a nossa liberdade! ,,

FIM DO CANTO I.



## O MANOELINHO D'EVORA.

„ Não falta com razões quem desconcerte  
„ Na opinião de todos , na vontade ,  
„ Em quem o esforço antigo se converte  
„ Em desusada e má deslealdade ;  
„ Podendo o temor mais , gelado , inerte,  
„ Que a propria e natural fidelidade :  
„ Negam o Rei , e a patria , e se convem,  
„ Negarão , como Pedro , o Deus que tem.

CAM. LUS.

## CANTO II.

Depois que o povo Eborense  
Cadeias suas quebrára ,  
Folgando só da victoria ,  
Do futuro não cuidára :  
Não pensou que , desarmado ,  
Castigos tinha a temer ,

Que os ministros de Castella  
Tem armas para o vencer :  
Embora o reyno applaudisse  
A nobre resolução ,  
Ha muito que estava affeito  
Aos ferros da servidão ;  
Para poder saccudi-los  
Era mister mais vigor ,  
Carecia ter soldados ,  
Ter um chefe com valor :  
Devia ter acclamado  
Um rey proprio, natural ,  
A Dom João de Bragança ,  
Herdeiro de Portugal .  
Povo de Villa-Viçosa  
Como rey já o saudára ,  
Mas o Duque, então doente ,  
A corôa não aceitára ;  
Porque o povo, dividido  
Em mui diversas facçoens,  
Alterava a cada instante  
As suas resoluçoens :  
Seus direitos bem fundados  
Não quiz o Duque arriscar  
Entregando a sua cauza  
Á inconstancia popular .  
Os grandes, na maior parte ,  
Do povo a causa seguiam ,  
Mas, com medo de Castella ,  
Seus dezejões encobriam :  
Comparando os poucos meios  
Que havia de resistencia ,  
A'quelles que os forçariam  
A mais dura obediencia ,

N'uma junta se formáram  
Na igreja de Santo Antão,  
Para tratar a maneira  
D'acabar a sedição :  
Ao Conde-Duque escreveram  
A dizer o acontecido,  
Pedindo que para o povo  
Lhes fizesse algum partido :  
Que os rigores que empregára  
Zelozo corregedor  
Contra os eleitos do povo,  
Excitáram seu furor ;  
E que sem querer desculpa-lo,  
Pedem clemencia d'ElRey ;  
Sendo só o que lhe rogam,  
Não esqueça que é sua grey.

Conde-Duque de Olivares  
Era d'ElRey o valido,  
A quem os seus vastos reynos,  
Seu poder tinha incumbido :  
ElRey Dom Filippe o quarto  
Era um nome que reinava,  
Porque só o Conde-Duque  
Nas Hespanhas governava ;  
Essa immensa monarchia  
Geme sob o seu poder ;  
Um homem só, milhoens d'homens  
C'um acêno faz tremer :  
De grande estudo, e talento,  
É sagaz, arteiro, e astuto,  
E ninguem lhe contrastava  
O seu poder absoluto.  
A Duqueza Margarida

Mandára p'ra Portugal,  
E como Vice-raynha  
Lhe déra estado real;  
Mas a Duqueza de Mantua  
Tinha do mando a apparencia,  
A Miguel de Vasconcellos  
Do reyno incumbe a regencia.  
É Miguel de Vasconcellos  
Portuguez de nascimento,  
Da oppressão da sua patria  
O mais cruel instrumento;  
Do Conde-Duque é valido,  
Como elle o era d'ElRey,  
Qual dos dous é mais tyranno  
Dizê-lo certo não sei.

Da côrte as loucas despesas  
Tinham o estado exaurido,  
Meios de haver mais dinheiro  
Só excogita o valido:  
Na guerra estava empenhada  
A honra da monarchia,  
Dentro do seu territorio,  
Guerra a França lhe fazia:  
Estados ultramarinos  
Hollanda, e França atacavam;  
Nas quatro partes do mundo  
Soccorros seus reclamavam.  
Em meio de tanto apuro  
Secretamente escreveu  
A Miguel de Vasconcellos,  
Pedindo conselho seu:  
O secretario de estado  
Pospondo a patria ao valido,



Os quinhentos mil cruzados  
Lhe lembrou, como pedido :  
Porem como receava  
Que apparecesse opposição,  
Cazo a côrtes convocasse  
Para o tributo a nação;  
Ás pessoas principaes  
Propoz que ElRey escrevesse,  
Para que, a modo das côrtes,  
Uma junta se fizesse.  
D'ElRey as cartas vieram,  
Em que o tributo pedia  
Para as guerras necessario  
Que affligem a monarchia.  
Na igreja de Santo Antonio  
A junta se congregou,  
E Miguel de Vasconcellos  
Em nome d'ElRey fallou:  
Respondeu por elles todos  
O Conde de Sabugal,  
Meirinho mór deste reyno,  
Pessoa mui principal :  
„ Todos quantos aqui estamos,  
„ E quantos aqui não sam,  
„ Jurámos guardar inteiros  
„ Os costumes da nação :  
„ Por nosso costume antigo  
„ Só côrtes votam pedidos,  
„ Sem por ellas ser votados  
„ Não podem ser admittidos:  
„ Não pois esta junta  
„ Em taes materias votar;  
„ É este o fôro do reyno,  
„ Nós não queremos perjurar. „

Levantou-se apoz o Conde  
Haver dado o seu parecer,  
E sahiu com os mais todos  
Que imitam seu proceder.  
Ficando então mallograda  
Do secretario a intenção,  
Da empreza não dezistia  
Seu damnado coração:  
Arteiros modos procura  
D'antigas leis illudir,  
E a junta do Dezenpenho  
Fez em Madrid erigir:  
Sem recurso, aquella junta  
O pedido se incumbiu,  
Que ás comarcas do reyno  
Sem demora o repartiu.  
Não contára o secretario  
Do povo co' a resistencia,  
Pensando que estava affeito  
A servil obediencia;  
Por isso quando a noticia  
Do tumulto lhe chegou,  
No castigo dos culpados,  
N'outra cousa não pensou;  
Escreveu ao Conde-Duque  
Excitando o seu furor,  
Propondo crueis castigos,  
Sevéras penas, rigor.

O ministro castelhano  
Os seus conselhos seguira  
Em Portugal empregando  
Effeitos da sua ira;  
Mas não tinha então no reyno

Soldados para o domar ;  
Se da força não contava ,  
Usa-la fôra arriscar :  
Em quanto as forças prepara  
Fingiu usar de brandura ;  
Ganhar tempo , cauteloso ,  
Assim desta arte procura :  
Aos fidalgos congregados  
Na junta de Santo Antão ,  
Respondeu como ardiloso ,  
Requintado cortezão ,  
Dizendo , não usaria  
Dos meios de violencia ,  
Se o povo logo tornasse ,  
Como deve , á obediencia ;  
E que ElRey perdoaria  
O crime já perpetrado ,  
Se o povo logo pagasse  
O imposto que foi lançado .

Mas o povo que rompêra  
Cadeias da escravidão ,  
Das propostas desconfia  
Da junta de Santo Antão :  
Seus conselhos mal escuta ,  
Como d'imigo encoberto ,  
Quer gozar da liberdade ,  
Não teme castigo incerto :  
Recusa pagar tributos ,  
Despreza ordens d'ElRey ;  
Exercendo a soberania ,  
É sua vontade a ley :  
Porem como receasse  
Venham tropas de Castella

Castigar os revoltados,  
Empregou esta cautella;  
Em nome do *Manoelinho*  
As ordens sam assignadas,  
As provisoens pr' a deffesa  
Em seu nome decretadas:  
Nem ha ninguem que se attreva  
Seus decretos contrastar,  
Cidadão, nobre, ou ministro  
Suas leys devem guardar:  
Aquelle nome incluia  
D'aquelle povo o querer;  
A tudo quanto mandava  
É forçoso obedecer.  
O nome do *Manoelinho*  
Outros nomes encobria,  
Futuras perseguiçoens  
Assim o povo illudia.

Quem é o ente mysterioso  
Que exerce tanto poder?  
Quem é esse *Manoelinho*  
Para o povo assim mover?  
É um doudo, um desgraçado  
Que as ruas, praças corria,  
E que ha tempos na cidade  
Só de esmolas subsistia:  
Sua notavel grandeza,  
Os seus membros collossais,  
Suas forças de gigante,  
Não parecem naturais:  
E o povo, por ironia,  
*Manoelinho* lhe chamava;  
E dizidor, inspirado,

Toda a gente o reputava:  
Ninguem sabia o motivo  
Porque perdera a razão,  
Ou qual seja a sua terra,  
Qual foi sua educação:  
Bem nascido parecia,  
E que foi bem educado,  
Porque nas sagradas letras  
Profundamente é versado:  
Consiste a sua loucura  
Em recitar profecias,  
Quazi todas extrahidas  
Do profeta Jeremias:  
Todas ellas applicaveis  
Á do reyno escravidão,  
Faziam em quem soffria  
Duradoura sensação:  
Á voz delle o povo inteiro  
A Cezinando accudiu;  
Á voz delle o cadafalso  
Desfeito em cinzas cahiu:  
A' voz delle a liberdade  
O seu brado alçou primeiro;  
Á voz delle o povo quebra  
Algêmas do captiveiro.

Se então algum dos fidalgos  
Da junta de Santo Antão,  
Desse povo dirigisse  
A justa revolução,  
Não teriam portuguezes  
Tres annos mais que soffrer,  
Fôra o dia derradeiro  
Do castelhano poder!

Se em vez d'inuteis propostas,  
Que o Conde-Duque illudia,  
Essa junta proclamasse  
De Portugal a alforria;  
Não teria agora o povo  
Novos grilhoens a rojar,  
Nem veria em cada praça  
Cadafalsos levantar!..  
Este foi o resultado  
Dessa culpada brandura,  
Com que a junta dos fidalgos  
Curar a patria procura!  
Deu tempo ao rey de Castella  
D'ajuntar os seus soldados,  
Em tanto que se propunham  
Partidos aos revoltados:  
A proposta derradeira  
Que o Conde-Duque lhes fez  
Qualquer povo a recusára,  
Quanto mais o portuguez!  
A proposta consistia  
Neste arbitrio singular,  
Que o ministro bem sabia  
Não ha-de o povo aceitar:  
„ Que cada povo em que houvera  
„ Indicios de sedição,  
„ Mandasse os seus magistrados  
„ Á côrte, pedir perdão:  
„ E que vestidos de sacco  
„ E com cordas a arrastar,  
„ Fossem junctos na audiencia  
„ O seu crime confessar.,  
Apenas o povo soube  
Deste partido o theor,

Repelliu a dura affronta,  
Que offende o seu pundonor:  
Não consentiu que d'essa arte  
Deshonrem seus magistrados;  
Embora pereçam todos  
Não querem ser aviltados.

O Miguel de Vasconcellos  
Em tanto não descançava,  
Castigo dos revoltados  
Ha muito que preparava:  
As tropas já se ajuntáram,  
Já estão sobre Badajoz;  
Agora pôde sem risco  
Dar exercicio ao algoz:  
Um corregedor da côrte  
Mandou do caso informar,  
Com ordem que os mais culpados  
Logo mandasse enforçar.  
Não lhe lembra que esse povo  
É portuguez, seu irmão!  
Quer ser o vil instrumento  
D'estrangeira escravidão!  
Não se lembra que tem patria!  
Parricida, a quer matar!  
Só lhe lembra que é ministro  
Quer seus cofres rechear!  
Insaciavel na cubiça  
Dezeja eterno poder,  
Para aos thezouros que ajunta  
Mais thezouros accrescer!  
Não se lembra que era filho  
Do doutor Pedro Barbosa,  
Cuja morte foi violenta,

Como a vida escandalosa !  
Herdeiro desse odio antigo  
Que o povo a seu pay tivera ,  
Imita as suas torpezas ,  
Em seu fim não considera !  
Incapaz d'uma virtude ,  
Era d'amar incapaz ;  
Julga amor brutal caprixo ,  
E dessa arte o satisfaz.  
O pranto d'uma donzella  
Nunca á piedade o moveu ,  
Se resiste a seus presentes ,  
Á força por fim cedeu.  
Quantas victimas tem feito  
Ninguem o sabe dizer ,  
Que apoz as ter deshonrado  
Nas prizoens as faz morrer.  
Os gritos das desgraçadas  
Ninguem ha que possa ouvir ,  
Nas paredes das masmorras  
Perdidos se vam sumir.  
Em vão seus pays as procuram ,  
Sam inuteis seus cuidados ;  
Como crime os seus lamentos  
Costumam ser castigados.  
O infeliz Manoelinho  
Uma filha assim perdeu ,  
E foi tanta a sua pena ,  
Que co' a dor enlouqueceu.  
Por tal forma resguardadas  
Tem magoas no coração ,  
Que ninguem sabe o motivo  
Porque perdera a razão :  
Reconcentradas no peito



As causas do seu pezar,  
A patria, que em ferros geme,  
Só parece recordar:  
Mas da filha tão querida  
Nunca perdeu a lembrança,  
Do infame que lha roubára  
Dezeja tomar vingança:  
Por isso quando fallava  
Seu proprio mal encobria;  
A raiva contra os tyrannos  
Seu peito só descobria:  
N'uma prizão rigorosa  
Fôra por certo encerrado,  
Se não fôra o Manoelinho  
Como doudo considerado:  
De Miguel de Vasconcellos  
Não move um doudo o temor;  
Deve á sua desventura  
O escapar ao seu furor.

Em meio da praça d'Evora  
Uma alta forza se erguia,  
E a corda retezada  
Vulto d'homem suspendia:  
O vulto que agita o vento  
Pelo ar se embaloçava  
Sobre o longo cadafalso  
Em que a forza se apoiava:  
Muitos outros justçados  
Jazem mortos pelo chão,  
Quando a voz d'um pregoeiro  
Lança este horrivel pregão:  
„ Justiça que ElRey mandou  
„ Nestes culpados fazer;

„ E a mesma tem ordenado  
„ A quem não lhe obedecer :  
„ Ao revél juiz do povo ,  
„ A seu revél escrivão ,  
„ Alem da pena de morte  
„ Seus bens se confiscarão :  
„ E porque seu nome seja  
„ Para sempre deshonorado  
„ Por aqueste mesmo povo  
„ Que os seguiu alucinado ,  
„ Ordena ElRey que seus corpos ,  
„ E do supplicio instrumento ,  
„ A fogo sejam queimados ,  
„ Cinzas lançadas ao vento. „

Um murmurio que parece  
Do féro tigre o rugir ,  
Pela praça retumbando  
Logo apoz se fez ouvir :  
Era a voz d'um povo inteiro  
Que a vingança protestava ,  
E os tyrannos que o esmagam  
Sem fallar ameaçava :  
Sam muitos milhares d'homens  
Uniformes na vontade ,  
Que juram no altar da patria  
Conquistar a liberdade :  
Era a força alevantada  
O altar sanguinolento  
Ante o qual profere o povo  
Seu terrivel juramento :  
Esses martyres da patria  
Estam pedindo um vingador ,  
Morreram por liberta-lo

Do seu tyranno oppressor:  
A essa voz, que não falla,  
Porque é a voz do finado,  
Respondeu a voz do povo,  
Qual féro tigre enraivado.

Apenas o pregoeiro  
Acabára o seu pregão,  
O algoz tambem findára  
A cruel execução;  
Lançara no cadafalso  
O fogo, que se ateou;  
Os cadaveres, a forca,  
Tudo em cinzas se tornou.  
Silencio, como o da morte  
Que alli cruél presidia,  
Uma voz, como da campa  
Desta forma interrompia:

„ Os principes serão, como já foram,  
„ Pela mão dos algozes enforcados;  
„ Forçarão as donzellas, as mulheres,  
„ Serão mancebos, velhos, insultados!...

„ Já nos cahiu a corôa da cabeça,  
„ Na propria terra escravos, somos sós;  
„ Em lucto se tornaram nossas danças;  
„ Ai agora de nós!... „

Era o pobre Manoelinho  
Quem desta arte assim fallava,  
E as palavras do profeta  
Com tanta arte accomodava:  
Quando accorrem dois soldados,

Que o doudo querem prender,  
Porem o povo o cercára,  
Para assim o proteger:  
O infeliz alienado  
Podéra mui bem fugir,  
Mas quêdo como uma rocha,  
Mostra mêdo não sentir:  
Apoz os dois, mais soldados  
Fazem o povo afastar,  
O infeliz Manoelinho  
Já pertendem segurar;  
Porem, como se acordasse  
De um mui longo dormir,  
Aquelles que o seguravam  
Fez ao chão logo cahir:  
Sua força de gigante  
Aos demais fez trepidar,  
E todos elles recuam,  
Sem que ousassem lá chegar:  
Um porem mais desalmado  
O arcabuz preparou,  
E sobre o doudo indeffeso  
A sua arma disparou:  
Como se um raio o ferisse  
Manoelinho ao chão cahiu;  
Como o leão quando morre  
Manoelinho assim bramiu.

FIM DO CANTO II.

## O MANOELINHO D'EVORA.

„ Podem-se pôr em longo esquecimento  
„ As cruzas mortaes, que Roma vio,  
„ Feitas do feroz Mario, e do cruento  
„ Sylla quando o contrario lhe fugio.

CAM. LUS.

## CANTO III.

N'um profundo calabouço,  
Que luz escassa alumia  
Para mostrar os horrores  
Desta morada sombria;  
Onde o ar não renovado  
Tem um cheiro pestilente,  
Que rála, consome a vida,  
Eivando-a continuamente;

Onde o frio da humidade  
É continua sensação,  
Que arripia os membros todos,  
E regélla o coração;  
Onde a vida só é vida  
Para penar, e soffrer,  
Pará soffrer sem allivio,  
Para penar sem morrer:  
Sobre uma pouca de palha,  
Que já desfeita parecia,  
N'um canto do calabouço  
Humano vulto jazia:  
A luz que vacilla incerta  
A travez da escuridão,  
Parece que tem receio  
D'entrar naquella prizão;  
Ou talvez envergonhada  
Tanto horror de alumiar,  
Tenha pejo, a face cubra  
Primeiro d'alli entrar.

O vulto que está deitado,  
Quazi morto já parece;  
Vive ainda, porque ás vezes  
Solta um gemido, estremece:  
As paredes da masmorra  
Parecem ter compaixão,  
Porque apoz estes gemidos,  
Muitos outros também dam:  
Os echos os repetiram  
Mostrando ter sentimento  
Dessa dôr, que assim exprime,  
Em gemidos, seu tormento:  
Esses ais tão doloridos

Contra os muros vam partir-se;  
Nas abobedas sonoras  
Partidos já, vam sumir-se.  
Silencio que alli reinava  
Torna a reinar outra vez,  
Como se, mysterioso,  
Fôra da campa a mudez.

Já corrêra um longo espaço,  
Quando se ouviu um rumor;  
Era a porta que se abria  
Desta morada de horror:  
É o duro carcereiro  
Que o sustento vem trazer,  
Agoa, e pão, só quanto basta  
Para o prezo não morrer.  
Uma lanterna o guiava  
Das prizoens no labyrintho,  
As chaves dellas trazia  
Dependuradas no cinto:  
Seu rosto bem demonstrava  
Sua cruel profissão,  
Tão sombrio que assemelha  
Os muros dessa prizão:  
Está sua alma tão affeita  
A vêr os outros penar,  
Como o braço acostumado  
A tormentos preparar:  
Nunca em seu peito um suspiro  
Fez a menor sensação,  
Dos tratos que elle mesmo dava  
Sorria sem compaixão:  
Seu coração é de bronze,  
Como o sino da agonia,

Quando bate, a morte sôa,  
Tortura alheia annuncia.  
Um punhal trazia ao lado  
Como fiel companheiro,  
Prompto sempre a embainhar-se  
No peito d'um prisioneiro.  
Junto á palha aonde o vulto,  
Immovel inda, jazia,  
Foi pôr o parco alimento  
Diario, que lhe trazia:  
O pão negro das cadeias,  
Sempre com fél amassado,  
Essa agoa, tão salitrosa  
Para o triste encarcerado.  
Nessa luz que o alumia  
Outra lanterna accendeu,  
Na corda, que ao tecto prende,  
Depois disto a suspendeu.  
Todo o horror do calabouço  
Então bem se pode ver;  
Ao terror que elle inspirava,  
Mais terror fez accrescer.  
Instrumentos da tortura  
Alli jazem pelo chão;  
Requintes da tyrannia,  
Do despotismo invenção:  
Quanta especie de tormentos  
As furias tem descoberto,  
Alli todos collocados,  
Todos alli estam de certo:  
Lá estam no tecto suspensas  
As roldanas das polés,  
Pelas quaes guindavam homens  
Amarrados pelos pés:



Alli estam êssãs correntes  
A que chamam gargalheiras,  
Forradas d'agudos ferros,  
Como dos caens as colleiras:  
Lá se viam cavallêtes,  
Pôtros d'horriavel tortura;  
Os berços, grêlhas ardentes,  
Tenazes, tudo á mistura.  
Instrumentos do martyrio,  
Todos, todos alli estam  
Servindo como de ornato,  
Proprio daquella prizão.

Impassivo o carcereiro  
Tinha a lanterna accendido,  
Quando o vulto que jazia  
Soltou profundo gemido:  
Foi então a vez primeira  
Que sua alma estremeceu,  
Que o cabello se arripia,  
Que o corpo todo tremeu:  
Havia neste gemido  
Tanta dôr, tão insoffrivel,  
Que ouvi-lo sem ter piedade,  
Fôra de certo impossivel:  
Muitas vezes nos tormentos  
Tinha ouvido o carcereiro  
Agúdos ais, que soltava  
O infeliz prisioneiro;  
Porem nunca assim ouvira  
Gemido, que o commovesse,  
E que n'alma, affeita ao crime,  
Tal impressão lhe fizesse:  
Essa dôr que se expressava

Nesse gemido tão terno,  
Esta sentença incluia  
= *Ha um Deus; ha um inferno.* =  
Era como o julgamento  
Dos tyrannos cá da terra,  
Cuja voz, os inais descritos,  
Ao fazer o crime, atterra:  
Era a queixa articulado  
Do soffrer da innocencia,  
A cujo triste queixume  
Nunca é surda a consciencia.

O carcereiro aterrado,  
Fica em meio da prizão;  
O remorso lhe afigura  
Sob os pés que se abre o chão;  
Que do inferno as labarédas  
Via da terra surgir;  
E legioens de condemnados,  
Que o querem lá conduzir;  
Da tortura os instrumentos  
Vê demonios preparar,  
Disputando quaes tormentos  
Primeiro lhe devem dar;  
Vê caldeiroens com enxofre,  
E com chumbo derretidos;  
Sente a vista perturbar-se,  
Folga perder os sentidos;  
Porem não, que ainda ouvia,  
Era o rir dos condemnados;  
Eram ais das suas victimas  
Com maldiçoens misturados.  
No meio de taes horrores,  
Nem lhe bate o coração,

Sem alento se mirrara  
Se mais durasse a vizão.  
Como se um anjo descesse  
Do céo á terra, a livra-lo  
Das furias que o perseguiam  
Para ao abysmo arrasta-lo,  
Assim viu o carcereiro  
Figura d'anjo do céo,  
Que a vizão affugentando,  
Ante a vista lhe appareceu:  
O seu rosto resplandece  
Como divino fulgor,  
Parece o anjo da guarda  
Ao lado do peccador:  
Nos seus olhos reverbéra  
A luz, que o antro alumia,  
No pranto que os humedece  
Esta luz se reflectia:  
Pallidez, não a da morte,  
A do intenso penar,  
Nas faces, nas maons, no collo,  
Imita a côr do luar:  
As maons cruzadas no peito  
Comprimem seu coração!  
Sob a figura de um anjo,  
Tinha da mágoa a expressão:  
Em seus labios descorados  
Se deslizava um sorrizo,  
Que só igual podem tê-lo  
Cherubins no paraizo:  
É um sorrir tão suave,  
Mas tão cheio d'amargura,  
Como o sorrir do innocente,  
Quando o algoz lhe dá tortura.

Cruel visão, que o remorso  
Do crime só produzira,  
Dissipou-se, como as trévas,  
Sobre as quaes a luz surgira.  
No peito do carcereiro,  
Inhumano até então,  
A voz do arrependimento  
Abrandou o coração:  
Os seus olhos ressequidos  
Primeira vez se humedecem,  
A compaixão, a piedade  
Vez primeira então conhecem:  
O anjo que lhe apparecêra,  
E desfizera a visão,  
Era o ente encarcerado  
Naquella horrivel prizão:  
Ha muito que lhe trazia  
Seu ordinario sustento,  
Mas quem seja o prisioneiro  
Não lhe importa um só momento:  
O secretario d'estado  
Esta prizão lhe entregou,  
Sob as mais severas penas  
Segredo lhe encarregou:  
Por não trahir o segredo,  
Quem lá está não quer saber;  
Nunca lhe tinha fallado,  
Nunca tambem o quiz ver:  
Costumava ao pé da porta  
Bilha d'agoa, e pão deixar,  
Já no dia seguinte  
O sustento renovar:  
Lanterna do calabouço  
Até alli nunca accendeu,

Só então, porque o ministro  
Aquella ordem lhe deu.  
Sob os paços de Lisboa  
Esta prizão existia,  
E o ministro occultamente  
Ir alli mui bem podia;  
Por isso quando ordenava  
As lanternas accender,  
Era certo que a visita  
Da prizão vinha fazer;  
Ou no meio dos tormentos  
Vem os prezos confessar;  
Ou os segredos do estado  
Vem co' a morte cancellar.

Estava absorto o carcereiro  
Do prezo vendo a figura,  
Tão bella que não parecia  
Ser d'humana creatura:  
A natural feridade  
Sua alma tinha deposto,  
A compaixão, a piedade  
Já transluzia em seu rosto:  
Os seus labios meio abertos  
Iam palavras dizer,  
Mas parece que hesitava  
As expressoens a escolher;  
Quando o som, como de uns passos  
D'alguem que desce á prizão,  
Lhe prende a voz na garganta,  
E lhe esmaga o coração.  
O terror do carcereiro  
Certo o não tinha enganado,  
É Miguel de Vasconcellos,

O secretario d'estado :  
Ao entrar no calabouço  
Ao carcereiro acenou ;  
O ministro , o prisioneiro ,  
Ninguem mais alli ficou .

Vinha o ministro coberto  
Com pelote mui comprido ,  
Para os frios do inverno  
De pelles bem guarnecido :  
O seu rosto esverdinhado  
É regular, porem feio ,  
Era o retrato dessa alma ,  
Que só crimes tem no seio :  
Os seus olhos dardejavam  
Um fogo , como infernal ;  
D'arcosa boca o sorrizo  
Veneno tinha mortal :  
Sua voz enrouquecida  
Tem um som , que faz tremer ,  
Como a da campa tangida ,  
Que faz sempre estremecer .

Seu contraste era perfeito  
Essa mulher tão fermoza ,  
Essa mulher , que está preza  
N'essa prizão horrorosa .  
Essa donzella innocente  
Seu amor não aceitou ,  
E o monstro , sem ter piedade ,  
Cruel vingança tomou :  
Dos braços d'um pay amado  
Mandou a triste arrancar ;  
Nesse horrivel calabouço

Ha muito que a faz penar:  
Viu os prantos da donzella  
Sem delles ter compaixão;  
Viu, impassivo, o pay della  
Perder por ella a razão;  
A sua alma empedernida  
Nada poude commover,  
Sua vingança, ou caprixo  
Pertende satisfazer,

A donzella desgraçada  
Quando o tyranno alli viu,  
Sua face regelada,  
Co' as mãos geladas cobriu:  
A todos quantos martyrios  
Até alli tinha soffrido  
Sua alma pura, innocente,  
Com valor tem resistido;  
Porem á vista do monstro  
A sua alma estremeceu,  
Era capaz de mais crimes,  
Seu valor desfalleceu.

Um sorrir d'inferral gozo  
Veio aos labios do ministro,  
Que assim diz, com voz que os muros  
Repetem com tom sinistro:

„ Maria! não esperavas  
„ Que eu viesse agora aqui?  
„ Já te esquecêra julgavas?  
„ Porem vês, não te esqueci:  
„ O odio com que pagavas  
„ Amor que tinha por ti;

„ Esse amor que me inspiravas,  
„ Em odio não converti:  
„ As mágoas que me causavas  
„ Muito tempo já soffri;  
„ Menor tormento penavas,  
„ Que as pênas que eu padeci:  
„ Queria vêr se tu mudavas,  
„ Os meios não escolhi;  
„ Julguei que a outrem amavas,  
„ Fui cruel; não é assi?  
„ A vêr se me perdoavas  
„ A esta prizão descí;  
„ Se teu amor tu me davas,  
„ Fôra a vida para mi. „

MARIA.

„ As pênas que eu já soffria  
„ Para que vir augmentar?  
„ Cuidais vós que eu poderia  
„ Mais tormentos supportar?  
„ Vossa cruel zombaria  
„ Vem minha alma retalhar;  
„ Deixai a pobre Maria,  
„ Deixai-a em paz acabar...  
„ Ao pay, que tanto me queria,  
„ Mandastes filha roubar,  
„ Cuidando que ella seria  
„ Capaz do crime approvar;  
„ Porem que antes morreria,  
„ Certo já deveis estar:  
„ Deixai a pobre Maria,  
„ Deixai-a em paz acabar. „



MIGUEL DE VASCONCELLOS.

„ Ao meu amor, insensata!  
„ Queres meu odio antepôr?!  
„ Assim preferes, ingrata!  
„ Á ternura o meu furor?!,,

MARIA.

„ Antes, senhor, quero a morte  
„ Nos horrores da prizão:  
„ Dos tormentos toda a sorte,  
„ Não muda meu coração.,,

MIGUEL DE VASCONCELLOS.

„ Mas se teu pay estivesse  
„ Tambem prezo agora aqui?!  
„ E a vida d'elle, eu dicesse,  
„ Só pende agora de ti?!,,

MARIA.

„ Á custa d'honra perdida  
„ Fôra uma infamia o viver...  
„ Por tal preço a infeliz vida  
„ Meu pay de certo não quer. ,,

MIGUEL DE VASCONCELLOS.

„ Maria! mais resistencia  
„ Não te pode aproveitar,  
„ Quando é força a obediencia  
„ É escuzado o teimar.,,

MARIA.

„ Ah! senhor! por piedade ,  
„ Da força não abuseis ;  
„ O céo castiga a maldade  
„ Inda que a façam os reys. „

MIGUEL DE VASCONCELLOS.

„ Essa piedade que imploras ,  
„ Em vão a esperas de mi ;  
„ A'manhã , por estas horas ,  
„ Outra vez eu torno aqui ;  
„ A vida do pay que adcras ,  
„ Só pende agora de ti. „

Sem esperar mais resposta  
Sahe o monstro da prizão ,  
Deixando a triste Maria  
Na maior consternação.  
A infeliz não receia  
A triste vida perder ,  
Mas seu pay , que amava tanto ,  
Tambem esse vai morrer !!  
E quem sabe se o tyranno  
Força brutal empregando ,  
É capaz de mais ainda ,  
Mais horrores praticando ? !  
Se a infeliz não tivesse  
Uma alma pura , innocente ,  
Que em meio da desventura  
Espera em Deus omnipotente ,  
De certo não poderia  
Tantas mágoas supportar ,

Martyrios que já soffria  
Bastavam para a matar.

O carcereiro escuitara  
Tudo quanto se passou ;  
Da infeliz que geme  
Cruel sorte lamentou :  
Se podesse , a liberdade  
Sem hezitar lhe daria ,  
A vida por dar-lhe a vida  
Com prazer arriscaria :  
Quizera reunir seus crimes  
Com fazer aquella acção ,  
Mas não pode , estas guardadas  
Sahidas desta prizão :  
Ao menos á desgraçada  
Pode immenso allivio dar ,  
Á prizão em que está prezo  
Pode seu pay ir buscar .  
Apenas o secretario  
Deixou no seu apozeno ,  
Logo desce ao calabouço ,  
A cumprir o seu intento .

A desgraçada Maria  
Rezava com devação ,  
Ao Deus do céo offerencia  
Tormentos do coração ;  
E por seu pay lhe pedia  
Em fervorosa oração ;  
Quando um rumor que se ouvia  
Distrahe a sua attenção ;  
Era a porta que se abria  
Da sua triste prizão ;

Era seu pay que alli via,  
Porem perdida a razão.

O infeliz Manoelinho  
Sua filha torna a vêr;  
A mágoa de a ver roubada  
A razão lhe fez perder;  
E agora que bem podia  
A filha nos braços ter,  
Seus affagos repellia  
A filha sem conhecer!!!

A seus pés ajoelhada,  
Maria o chama em vão;  
O seu pay não a conhece,  
Tinha perdida a razão!!

MARIA.

„ Querido pay de minha alma!  
„ Não conheceis já Maria?!  
„ Vossa filha tão amada  
„ Repulsais com tyrannia?! „

MANOELINHO.

„ Maria! a minha Maria!  
„ Minha filha!.. já morreu;  
„ Era um anjo cá na terra;  
„ É anjo agora no céo.... „

MARIA.

„ Querido pay! vossa filha,

„ Vossa Maria está aqui ;  
„ Ha muito nesta cadeia  
„ Vivo preza ; não morri. „

MANOELINHO.

„ Não... tu não... não és Maria...  
„ A minha filha expirou...  
„ Foi Miguel de Vasconcellos  
„ O malvado que a matou...  
„ Porem tu não digas nada ;  
„ Pode mandar-te prender ;  
„ É um tyranno , é um monstro...  
„ Quem elle é teme saber...  
„ Se tu viras minha filha...  
„ Como tu era fermoza ,  
„ Tão branca como a assucena ,  
„ Tão corada como a roza :  
„ Dos anjos tinha a innocencia ,  
„ Dos cherubins a bondade...  
„ E Miguel de Vasconcellos  
„ Não teve della piedade !!!  
„ Um dia a viu na igreja ,  
„ Logo o monstro a dezejou ;  
„ Veio a noute , de meus braços  
„ Cara filha me arrancou :  
„ Cruel bando de assassinos  
„ Minha caza vem cercar ;  
„ Em vão luctei por salva-la ,  
„ Desmaiada a vi levar !...  
„ Maria ! a minha Maria !  
„ A minha filha morreu....  
„ Ao torpe amor do tyranno ,  
„ Oh ! de certo não cedeu...

- „ O que depois tem passado  
„ Nem eu te posso dizer....  
„ Sei que fugi de Lisboa ,  
„ E mui longe fui viver....  
„ Ao principio pelas ruas  
„ Os mancebos me apupavam ;  
„ Mas depois ao Manoelinho  
„ Esmolas nunca faltavam...  
„ Conheces o Manoelinho?  
„ Não digas nada.... sou eu....  
„ O meu nome verdadeiro...  
„ Nem eu sei.... já me esqueceu.. —  
„ Um dia.... era terrivel....  
„ Estavam homens a enforçar...  
„ O arcabuz d'um soldado  
„ Contra mim vi disparar....  
„ Ao depois.... não vi mais nada...  
„ Dormi somno mui comprido ,  
„ E acordei nesta masmorra ,  
„ Onde ha muito estou mettido.  
„ Ás vezes o carcereiro  
„ Dá-me pouco de comer ;  
„ Traz-me uma agoa tão salôbra  
„ Que até me custa a beber...  
„ Mas qu' importa? ... paciencia...  
„ Não tenhas pena de mim...  
„ A minha filha Maria  
„ Hei de ver no céo por fim. „

Oh ! quem vira aquella scena  
Que se passa na prizão ,  
De pura mágoa com pena  
Lhe estalára o coração ;  
O carcereiro que a via

Em prantos se debulhava,  
E o remorso que soffria  
Aquella vista augmentava.

Ao ponto que isto se passa  
Ouvem-se tiros lá fóra,  
E tropel de gente armada  
Na prizão entrou agóra:  
Bem quizera o carcereiro  
D'alli o prêzo arrancar;  
Temendo que o secretario  
Alli os venha encontrar:  
Em vão a triste Maria  
Quer de seu pay desprender;  
Lucta em vão o carcereiro,  
Teve por fim que ceder,  
Porque as gentes que sentira  
Do calabouço estão perto,  
Se d'alli sahir quizesse  
As encontrára de certo:  
Ficára pois resignado  
A sua sorte a esperar,  
Ou talvez imaginando  
Como se ha de desculpar,  
Quando entrou no calabouço  
Abrindo aos mais o caminho,  
E gritando = Liberdade! =  
Nobre Dom Gastão Coutinho.

Nobre Dom Gastão Coutinho  
Vem os prezos libertar;  
Já cahiu a tyrannia,  
Cadeias lhes vem quebrar:  
O primeiro de Dezembro

Já tinha por fim raiado ,  
Da escravidão de Castella  
Portugal está restaurado.

Aos gritos de = Liberdade ! =  
Manoelinho estremeceu :  
„ Liberdade ! liberdade ! „  
Com voz rouca respondeu :  
E a filha , que ao seio aperta  
Só então reconheceu.

DOM GASTÃO.

„ Viva ElRey Dom João quarto !  
„ Viva a casa de Bragança ! „

MANOELINHO.

„ De Miguel de Vasconcellos  
„ Só quero tomar vingança.... „

DOM GASTÃO.

„ O tyranno já não vive ;  
„ Já o povo o castigou ;  
„ Lançado pelas janellas ,  
„ Pelas ruas o arrastou :  
„ A cauza da liberdade  
„ Sempre ao cabo triunfou. „

MANOELINHO.

„ Viva ElRey Dom João quarto !  
„ Viva a casa de Bragança !



„ Tenham sempre os portuguezes  
„ Este dia na lembrança ! „

E o pay, e a filha abraçados  
Choravam, mas de prazer;  
Dias mais affortunados,  
Livres já, podem viver.

FIM.

There is a very fine view of the  
city from the top of the hill.

The view is very fine and the  
city is very beautiful.

The view is very fine and the  
city is very beautiful.

The view is very fine and the  
city is very beautiful.

The view is very fine and the  
city is very beautiful.

The view is very fine and the  
city is very beautiful.

### NOTAS.

Suscitou-me a ideia deste romance a passagem seguinte de Dom Francisco Manoel de Mello, que transcrevo da sua primeira Epanaphora politica = *As alteraçoes d'Evo-ra, anno de 1637* = onde a pag. 28 diz assim :

„ Fôra poucos annos antes, conhecido em aquella Cidade, um homem doudo, e dizidor, e por isso aceitissimo ao Povo, cujo nome era Manoel, e por jogo, e sua notavel grandeza ironicamente Manoelinho.

Usava fazer praticas pelas ruas ao vulgo ; a quem com vozes desordenadas, e historias ridiculas excitava sempre a alegria, donde procedo ser na Cidade, e seus contornos, a pessoa mais conhecida ; a cuja lembrança recorrendo alguns de aquelles inquietos, foi ordenado entre elles, que todas as convocaçoens, cartas, editos, e ordens, se despachassem debaixo do sinal de Manoelinho d'Evora ; porque assi se escusavã de ser já-mais conhecido o Autor destas obras ; ficando aquelle nome, desde então, constituido por sinal publico, pera que se podessem entender sem confusam, em seus chamamentos. Nesta observancia amanhecião cada dia fixados pelas praças, e portas da Cidade, Provisoens, Bandos, e Decretos pertencentes ao estabelecimento de sua defenza: debaixo desta fórmula se escrevião, e despachavão cartas ás Camaras do Reyno, se despedião os Ministros de seus officios, e se acomodavão nelles outros, em virtude de hum simples provimento, assignado por Manoelinho d'Evora. Chegou a tanto a autoridade de seus mandados, que bastava pera que hum Cidadão, Fidalgo, ou Ministro, deixasse a cidade, casa, e officio, ou entregasse sua fazenda, ser-lhe assi mandado pela incerta voz de Manoel ; porque já se sabia, que nella era inclusa tacitamente a vontade do Povo, a que nenhum poder resistia. Assi se observou com muitos sospeitosos, dando-lhes termos de dias, e desterrros, que forão dos condenados inviolavel-

mente obedecidos ; porque depois do preceito, cominvão logo as penas , que se seguião á sua inobediencia , as quaes não erão menos de morte, e incendio. ,,

Se o nome do Manoelinho d'Evora foi em 1637 o grito de guerra escolhido pelos povos daquella cidade , quando infructuosamente tentaram saccudir o jugo da dominação castelhana ; se este nome foi o que presidiu á primeira tentativa da liberdade em Portugal ; sagrado deve elle ser para o trovador , que só aspira a fazer recordar as glorias da sua patria ; por isso o escolhi para assumpto deste romance.

A historia da feliz acclamação d'ElRey Dom João quarto , no dia 1.º de Dezembro , é popular entre nós ; desse dia data a dynastia reynante , e a nossa independencia nacional ; porem é geralmente pouco sabida a historia da revolução d'Evora em 1637, que foi , por assim dizer , como a aurora anuviada daquelle bello dia : sendo só este motivo bastante para me decidir a esboçar um quadro daquella epocha.

Quem tiver a paciencia de consultar o *Portugal restaurado* do Conde da Ericeira , as *revoluções de Portugal* do Abbade de Vertot , e a já citada obra de Dom Francisco Manoel de Mello , verá que fui exacto na designação dos caracteres politicos : deste ultimo escriptor , e da mencionada epanaphora transcrevo o character de Miguel de Vasconcellos , que elle definiu assim a pag. 21 :  
,, Era Miguel de Vasconcellos herdeiro do

aborracimento, que o Reyno teve a seu pay Pedro Barbósa, homem togado de agudo, mas inquieto engenho, a que se seguiu *vida escandalosa*, e morte violenta. „

Esta *vida escandalosa* de Miguel de Vasconcellos, é que me serviu de nexo principal da fabula de meu pequeno poema “se tal nome pode caber a esse roزاریo de trovas, que eu escrevi com o titulo de romance. „

Bem imagino eu que alguns de meus leitores queriam que lhes eu dicesse quem era o Manoelinho d’Evora, qual seu verdadeiro nome, e talvez a sua genealogia; facilmente podera satisfazer a sua curiosidade; aqui, em duas palavras; no texto do romance, em algumas trovas mais: julgo todavia dever responder-lhes que, ao escrever este romance, tive em vista symbolisar no Manoelinho d’Evora, louco, e errante por cauza da tyrannia de Miguel de Vasconcellos, o povo portuguez escravo pela dominação, e tyrannia de Castella: elle tinha perdido a razão, e por tanto a dignidade moral de homem; o povo portuguez tinha perdido a dignidade nacional, isto é, a sua independencia, e liberdade, que sam como a razão social: e se o Manoelinho recobra o uso da razão, e reconhece a sua filha, ao grito da liberdade, proclamado nos calabouços pelo illustre Dom Gastão Coutinho, assim a nação portugueza recobra o uso de seus direitos, e reconhece como seus filhos os heroes do 1.º de Dezembro de 1640, restau-

rada a liberdade da patria, victima até então, como a infeliz Maria, e seu desgraçado pay, da prepotencia, e tyrannia.

Alem deste motivo, outro quero accrescentar não menos forte; e é, que dezejei demonstrar a verdade deste preceito do Redemptor do genero humano = *Bemaventurados os que soffrem perseguição por causa da justiça, porque elles alcançarão misericordia.* = Doutrina consoladora do desgraçado, como toda a moral divina do Evangelho. Por isso dei adrêde á loucura do Manoelinho o character religioso; elle tudo perdêra, menos a crença instinctiva de seus pays, assim como o povo portuguez tudo tinha perdido, menos a crença religiosa de seus maiores: a lingoagem do Manoelinho é a do profeta Jeremias, quando conta os rigores que soffria, no captiveiro de Babylonia, o povo d'Israel; porque, como o trovador sagrado, lamentava os soffrimentos de sua patria, sob o captiveiro de Castella.

Quanto á parte historica dos factos essenciaes, acharão meus leitores nas citadas obras que eu consultei, a prova de minha constante fidelidade.

The first part of the document discusses the general principles of the proposed system. It is intended to provide a framework for the development of a new type of machine. The second part of the document describes the various components of the machine and their functions. The third part of the document discusses the construction of the machine and the materials used. The fourth part of the document discusses the operation of the machine and the results of the experiments. The fifth part of the document discusses the conclusions of the experiments and the future work to be done.

The first part of the document discusses the general principles of the proposed system. It is intended to provide a framework for the development of a new type of machine. The second part of the document describes the various components of the machine and their functions. The third part of the document discusses the construction of the machine and the materials used. The fourth part of the document discusses the operation of the machine and the results of the experiments. The fifth part of the document discusses the conclusions of the experiments and the future work to be done.



Martim Affonso de  
Lucena.

DEDICADO

A minha muito prezada tia

A Ill.<sup>ma</sup> E Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup>

*D, Anna Emilia de Moraes  
Sarmiento.*



**MARTIM AFFONSO DE LUCENA.**

„ ..... em socego ,  
„ De teus annos colhendo o doce fruto ,  
„ Naquelle engano d'alma lédo , e cégo ,  
„ Que a fortuna não deixou durar muito. „

CAM. LUS.

**CANTO I.**

Uma gôndola dourada  
Do Tejo as agoas fendia ;  
Navega tão apressada  
Que ao longe desaparecia.  
Seis remeiros esforçados  
Trajam librés mui custosas ;

C'os longos remos dourados  
Cortam ondas salitrosas.  
A compasso as agoas ferem  
Com regular movimento;  
Parece que lutar querem  
Na rapidez com o vento.  
Ia a noute quazi em meio,  
Fazia um lindo luar,  
Podiam sem ter receio  
Felo Tejo navegar.  
Nem sopra ligeira briza,  
Parece o Tejo estagnado;  
E a gôndola se desliza  
Nesse espelho prateado.  
Fica atraz delgada esteira,  
Cortada como a cinzel,  
Que denuncia a carreira  
Que ia seguindo o baixel.  
Cada vez que os remos se erguem,  
Cahem centêlhas no mar,  
As gotas d'agoa que aspergem  
Refrangem luz do luar:  
Das covas que os remos fazem  
Das agoas nessa planice,  
Brilhantes fermosos trazem,  
Que inundam a superficie:  
E a superficie aplainada  
Por essas gotas brilhantes,  
Fica outra vez prateada,  
Tão liza qual era d'antes.  
Piloto bem adestrado,  
Dourado leme regia;  
Do barco á pôpa assentado,  
Indifferente parecia;

Porem não, a aguda vista  
Ergue ao céu, aos lados lança;  
No céu, na terra que avista  
Não tem receio, e descança.  
E a gôndola dourada  
Do Tejo as agoas fendia,  
Com tal impulso levada,  
Que ao longe desaparecia.

Já Lisboa atraz ficára,  
E Almada que está fronteira;  
Da Pampulha alem passára,  
Mais do forte da Junqueira.  
O convento de Restêllo,  
Mais a torre de Belem,  
De Sam José o covêllo,  
De ha muito ficam alem.  
Torre velha, do outro lado,  
E mais o Porto-Brandão,  
Já de ha muito tem passado,  
Muito distantes lá estam.  
Pedrouços, Praias, Caxias,  
Oeiras, Linda-a-Pastora,  
E os valles, e serranias  
Em que a Linda-Velha mora:  
Tudo o piloto avistára,  
Tudo a gôndola passou;  
Como se encanto a levára,  
Até-li nunca parou.  
Os remeiros açodados  
Remam, remam sem cansar;  
E nos remos debruçados  
Os remos fazem vergar.  
Nas *regatas* de Veneza

Os mais destros gondoleiros  
Não remam com mais presteza  
Que os portuguezes remeiros :  
Vasco da Gama nos dera  
Sceptro do mar -- o tridente --  
Inda então naquella era  
Não estava gasto o presente.  
Abertas vam as cortinas  
Que eram de seda escarlate,  
Atadas com muito finas  
Prezilhas d'ouro em remate.  
Ia dentro reclinado,  
Sobre coxins de veludo,  
Um mancebo afortunado,  
Fermoso, rico de tudo.  
Fermoso sim, nem havia  
Em toda a grande Lisboa  
Tão bella fisionomia,  
Talhe, presença tão boa.  
Ainda na adolescencia,  
Fino buço apenas tem ;  
Tinha esse ar, essa innocencia  
Que ao mancebo assenta bem :  
O seu rosto pudibundo  
Tem cunho da virgindade ;  
Ignora os vicios do mundo,  
Ignora a sua maldade.  
Nas feiçoens todas do rosto  
Não se vê desproporção ;  
Nem as sombras do desgosto,  
Que agudos pezares dão.  
No desabrochar da vida,  
Tinha seu viço, e verdor ;  
Tinha a esperança não mentida ,

Illusoens todas d'amor ;  
Desse amor que é o primeiro ,  
Primeiro amor que elle tem ,  
Só vê quadro lisongeiro ,  
Nesse quadro se entretém.  
Nesse quadro tão risonho ,  
Copia da sua ventura ,  
Embebido como em sonho ,  
Goza-lo todo procura.  
Em doce melancolia  
Os sonhos d'alma traduz ,  
Como a lua reflectia  
No espelho d'agoa essa luz.  
Ia mudo, silencioso ,  
Com alma a sós a fallar ;  
Nesse estado venturoso  
A que um nome eu não sei dar.  
Chamei-lhe melancolia ,  
Porem tristeza não é ;  
Não de certo, que a alegria  
Tem menos gozos até.  
É o instante que precede  
Um gozo certo e seguro ,  
Do prazer que lhe succede  
Precursor divino e puro.  
Esse culto que é sagrado ,  
Que assemelha á devação ,  
D'amor a amor consagrado  
No templo do coração ,  
Produzia o sentimento  
Que em vão tentei descrever ,  
Definindo esse momento  
De suavissimo prazer ;  
De prazer que não transpira ,

Todo abafado no peito,  
Que até ao ar que respira  
Infunde amor e respeito;  
Oração de uma alma ardente  
Na terna amada a pensar,  
Como um anjo reverente  
O deus eterno a adorar.  
Do mancebo no semblante  
Reluzia essa expressão,  
— Melancolia interessante —  
— Fagueira meditação. —

O piloto, os marinheiros  
Viam tudo em derredor;  
Elle só via os luzeiros  
Que em seu peito accende amor.  
Esse luar como o dia  
Que o Tejo todo prateia,  
Terra, céo, elle não via,  
Nem delles tira uma ideia.  
Esse murmúrio tão brando  
Dos remos n'agoa a entrar,  
Como um suspiro imitando,  
De um ai sumido o fallar;  
Esse ruído alternado  
D'agoa na prôa a bater,  
Som do bejo a furto dado  
P'ra mil bejos receber;  
O compassado gemido,  
Do remador companheiro,  
Quando o rêmo é impellido,  
E ao remar solta o remeiro:  
O mancebo nada ouvia,  
Parece vai a dormir,



Fermosa boca entre-abria,  
Como n'um sonho a sorrir.

Vai a lua declinando  
Em seu rapido correr,  
Os seus raios occultando  
Vai-se no mar esconder.  
Como é lindo esse momento  
Em que a lua vai sumir-se  
Ao cabo do firmamento,  
E co' as ondas confundir-se!..  
Zona de prata fulgente  
Parece brilhante fita,  
Que dos confins do occidente  
No mar se estende, e se agita.  
E o oceano azulado  
Agita briza ligeira,  
Quando a lua tem findado  
Sua nocturna carreira:  
Como que da despedida  
Seu terno adeus vem trazer  
Essa aragem, que a polida  
Face do mar faz tremer.

Só o brilhar das estrellas  
Agora o Tejo alumia,  
Reflectindo a imagem dellas,  
Incerta luz refrangia;  
Luz que trémula vacilla,  
Quazi dubia escuridão,  
Nessa hora tão tranquilla,  
Do Tejo na solidão.  
E a gôndola dourada,  
Velozmente navegando,

Quazi á foz do rio, ousada,  
Finalmente vai chegando.  
O piloto bem sabia  
Qual porto vai demandar,  
A 'stibordo lá o via,  
Pouco pode lá tardar:  
Alli as agoas do Tejo  
N'um rochedo vam bater,  
Dando-lhe timido beijo,  
Beijo humilde de prazer:  
Porem quando enraivecidas  
Em dia de temporal,  
Esse rochedo a mil vidas  
Tem dado morte fatal:  
E sobre elle edificada  
Lá diviza a fortaleza  
De Sam-Gião alcunhada  
Pela gente portugueza.  
Ligeiro som de um apito  
O piloto fez ouvir;  
Ai agudo, triste grito,  
Parece d'agoa sahir.  
E os remeiros d'improviso  
Erguem os rêmos ao ar  
Ao som do apito, ao avizo  
De suspender seu remar.

Mas a gôndola seguia  
Seu anterior movimento,  
Que ao depois diminuia,  
Cada vez sendo mais lento;  
E por fim como cançada  
De já tão longa carreira,  
Pára a gôndola dourada

Do rochedo junto á beira.

Do apito o som agudo  
Fez o mancebo acordar ;  
Se era dormir o estar mudo ;  
Se acaso é somno o pensar.  
De sob o tecto dourado  
N'um instante se tirou ,  
E um suspiro prolongado  
Ao ver a torre exhalou.  
Alli nessa fortaleza  
Habita quem elle adora ,  
Alli mora uma belleza ,  
Sua alma inteira alli mora.  
Mas o pharol costumado  
Lá não via o amador ;  
Talvez não seja esperado ,  
Receios soffre de amor...  
Quem sabe?... porem não ouza  
Injuria á amada fazer ,  
Esperou sim , e repouza ;  
Gastou-se a véla ao arder ;  
Mais tempo que era costume  
Talvez gastára no Tejo ,  
E não vê brilhante lume ,  
O pharol de seu dezejo ! ...  
O pharol mysterioso ,  
Que é o seu norte , o seu guia ,  
Esse faxo luminoso ,  
Na torre não lhe apparecia ! ..  
O mancebo contristado  
Apito de ouro tocou ;  
Era o signal ajustado  
Para dizer-lhe — *aqui estou.* —

Som do apito repetira  
O echo triste da torre,  
Como um ai que disferira  
Afflicto alguém quando morre.  
Mas a luz não apparece  
Nessa estreita gelozia;  
O mancebo se entristece,  
Seu rosto se anuvia;  
Bate no peito apressado,  
Comprimido o coração,  
Como sem ar, abafado,  
Buscando o ar mas em vão.  
Outra vez toma o apito,  
Hezita se hade tocar,  
Solta um ai... mas não afflicto;  
Via o pharol relumbrar...  
E nesse ai que elle soltára  
Sua alma inteira partira  
Voando, quando avistára  
Essa luz que ressurgira...  
Lanternà de furta-fogo  
Erguendo ao ar, agitou;  
E o pharol moveu-se logo;  
Como ao longe lhe acenou.  
Sua amada!... não duvida...  
É ella... sim... que alli vê...  
D'alva roupa está vestida,  
Ouvir-lhe a voz ora crê.  
Porem não... não se atrevêra  
A fallar-lhe em tal distancia,  
Acordar seu pay fizera,  
Móra na proxima estancia.  
Nessa visão absorvido,  
Divina, doce visão,

O mancebo embebecido  
Dá largas ao coração.  
Elle era perfeito amante,  
Porque era cego amator,  
Tinha uma alma delirante:  
Era, como eu, — trovador. —  
Uma guitarra afinada,  
Enthusiasta preludia;  
E com voz terna, e paúzada,  
A cantar assim dizia:

### CANÇÃO.

„ Sobre as azas ligeiras dos ventos  
„ Brandas auras levai meu cantar;  
„ A expressão de meus doces tormentos,  
„ Ide ó ventos a Iria levar. „

„ E dissei-lhe com som mavioso  
„ De Martim os suspiros, penar;  
„ Os martyrios que soffre, extremo,  
„ Que é seu gozo a Iria adorar. „

„ E contai-lhe essas horas compridas,  
„ Longe della, só nella a pensar;  
„ E tão longas; tão longas parecidas,  
„ Que a mil vidas poderam bastar. „

„ E dissei-lhe que desde que a Iria  
„ N'uma igreja elle viu a rezar,  
„ Desse instante Martim só fazia,  
„ Sua Iria... Iria!.. chamar. „

„ E nas noutes tranquilladas do Tejo,

„ Nessas noutes de um lindo luar,  
„ Navegava a cumprir seu dezejo,  
„ Seu dezejo d'amor lhe mostrar.,,

„ Nessas noutes d'horriavel tormenta,  
„ Em que as ondas vam céos escalar,  
„ No seu barco sem medo se assenta,  
„ E agoenta os vai-vens desse mar.,,

„ Os abysmos nas ondas cavados,  
„ Moveis montes que o erguem ao ar,  
„ Sem terror sam por elle sulcados,  
„ Aplainados á força d'amar.,,

„ Mão no leme elle então seu destino,  
„ Sua vida não teme arriscar,  
„ Que o pharol dezejado, e divino,  
„ Peregrino lá vê relumbrar.,,

„ Essa luz que de longe lhe acêna,  
„ Essa luz que é d'amor o fallar,  
„ A jornada que ha feito com pena,  
„ Bem pequena lhe torna ao chegar.,,

„ Nesse faxo que a noute alumia  
„ Tem o premio de seu trabalhar;  
„ É seguro penhor de que um dia  
„ Ha de Iria a Martim premiar.,,

Do mancebo a voz sonora  
Perdeu-se na solidão;  
Silencio tudo é agora,  
Só fallava o coração.  
Nesse continuo arquejar

Manda suspiros de envolta,  
Suspiros! mudo fallar!  
E a suspirar sempre volta.  
Como que via apoiada  
Contra os umbraes da janella,  
Essa visão adorada,  
Iria fermoza, e bella.  
Como que ella aspirava  
O som terno da canção;  
Parece que respirava  
No ar os ais que lhe vam.  
Sua canção no rochedo  
O echo repercutiu;  
E nas muralhas, com medo,  
Lá na torre se extinguiu.  
Ouviu-a a nobre donzella,  
E a canção agradeceu,  
Agitando a acceza véla  
Ao trovador respondeu.

Toda a vida alli estivera  
O mancebo namorado,  
Se receios não tivera  
Possa alli ser encontrado.  
Sua guitarra afinando  
O tom mais terno procura,  
E as cordas dedelhando  
Canta assim com voz segura:

#### A CANÇÃO DA DESPEDIDA.

„ Pouco tarda que a aurora rozada  
„ Não desponte o arrebol matutino;

„ E sem ver o teu rosto divino ,  
„ Bella Iria, eu devo partir!.. „

„ Os mysterios que a noute sepulta,  
„ Atraçoam luzeiros do dia;  
„ Meus segredos conta-os podia...  
„ Inda não... Esse dia ha de vir. „

„ Desse dia tão bello, e fermoso ,  
„ Desse dia que eu vejo tão perto ,  
„ Bella aurora, como hoje, de certo ,  
„ Bella aurora não hei de fugir. „

„ Orgulhoso de amor, e ventura ,  
„ Ante os homens te chamarei *minha* ;  
„ Esse instante a esperança adivinha ,  
„ Sua aurora já vejo luzir. „

„ No entanto que assim eu espero ,  
„ Confiado na tua ternura ,  
„ Só em noute sombria, ou escura ,  
„ Posso amor em meus ais referir. „

„ Que não vejam profanos o culto  
„ Que minh'alma á tu'alma dedica ;  
„ Vou partir, porem ella cá fica ,  
„ Sem da tua a poder dividir. „

„ Vou sem alma, qual corpo gelado ,  
„ Vou sem leme, sem norte, sem guia ,  
„ Vou sem ti, qu'és meu deus, bella Iria ;  
„ Qual escravo os grilhoens a polir. „

„ Da partida os suspiros saudosos ,



„ Terno adeus, triste adeus eu te envio :  
„ Mas nos céos, mas em ti eu confio,  
„ Qu'outro adeus do teu peito heide ouvir. „

O pharol n'alta janella  
Outra vez viu agitar:  
Era o *adeus* da donzella,  
Adeus de mudo fallar.  
Do mancebo o gozo intenso  
Não cabe na expressão;  
Não se mede o que é immenso;  
Nem se vê o coração.  
Esse prazer que elle gozava,  
Ia d'envolta com dor;  
A saudade lhe deixava  
Ralando o peito de amor.  
O pharol que se agitara,  
Nas trevas desapareceu:  
E o mancebo suspirara,  
Erguendo os olhos ao céo.

O piloto bem sabia  
Que eram horas de partir;  
O agudo apito assobia,  
Faz um silvo retinir.  
E a gondola dourada  
Do Tejo aprôa a corrente,  
Com tal arte manobrada  
Que o bordo vira ao repente.  
O mancebo descuidado  
Perde equilibrio um momento,  
Tendo-lhe o barco faltado  
No tão veloz movimento.  
Guitarra que acompanhara

Sua voz , sua canção ,  
Por segurar-se , a soltara ,  
Cahiu partida no chão.  
*„ E' máo agoiro por certo! .. „*  
Dice o mancebo entre si ;  
Pedaços que ficam perto  
Arroja ao mar , e sorri...  
Sorriu como desprezando  
Esse agoiro em que pensou ,  
E a amada recordando ,  
Guitarra , agoiro , olvidou.  
Prôa á terra o barco pára  
Onde sohia aportar ;  
Mancebo desembarcara  
Apoz bolsa lhe atirar.

Seguindo por varias ruas  
N'um palacio entra em fim ;  
Chaves falsas tinha suas ;  
Evita fazer motim.  
Sobre si as portas cerra ,  
Sem ruido algum fazer ;  
Vai ás escuras , não erra :  
Certo da caza ha de ser.

FIM DO CANTO I.

**MARTIM AFFONSO DE LUCENA.**

„ ..... O' filho , a quem eu tinha  
„ Só para refrigerio e doce amparo  
„ Desta cansada já velhice minha ,  
„ Que em choro acabará peroso, e amaro! „

CAM. LUS.

**CANTO II.**

Inda apenas despontava  
Da manhã o alvor primeiro  
Sobre Lisboa, que estava  
Sepulta em somno fagueiro ;  
E um velho venerando ,  
Sentado junto a uma meza ,

Estava acordado, velando,  
Absorto inteiro em tristeza;  
Alvas cãas lhe adornam rosto,  
Pallido já pelos annos,  
Cortado pelo desgosto  
Co' as rugas dos desenganos;  
Os olhos amortecidos  
Pelo continuo velar  
Tinha quazi humedecidos;  
Talvez esteve a chorar!..  
Alli só, ninguem o via,  
Pode nutrir sua dôr;  
Desafogo então podia  
Procurar, consolador.  
Fio a fio as bagas sulcam  
Suas faces macilentas;  
Sam amargas, bem inculcam  
As dores d'alma violentas.  
Na mão convulsa apoiava  
A calva testa que ardia;  
Do peito que palpitava  
Murmurio d'ais lhe sabia.

Ninguem de certo cuidara  
Que o que soffria essa pênna,  
Que esse velho que chorara  
É Francisco de Lucena!  
Um secretario de estado  
A' fé ninguem pensaria  
Que, sendo d'ElRey o privado,  
Afflicto assim choraria!  
O vulgo, que as apparencias  
Das cousas sómente vê,  
Nas mundanas preeminencias

Que a ventura existe, crê ;  
Esse ouropel tão brilhante ,  
Ouro crê de bom quilate ,  
Dera por elle, inconstante ,  
Seu ouro bom sem rebate ;  
Seu ouro bom , essa vida  
Vivida tranquillamente,  
Trocara pela mentida  
Gloria do mundo apparente ;  
Os palacios sumptuosos ,  
As terras, librés, criados ,  
Os banquetes saborosos ,  
Os festins nocturnos dados ;  
Esse luxo da existencia ,  
Que cerca sempre o poder ,  
Trocara sem violencia  
Por seu modesto viver :  
E no seio a inveja falla ,  
Desse vulgo tão ignaro ;  
Desse vulgo que se rala ,  
D'alheios bens sempre avaro !  
D'alheios bens que dezeja  
A posse injusta cobiça ;  
Goza-los quer, e forceja ,  
Faxo d'intrigas atiça.  
Oh ! não conhece os espinhos  
Que cercam esse lugar !  
Os tortuosos caminhos  
Que é mister atravessar !  
Nem os abysmos cavados  
Sob os pés desse ministro ;  
Os vulcoens assolapados  
Que bramem com tom sinistro !  
Nem do coração luctando

As luctas com o dever  
Conhece o jogo nefando,  
Em que o ganho é soffrer!  
Se do vulgo alguém viesse  
Ver o ministro a chorar,  
Se a causa saber quizesse,  
Já não quizera trocar.  
Esse poder que invejara,  
Esse luxo, essa riqueza,  
Oh! de certo não trocara  
Por sua humilde pobreza.

Essa meza a que se encosta  
Cercada está de papeis;  
A todos já deu resposta,  
Despaxos pondo fieis.  
Todos já estão despaxados,  
Falta um só para assignar;  
Tem nelle os olhos cravados,  
Olhos que estão a chorar.  
Esse papel, como ardendo,  
Lhe queima a vista cansada;  
Péga na penna tremendo,  
E a mão lhe pára gelada.  
Era sentença de morte  
Essa que elle ia escrever;  
Traço da penna, era o córte,  
De que um filho vai morrer!  
Essa mão que abençoára  
Esse filho tão querido;  
Essa mão que elle beijára  
De terno amor possuido;  
Essa mão devia agora  
Firmar sentença fatal...

Ou traidor, perjuro fôra...  
Vendêra o rey... Portugal!..  
Vender a patria!.. o seu rey!..  
Elle?!.. não, que é portuguez...  
Do dever só sabe a ley...  
Que é pay esquece esta vez.  
E a mão convulsa escrevêra  
Despaxo sobre o papel;  
O sacrificio fizera...  
Ficara á patria fiel.  
Seus olhos tristes, banhados  
D'amargo, precioso pranto,  
Pelo pranto anuviados,  
Traduzem martyrio tanto.

As propostas de Castella  
Quem as quizera aceitar?!  
Todas em proveito della,  
Patriá, rey nos quer tirar!..  
Mas ElRey Dom João quarto  
Ao seu throno já subiu;  
Portugal d'opprobrios farto  
Da corôa propria o cingiu:  
E nos campos da batalha,  
Os grilhoens dos sessenta annos  
Sam leves saias de malha  
Que embotam golpe aos tyrannos.  
Não podendo com a espada  
Roubar-nos a liberdade,  
A alforria conquistada  
Com valor, e lealdade,  
Arteiros meios emprega,  
O ouro que nos roubou;  
Esse ouro que a tantos cega,

Com que outr'ora nos comprou.  
Bem sabe que nunca a força  
Portugal poude vencer;  
Com traçoens, ardiz se esforça,  
Mais seguro combater.  
Inda mal que alguns illusos  
Cahem nos laços cruentos,  
Protegendo esses intrusos  
Tyrannos sangui-sedentos!  
Porem esses já pagaram,  
Sob o cutello do algoz,  
O crime que perpetraram,  
A traição infame, atroz!..  
Já o duque de Caminha,  
Marquez de Villa-Real,  
Purgaram traição daninha  
Sob o cutello fatal!..  
Nobre conde de Armamar  
Perdera a vida igualmente;  
Melhor fim devêra achar;  
Era mancebo, e valente!.,  
O sangue desses traidores  
Manchou seus nobres quarteis,  
O escudo de seus maiores  
Ao rey, á patria fieis.  
E nenhum desses contava  
Em Castella um filho prezo,  
Que as algêmas lhe mostrava,  
Que os tratos soffre indeffezoz!  
A nenhum delles dizia  
Castella, no seu rancor,  
= Teu filho, só to daria,  
= Se a patria vendes, traidor! =  
Essa lingoagem uzara



Com Francisco de Lucena;  
E o pay não hesitára,  
O filho á morte condemna!  
Seu Affonso, tão querido  
Primeiro fructo d'amor,  
Para sempre crê perdido  
D'Hespanha entregue ao furor.  
As lagrimas que lhe cahiam  
Pelas faces descarnadas,  
Tormentos d'alma exprimiam,  
Erâm bem justificadas!  
Invejaria insensato,  
Esse lugar em que elle está?!  
Não está completo o retrato  
E treme de certo já.

E Francisco de Lucena  
O nome assigna por baxo...  
Ao chão arroja essa penna  
Com que firmou seu despaxo.  
O sacrificio está feito,  
Um filho já immolou...  
E um suspiro do peito,  
Qual derradeiro exhalou.  
Outro filho que lhe resta,  
Martim Affonso inda tem;  
Ao menos sorte funesta  
Não tenha esse tambem!..  
Seja ao menos batalhando  
Que pela patria elle expire...  
Irmão, e patria vingando,  
Vingança nobre elle tire!  
Dos despaxos que ha lavrado  
Martim será portador;

Só de um filho muito amado  
Confia seu pundonor.

Ao rey dicera o valido  
De Castella a vil proposta,  
Que ficára enternecido  
Sabendo qual a resposta:  
Licença tambem pedira  
Para Martim a levar,  
E ElRey logo consentira,  
Dando-lhe a mão a beijar.  
Quando viera do paço,  
Seu filho não encontrou;  
Tinha sahido ha pedaço,  
E até-gora não voltou.  
Deve partir sem demora  
Apenas logo chegar,  
E já começa a aurora  
Quazi quazi a despontar.  
E passára a noute inteira  
O velho sempre velando,  
Por esta triste maneira  
Como eu estive relatando.

Nessa hora em que as estrellas  
Convidam sempre a dormir,  
E confundem brilho dellas  
C'o matutino luzir;  
Nessa hora abençoada  
Pelo triste que ha velado,  
Em que alma exhausta, e cansada  
Acha repouso um bocado;  
Ness'hora mysteriosa  
Em que o somno vence a dor,

Com a força portentosa  
De que deus só é motor;  
Nessa hora, já vencido,  
O velho ao somno cedeu;  
Tinha tanto já soffrido,  
Que por fim adormeceu.

Não era somno quieto  
O somno que elle dormia,  
Era dormir inquieto,  
Porque a dormir elle gemia.  
Eram sonhos horrorosos,  
Esses sonhos que elle tem:  
Agudos ais dolorosos  
Á flôr dos labios lhe vem.  
É horrivel pezadêllo  
Que lhe esmaga o coração:  
Julgára ver um cutello  
Que o algoz tinha na mão !...

Acordou espavorido;  
Era uma porta a ranger;  
Era um andar conhecido;  
Martim Affonso hade ser...  
Era seu filho que entrara  
Manso e manso, devagar:  
Bello mancebo que andara  
Pelo Tejo a navegar.

O secretario de estado  
Martim Affonso chamou,  
Que ao ver o pay acordado  
Vergonhoso a sala entrou,  
Sahira sem ter licença,  
Tivera pêjo em pedi-la...

Uma severa sentença  
Agora teme de ouvi-la.  
Porem não; seu pay o adora;  
Vai confessar-lhe a verdade;  
Vai dizer-lhe sem demora  
Quem lhe algema a liberdade:  
Vai pedir-lhe que consinta  
Em sua doce união  
Com a donzella distincta,  
A quem dera o coração.  
A boca já meio aberta  
Ia a supplica expressar  
Ao tempo que a mão aperta  
De seu pay, para a beijar;  
Quando seu pay extremoso  
Contra o seio o apertou,  
E no seu rosto fermoso,  
Cheio d'amor o beijou.  
Lagrimas ternas correram  
Dos olhos do pay amante;  
Por dous filhos se verteram  
De um só filho no semblante.  
Cada beijo eram dous beijos  
Dados nesse, e filho auzente...  
Desse amor puro os desejos  
Só um pay, ou may os sente.  
Só um pay, ou may conhece  
A lingoagem desse amor,  
D'amor que não arrefece,  
Cada vez sempre é maior;  
Desse amor, que repartido  
Nunca perde a intensidade,  
Com o de um deus parecido,  
Pay de toda a humanidade.

FRANCISCO DE LUCENA.

„ Meu filho ! vai preparar-te ;  
„ Sem demora vais partir.  
„ N'um batel vais embarcar-te  
„ Onde podes bem dormir.  
„ Sem detença ao Alemtejo  
„ General vai procurar ;  
„ Satisfaz o meu dezejo ,  
„ Ordens minhas vai levar ;  
„ Dellas depende o que eu prézo  
„ Mais que a vida, muito mais ;  
„ Mais que o Affonso que está prezo,  
„ Mais que a ti... filhos leais !..  
„ Nossa patria... a minha honra  
„ Depende agora de ti ;  
„ Não serás tu que a deshonra  
„ Lance indigno sobre mi. „

E o filho contristado  
Instrucções do pay ouvia ,  
Respeitoso , e resignado  
Paterna benção pedia.  
Sua amada cá ficava  
Sem della se despedir ;  
E a saudade o devorava ,  
Antes mesmo de partir.  
Vai a pegar no despaxo ,  
Cahe-lhe o despaxo da mão ;  
Curvado todo até baxo  
Vai apanha-lo do chão ;  
Da meza , a que se apoiara ,  
Outra cousa ao chão cahiu ;  
Seu pay um grito soltara

Quando vira o que cahiu.  
Era um cutello que outr'ora  
De Madrid elle trouxera,  
Que ao chão cahindo agora  
Estremecer o fizera,  
Pensando que ao cahir  
Martim Affonso ferira,  
Esse grito fez ouvir,  
Qu'involuntario partira.

· Martim Affonso apanhara  
Despaxo, e ferro do chão;  
Oh! se acazo adivinhara?!..  
Queimada sentira a mão!..  
Esse despaxo encerrava  
De seu irmão sacrificio;  
O cutello designava  
Do algoz cruento officio!  
Degolara esse cutello  
Dom Rodrigo Caldeirão!..  
Nobre pescoço, mais bello  
Talvez corte... e sem razão!..

Entrou na sala um porteiro;  
Apoz elle um magistrado,  
Sem n'ante-sala primeiro  
Audiencia haver esperado.

#### O MAGISTRADO.

„ Qual Corregedor da côrte  
„ Venho de mando de ElRey;  
„ Faço a mim violencia forte,  
„ Cumprindo tão triste ley.,,

Dá um papel que trazia  
A Francisco de Lucena,  
Que o seu contexto assim lia  
A sós, com vista serena:  
„ Attendendo ao requerimento  
„ De varios Procuradores,  
„ Que a Francisco de Lucena  
„ Poem entre o rol dos traidores;  
„ E a justiça não querendo  
„ Que se denegue a ninguem;  
„ O dever de rey fazendo,  
„ Determino, e Hei por bem  
„ Que á torre de Sam Gião  
„ Logo o vades conduzir;  
„ Com menagem na prizão,  
„ Sem della poder sahir.  
„ O corregedor da cõrte  
„ Esta ordem cumprirá:  
„ De haver feito desta sorte  
„ Logo a parte me dará.,  
Por baixo vinha assignado  
Com a rubrica d'ElRei;  
Um **J**, um **L** enlaçado,  
Um **R**, e guarda, da ley.

FRANCISCO DE LUCENA.

„ Á torre de Sam Gião;  
„ Vamos já sem demorar.,  
Sem menor hesitação,  
O seu chapeo foi buscar.

Martim Affonso pasmado  
O que pensar não sabia;

A ordem do magistrado,  
Nem o papel entendia.  
Ouvira fallar na torre  
Onde habita a sua amada,  
Innocente, não discorre  
No fim daquella jornada!..  
Sem lembrar sua partida  
Com ordens para Alemtejo,  
Folga vê-la interrompida  
Por dar gosto a seu dezejo;  
E assim diz, como rogando:  
„ Á torre posso ir tambem?? „

O MAGISTRADO.

„ Vosso pay acompanhando,  
„ Creio podeis ir mui bem. „

MARTIM AFFONSO.

„ A torre de Sam Gião  
„ Meu pay dezejo seguir. „

FRANCISCO DE LUCENA.

„ Meu filho!.. É á prizão!!!. „

MARTIM AFFONSO.

„ Então devo, quero ir!!!. „

FIM DO CANTO II.



**MARTIM AFFONSO DE LUCENA.**

„ A que novos desastres determinas  
„ De levar estes Reinos, e esta gente?  
„ Que perigos, que mortes lhe destinas,  
„ Debaixo de algum nome preeminente? „

CAM. LUS.

### **CANTO III.**

N'uma gothica janella  
Da torre de Sam Gião  
Se vê fermoza donzella,  
Encostada ao seu balcão.  
A gentil nobre figura  
Tinha flexivel, airosa;

Haste elegante affigura  
Sobre a qual brilha uma roza ;  
Porem roza não aberta ,  
Botão sem desabroçar ,  
De verdes folhas coberta  
Sobre o tronco a baloiçar ;  
Tem da innocencia os espinhos ,  
No seu ar, no seu desdem ,  
Como a roza nos raminhos  
Por defeza espinhos tem.  
Seus longos, finos cabellos  
Sam negros como o pau santo ;  
Seus negros olhos sam bellos ,  
D'amor contem doce encanto ;  
Ora languidos, parecem  
Brilhar nocturno d'estrellas ,  
Que a scintillar apparecem  
Apoz passadas procellas ;  
Ora qual sol rutilante ,  
Despedem raios de luz ,  
Que a ventura no semblante ,  
Nas feçoens todas traduz ;  
Mas agora humedecidos  
Parecem mais bellos inda ,  
Com aurora parecidos  
De manhã serena , e linda.  
Alvo o rosto , é tão perfeito ,  
Que não ha pôr-lhe—senão—;  
Só se acazo for defeito ,  
Ser perfeito em perfeição.  
A boca rubra , e pequena ,  
É dos céos divina amostra ;  
Da roza com a assucena  
Linda côr nas faces mostra.

Seu nariz , como de cera ,  
Transparece delicado ;  
Que perfumes recebêra  
Parece ar que ha respirado :  
E o ar que em torno a cercava ,  
Ar parecia luminoso ,  
Que as lindas formas beijava ,  
Casto , puro , e respeitoso .

Dona Iria de Menezes ,  
Illustre nome era o seu ;  
Nome que por tantas vezes  
Cheio de gloria appareceu .  
É seu pay governador  
Da torre de San Gião ;  
É tão distincto em valor ,  
Como o era em geração :  
Dom José era o seu nome ,  
Menezes , seu appellido ;  
Ganhado tinha renome ,  
Renome justo , e mer'cido .  
Fôra victima em Castella  
Da mais feroz tyrannia ,  
Quando sob os grilhoens della  
Portugal inda gemia ;  
Lá soffreu tratos horriveis  
Por ser á patria leal ;  
Mas nos tratos mais terriveis  
Nunca trahiu Portugal .  
Foi um desses cavalleiros  
Que acclamou Dom João quarto ,  
Foi talvez um dos primeiros ,  
Como de soffrer mais farto ! . .  
ElRey para premia-lo

Com distincto galardão ,  
Deu-lhe , de gloria em regalo ,  
A torre de Sam Gião.  
Da foz do Tejo a defeza  
ElRey lhe quiz confiar ;  
Do seu reyno fortaleza  
Mais nobre não tinha a dar.  
E Dom José de Menezes  
Com a filha alli vivia ,  
Que os seus pezares mil vezes ,  
Seus cuidados distrahia.

Dona Iria contemplava  
Nuvens no céo a crescer  
Com o vento que soprava  
Do sul mui rijo a bater.  
Do Tejo as ondas subiam  
Cada vez e mais e mais ;  
Montanhas moveis pareciam ,  
Das quaes surdem tristes ais ;  
E as ondas impellidas  
Contra as rochas vam quebrar-se ,  
Recuando enfurecidas  
Para maiores formar-se ;  
Apoz como reforçando  
O seu ataque primeiro ;  
Vam audazes caminhando ,  
Esquadrão feroz , ligeiro ;  
Mas a bronca penedia  
Desse ataque inda zombou ;  
Despôjo lá se lhe via  
Na escuma , que lá ficou ;  
As ondas encapelladas  
Outra vez trepam rochedo ,

Tornam atraz rechaçadas ;  
Lá ficou tranquillo, e quêdo.  
A sua immobibilidade  
Em vão luctam combater,  
Que por toda a eternidade  
Seu dominio ham de soffrer.  
Do Tejo as ondas batiam  
Nos muros da fortaleza ;  
E os ventos recresciam  
Na furia com mais braveza.  
Das nuvens denso chuveiro  
Vai correndo sobre o mar ;  
Negro, espesso nevoeiro,  
Cortina horrivel formar.  
Rajadas rijas dos ventos  
Erguem ondas té aos céos ;  
Mostram do mar fundamentos  
Nas bazes dos escarcéos.

„ Infeliz do navegante,  
„ Que a vida ao mar confiou! „  
Assim pensou nesse instante  
Dona Iria, e suspirou.  
Mas que é a vida? Oceano  
Continuamente agitado,  
Em que o repouso é engano,  
Triste engano refalsado.  
Ha pouco ainda esse Tejo  
Tranquillo, e puro jazia,  
Nem o mais leve bafejo  
Liza face lhe movia.  
Alta noute um barco vinha  
Velozmente navegando,  
Pharol d'amor o encaminha,

Porto d'amor lhe amostrando :  
D'uma voz suave, e pura  
Ouvia o doce cantar ;  
Brandas cançoens que a ternura  
Sabiam tão bem pintar ! ...  
Agora ? ! . sibilam ventos ;  
Bramem ondas com furor ;  
Em vez de cançoens, lamentos ;  
Em vez de bonança, horror ! ..  
Suas lagrimas fermozas  
Já não as pode conter ,  
E pelas faces de rozas  
Manam por fim a correr.

Via quazi a toda a hora  
O mancebo a quem quer bem ;  
Martim Affonso alli mora  
Naquella torre tambem.  
Tres mezes porem passaram  
Nunca o triste lhe fallou ;  
Os seus labios se fexaram  
Desde hora que alli entrou.  
O seu pay acompanhava  
Sempre sempre na prizão ;  
E nunca nunca o deixava  
Por lhe dar consolação.  
Quando seu pay nos terraços  
Passeia a custo , cansado ,  
Do terno filho nos braços  
Constantemente apoiado ,  
Ella vê o seu querido  
Martim Affonso a chorar ;  
E seu pranto enternecido  
Ao triste pay occultar ;

Como que se receiasse  
Profanar de um pay o culto  
Se d'amor então fallasse  
Que á sua dor julgara insulto,  
Nunca até-li lhe fallára,  
Fugia até de a ver;  
Porem quanto lhe custara  
Tal sacrificio fazer!...  
Conhece a delicadeza  
De seu nobre coração;  
E por isso mais o préza,  
Soffre mais, e com razão.  
Como havia de fallar  
Martim Affonso em amor  
Seu pay ouvindo accuzar  
D'infamia vil, de traidor?!?.  
Como havia de offerecer  
Mão d'espozo á sua amada  
Quando seu pay vai morrer?!?  
E sua mão fica infamada?!?.  
Como havia de dizer-lhe....  
Dizer-lhe o que??. um proscripto!..  
— O seu pranto agradecer-lhe  
— Calando amor infinito. —  
Seu nobre pay era amigo  
De Francisco de Lucena,  
Mas um pod'roso inimigo  
Á prizão lá o condemna.  
O processo demorado  
Não corre, vai devagar;  
Muito custa ao accuzado  
Sua justiça alcançar!..  
E Dom José de Menezes  
Seu valimento empregara;

Aos ministros muitas vezes,  
A ElRey mesmo, fallara.  
Quando Iria assim pensava  
Encostada ao seu balcão,  
No apozento o pay entrava  
Que ella habita em Sam Gião.  
Amor de pay lhe dicera  
Quanto soffre a amada filha;  
Sua alegria perdera,  
Prazer no rosto não brilha.  
Martim Affonso ella adora...  
Infeliz! pobre innocente!..  
Da vida ainda na aurora,  
Soffre já... e tanto sente!..  
Quanta ventura seria  
Poder cazar esses dois?!.  
Se agora tem sua Iria,  
Dois filhos tinha ao depois!..  
Mas é preciso primeiro  
Livrar seu pay da prizão;  
E mostrar ao mundo inteiro  
Fôra injusta, e sem razão.  
De sua filha adorada  
Saudozo vem despedir-se;  
Dezeja, e teme a jornada;  
P'ra Lisboa vai partir-se.  
Vai tentar ultimos meios;  
Pedir justiça a ElRey;  
Delle não vem seus receios,  
Vem dos que zombam da ley.  
Comsigo Martim levava;  
A ElRey o quer mostrar;  
Lédos planos que formava  
Não pode o rosto occultar.



Delle apoz na sala entrara  
Martim Affonso a tremer;  
Dom José o convidara:  
Que lhe havia responder?!..  
E tremia, não de pejo,  
Certo não tinha razão;  
Era d'amor, e dezejo  
Que tremia o coração.  
Era d'amor, e saudade,  
Saudade, sim, junto a ella;  
É distancia a adversidade,  
Por isso está longe della!..  
Formar não ouza um dezejo,  
Porque não tem uma esperança...  
Das lindas noites do Tejo  
Recorda, triste, a lembrança!..  
Era então filho mimoso  
D'um secretario d'estado,  
Agora qual criminoso  
Nessa torre encarcerado!..  
Ao entrar elle tremêra,  
Porem tremêra d'amor...  
Sua Iria não quizera  
Associar á sua dor!..  
Ao vê-la seu pay olvida,  
Para só nella pensar;  
Nos seus olhos sua vida  
Outra vez julga encontrar.  
Vence amor a natureza,  
Iria só então viu,  
Sua rara gentileza,  
Seu rosto que lhe sorriu.  
Essa boca tão rozada  
Sorriu tão lindo sorrir!..

Sua face tão nevada  
Tingiu tão lindo tingir!...  
Que o mundo inteiro esquecêra  
Gozando o puro sorriso,  
Que na terra o céo lhe déra,  
Venturas do paraizo.

O pay d'Iria esta scena  
Eloquente, percebeu  
O amor, prazer, e pena  
D'ambos elles conheceu.  
Se d'elle só dependesse  
Não hezitara um instante,  
Que alli mesmo não fizesse  
Venturoso o par amante.  
Mas a ElRey deve ir primeiro  
Sua licença impetrar;  
Do innocente prisioneiro  
Injustos ferros quebrar.  
Pay d'Iria não dicera  
Tudo quanto ella entendeu;  
Não se engana, e ella espera;  
Doce esperança concebeu.  
Seu nobre pay approvava  
Sua terna inclinação,  
E seu amor aplainava  
Qualquer outra opposição.  
Palavras poucas diceram  
Os dois amantes ao vêr-se;  
Nem palavras se fizeram  
Para amantes entender-se:  
No andar, no gesto, e modo,  
Na pallidez, no rubor,  
N'um olhar, se encerra todo

Vocabulario d'amor.

O seu amante, e seu pay  
Ambos elles já sahiram;  
Sua alma com elles vai  
Na carroça, em que partiram.

Cada vez crescia mais  
No Tejo a horrivel tormenta;  
Sopram rijos vendavais;  
Temporal a furia augmenta.  
Entre o denso nevoeiro  
Uma barca se avistou;  
Certo, o seu fim derradeiro  
Nos cachopos encontrou!..  
Como do abysmo arrojada  
A barca torna a apparecer;  
Nos abysmos sepultada  
Parece agora vai ser!..  
Cedeu amor á piedade  
Nesse momento d'horror...  
Nesse instante d'anciedade,  
Vendo o quadro aterrador!..  
Sem vela, remos, nem leme,  
Era ludibrio do mar...  
Cerra os olhos, toda treme,  
Começa afflicta a gritar:  
„ Soccorro!.. dai-lhe soccorro!..  
„ Salvai essa embarcação!..  
„ Ou de pena, e magoa eu morro!..  
„ Parte a dor meu coração!...„  
A bolsa d'ouro provída  
N'um momento vái buscar;  
Ei-la na torre descida,  
Sempre *soccorro* a bradar.

Apenas vê uns soldados ,  
Sua bolsa lhe atirou ;  
E com gritos redobrados ,  
„ Dai-lhe soccorro !...„ bradou :  
„ Soccorro !.. dai-lhe soccorro !..  
„ Salvai essa embarcação !..  
„ Ou de pena , e mágoa eu morro !..  
„ Parte a dor meu coração !...„

Não foi d'ouro o vil dezejo ,  
Foi d'Iria a voz divina ,  
Que a arrojarse logo ao Tejo  
Os soldados determina.  
Co' as vagas lá vam luctando  
Levando cabos na mão ,  
O seu risco desprezando  
Por salvar a embarcação...  
E a virtuosa Iria  
Tremia toda sem querer ;  
Pelos soldados tremia  
Que por ella vam morrer.  
Aperta as maons contra o seio ,  
Reza , reza com fervor ;  
O remedio a seu receio  
Pede a um deus consolador.  
Elle ouviu sua reza ardente ,  
A barca já se salvou :  
Em p'rigo tão imminente  
Nenhum homem se afogou.

De Francisco de Lucena  
Um amigo , e o cunhado ,  
Naquella barca pequena  
Tinham no Tejo embarcado

Tal pressa quizeram dar-se  
Para vir a Sam Gião,  
Que não temeram fiar-se  
Do Tejo em tal estação.  
O temporal os colhera,  
E a não ser a bella Iria  
Que o soccorro a tempo dera,  
A barca naufragaria.  
Ao secretario d'estado  
Trazem ordem de soltura;  
Que o seu processo ha mostrado  
D'imigos vis a impostura.

Apenas a bella Iria  
Noticia ouviu lisongeira,  
Pela torre lá corria,  
Mais que a corsa mais ligeira.  
A Francisco de Lucena  
Vai soltura annunciar,  
Que suffocado lhe acêna;  
Não deixa o gosto fallar:  
Abertos braços mostrava  
O velho; ella entendeu...  
Nos seus braços se lançava;  
O pranto d'ambos correu.  
Nesse abraço, e pranto havia  
A confissão interessante,  
Que a Martim amava Iria,  
Que os bemdiz seu pay amante,  
Retumbam vivas na torre  
Ao secretario innocente;  
Cada qual logo discorre  
Dar-lhe um festejo excellente.  
Iria ao velho beijava

As maons frias de prazer,  
Que nas suas apertava,  
Como para as aquecer.  
O terno amigo, o cunhado  
Aos lados dos dois estam;  
Largamente tem contado  
Quem lhe cauzara a prizão.  
Martim Affonso não deve  
Nem Dom José hi tardar;  
Da noticia a fama leve  
No caminho ham de encontrar.  
Lá rodou uma carroça;  
Ham de elles por certo ser;  
O coração se alvoroça  
Treme oppresso de prazer.  
Iria seu caro amante,  
E seu pay corre esperar;  
Quando extranhos nesse instante  
Na sala acabam d'entrar.  
Era um, Jorge de Mello,  
Que é das galés general;  
O outro, Estevão Meirelles,  
Que é ministro criminal.

O MINISTRO.

„ ElRey Dom João me ordena  
„ Conduzir ao Limoeiro  
„ A Francisco de Lucena,  
„ Que aqui estava prisiceneiro.,,

FRANCISCO DE LUCENA.

„ Como assim?!? se mesmo agora

- „ Recebo ordem de soltura?!?
- „ Lêde esta ordem protectora ;
- „ D'ElRey vêde a assignatura!!..

O MINISTRO.

- „ Tudo isso é verdadeiro ,
- „ Mas ElRey mudou depois ;
- „ Levar-vos ao Limoeiro
- „ Nos mandou a ambos dois. „

DONA IRIA.

- „ Isso não!.. é impossivel!..
- „ Foram ElRey enganar!...
- „ ElRey é justo, e sensivel,
- „ Não podia tal mandar. „

O MINISTRO.

- „ Não vos pertence, ó Senhora ,
- „ Erguer a voz contra a ley ;
- „ Quando vosso pay agora
- „ Foi prezo á ordem d'ElRey. „

DONA IRIA.

- „ Meu pay prezo?!?. Ouvi eu bem?!?..

O MINISTRO.

- „ Prezo, sim, no Limoeiro ;
- „ Martim Affonso tambem
- „ D'ambos será companheiro. „

Iria cahe desmaiada,  
Tanta dor a suffocou...  
Não ouviu, não viu mais nada  
Da scena que se passou.

FIM DO CANTO III.



**MARTIM AFFONSO DE LUCENA.**

„ Porque de mi te vás , ó filho caro ?  
„ A fazer o funerêo enterramento ? „

CAM. LUS.

**CANTO IV.**

As Alcaçovas que outr'ora  
Foram os paços reais ,  
Vastas prizoens sam agora ,  
Com masmorras infernais.  
O seu nome ao seu destino  
Correspondia , primeiro.

Tinha á porta um peregrino  
Mui frondoso limoeiro.  
Mudado o paço em cadeia,  
Primeiro nome olvidou;  
Foi-se do paço a ideia,  
O limoeiro lá ficou;  
E como estava á entrada  
Do paço feito prizão,  
Deu seu nome em nomeada  
Á do crime habitação.  
Quem ha hi que não estremeça  
Á palavra — Limoeiro — ?..  
Que os horrores seus esqueça  
Se lá esteve prisioneiro?..  
E tanto... tanto innocente  
Sem crimes lá tem penado,  
Por expressão indifferente,  
Que ás vezes, nem ha pensado!..  
Quantos centos d'infelizes,  
Quantos milhares talvez,  
Dos mais variados matizes  
Lá tem ido á sua vez!..  
Todas as cathogorias,  
Idades, sexos tambem,  
Das profundas enxovias  
Horrores soffrido têm!..  
Se esses muros denegridos  
Inda podessem fallar,  
E contar quantos gemidos  
Ouviram tristes soltar?!..  
Se esses dramas horrorescos  
De verdadeiro soffrer,  
Esses muros silenciosos  
Podessem bem descrever!..

Oh! de certo a piedade  
Soluços d'alma arrancára;  
Triunfante a humanidade  
Taes abuzos emendára!..

Em vez das festas brilhantes,  
Dos saráos que alli se davam,  
Nessas eras já distantes  
Em que os reys alli moravam;  
Em vez d'alegres cantares  
Desses nobres trovadores,  
Que em seus versos singulares  
Cantavam ternos amores;  
Em vez desses sons divinos  
Das tiorbas afinadas,  
Por menestreis peregrinos,  
Folioens, jograis, tocadas;  
Agora... ranger dos ferros;  
Rojar triste dos grilhoens;  
Surdo grunhir desses pêrros  
Ferrêos gonzos d'alçapoens...  
Agora... ternos gemidos;  
Ais que arranca ao peito a dor...  
Desses muros denegridos  
Sam a lingoagem de horror.

Ahi estam no Limoeiro  
Os Lucenas, o Menezes,  
Soffrendo no captiveiro  
Mais que a morte, mais mil vezes.  
Mettidos n'uma enxovia  
Como se foram traidores,  
Não lhes val a fidalguia  
Nem brazoens de seus maiores!..

Alli o sangue vertido  
Pela patria em deffensão,  
Ao innocente opprimido  
Garantia offerta em vão!...  
Só a presumpção do crime,  
Que inda a ley ha de julgar,  
A innocencia alli opprime,  
Para a verdade indagar!..  
Da isolação, maior pênna,  
Mais que a cegueira, e que a morte,  
Por qualquer causa pequena,  
O innocente soffre a sorte!..  
Soffre o longo captiveiro,  
D'ar, e luz a privação,  
E os tratos por derradeiro  
Sem previa condemnação!..  
A justiça não carece  
Desses meios infernaes,  
Com que a innocencia padece.  
A' sombra dos tribunaes.

Em uma sala isolada  
No centro do Limoeiro,  
Para os tratos reservada,  
Lá entrou um prisioneiro;  
Era um mancebo fermoso,  
No desabrochar dos annos,  
Que parou silencioso  
Ante os juizes — seus tyrannos. —  
Elles calados, e quêdos  
Silencio profundo guardam,  
Impassivos, quaes penedos,  
Outras victimas aguardam.  
Lá entrou um cavalleiro

Com ademan d'esforçado,  
Ar altivo, e sobranceiro,  
Qual juiz, e não culpado:  
Que era réo, não parecia  
Na expressão do seu rosto,  
Cuja face não trahia  
Seu despeito, e seu desgosto;  
Da sala parou em meio,  
Olhou para o tribunal;  
E um sorrizo aos labios veio,  
Que é do desprezo signal.  
Apoz este um velho entrara  
De semblante venerando,  
Que nos guardas se appoiara  
Cansados pés arrastrando;  
O mancebo apenas vira  
Mudou do rosto a expressão,  
Do peito a dor lhe trahira  
Saudade, amor, compaixão...  
E as portas se fexaram  
Sobre os reos, e seus juizes,  
Sobre os guardas que ficaram  
Aos lados dos infelizes:  
Os muros estremeceram  
Ao cerrar portas fataes;  
Té os juizes tremeram  
C'os remorsos infernaes!..  
Não tem a sala janellas,  
É negra toda em redor;  
É de tochas amarellas  
Essa luz que faz horror!..

Esse velho veneravel,  
É Francisco de Lucena,

Cujo rosto brando e affavel  
Occulta secreta pena.  
Esse outro ouzado, e valente,  
É Dom José de Menezes,  
Cujos rosto não desmente  
Bater do peito mais vezes.  
O mancebo delicado,  
E' Martim, por derradeiro,  
Tem o rosto demudado  
Por seu longo captivo;  
Que não pelo vil temor,  
Esse temor vergonhoso,  
Que ao culpado muda a côr  
Ante o juiz, receioso.  
O pay olhou para o filho,  
Para o amigo ao depois,  
E o tormento do tornilho  
Elle sofre, e mais os dois...  
Não podem elles fallar-se,  
Os olhos só fallam mais;  
E não podem abraçar-se,  
A não ser abraços d'ais!..  
Esses... não, que o peito os guarda  
Sepultos no coração...  
O tribunal os aguarda...  
Algozes... juizes, sam....

Abre o escrivão o processo;  
Juizes dam juramento;  
O tribunal dá começo  
Ao *já feito* julgamento...  
O escrivão faz a leitura  
Por mandado do juiz  
Desse *monstro d'impostura*,

Que *processo* alli se diz.  
É Francisco de Lucena  
Como traidor accusado,  
E a *pronuncia* o condemna,  
Como réo *indiciado*.  
O procurador da corôa  
Seu *libello* formulou,  
Dizendo que de Lisboa  
Com Castella o réo tratou.

O JUIZ.

„ Que respondeis ao artigo? „

FRANCISCO DE LUCENA.

„ Tinha licença d'ElRey. „

O JUIZ.

„ E as cartas do inimigo? „

FRANCISCO DE LUCENA

„ Todas a ElRey entreguei. „

O JUIZ.

„ Essas cartas que tratavam? „

FRANCISCO DE LUCENA.

„ Só de meu filho a soltura. „

O JUIZ.

„ Muitas mais outras faltavam ! „

FRANCISCO DE LUCENA.

„ Sam d'imigos impostura. „

O JUIZ.

„ Dom José ! vós que sabeis  
„ Como co-réo na traição ? „

DOM JOZE DE MENEZES.

„ Só por *vós* tratam os reys  
„ Os da minha condição ;  
„ Tratai-me como deveis ;  
„ Cumpri vossa obrigação. „

O juiz ficou irado ,  
Porque o réo tem *Senhoria* ;  
Não é fidalgo , e ha jurado  
Odio a toda a fidalguia :  
Mas quando tiver um *fôro* ,  
Tiver *serviço no paço* ,  
Como elles já fará côro ,  
Como a iguaes dar-lhe-ha o passo.

O JUIZ.

„ Um réo não tem tratamento. „

DOM JOZE DE MENEZES.

„ Só é réo o condemnado ,



„ E antes do julgamento  
„ É innocente o culpado. „

O JUIZ.

„ Réo Dom José de Menezes ,  
„ Que sabeis vós da traição? „

DOM JOZE DE MENEZES.

„ Que os Lucenas, portuguezes  
„ Sam leaes, traidores não. „

O JUIZ.

„ Não quereis dizer mais nada? „

DOM JOZE DE MENEZES.

„ Nada mais. Só que é traidor  
„ Quem accuza os mais leaes,  
„ Quem é vil calumniador. „

O JUIZ.

„ Martim Affonso! dizei...  
„ Que sabeis dos accuzados? „

MARTIM AFFONSO.

„ Que fieis á patria, ao rey,  
„ Sam innocentes, e honrados.

O JUIZ.

„ O algoz! no cavallette

„ Altivos cedem ás vezes ;  
„ Dai-lhe tratos, até sete,  
„ Como é ley dos portuguezes. „

DOM JOZE DE MENEZES.

„ Já em Castella os soffri  
„ Pela patria, e lá calei...  
„ Vêde agora vós se aqui,  
„ Innocente, fallarei!... „

Os ossos lhe esconjunctava  
O algoz féro, e cruento ;  
E Dom José não soltava  
Nem um ai, nem um lamento !  
As carnes se despegaram  
Dos ossos... e não gemeu!..  
Nem as faces se mudaram  
C'os tormentos que soffreu!..  
Mais um trato se levasse,  
Alli certo morreria,  
Sem que um instante amostrasse  
Que a dor sua alma vencia.  
A Francisco de Lucena,  
Martim Affonso tambem,  
Applicam a mesma pena,  
Quantos tormentos lá teem.  
Martim Affonso não geme,  
Chora porem por seu pay;  
Pelo pay d'Iria treme...  
Por Iria... solta um ai...  
Porem o velho innocente  
Á dor dos tratos cedeu...  
Do amigo, e filho os sente...

Por isso desfalleceu.  
Lá vam elles conduzidos  
A's masmorras da prizão,  
Os corpos todos moídos,  
Mais moído o coração.

Bem hajas tu rey humano,  
Sublime legislador,  
Que esse codigo tyranno  
Proscreveste com horror!..  
Que essa ley com sangue escripta,  
Riscaste com sabia mão,  
Eternamente bemdita,  
Te bemdiga esta nação!..  
E no tumulo sagrado  
Ouve os canticos d'amor  
Do peito desinteressado  
Do portuguez trovador.

A esse poder occulto  
Que era o tyranno das leys,  
O assassino, o insulto  
Das dynastias, dos reys;  
A esse poder que ha sido  
A' Europa, ao mundo fatal,  
Quando nelle ha consentido  
Como já fez Portugal;  
A essa ordem orgulhosa  
*De Jesus a Companhia*  
Toda essa trama horrorosa  
Deste drama se devia.  
Não consentira Lucena  
Suas infames torpezas,  
Por isso da injusta pena

Soffre todas as cruezas ;  
João Paschasio Cosmander,  
Flamengo padre jesuita,  
Elle não quiz attender,  
Sabe as traiçoens que medita ;  
Estrangeiro sacerdote,  
Pedia ser *coronel* ! ...  
E padres taes desse lote  
Merecem , sim , o *cordel* ! ..  
Quer ser engenheiro-mór,  
Das nossas praças fronteiras ! ..  
Para assim nos ter melhor  
Dentro das proprias barreiras ! ..  
O Lucena desprezara  
Orgulho tão mal cabido ,  
*Companhia* se vingara  
Tramando a morte ao valido.  
O padre Francisco Manso  
Foi o vil accusador ;  
Qual Jesus não era manso ,  
Mas lobo devorador.

Lá caminha ao cadafalso ,  
Lucena , qual o cordeiro ;  
Como traidor , como falso ,  
Sendo fiel , verdadeiro ! ..  
A seu lado vam rezando  
*Dois padres da Companhia* ;  
Era o triumpho execrando  
Que *ella* com arte encobria ! ..  
Ei-la ahi está nesse acto  
Transcripta a sua moral ;  
É fiel o seu retrato ,  
Tem semelhança infernal ! ..

*Esses padres rezam... rezam...*  
Não divinas orações,  
Que elles malditos desprezam,  
Mas do inferno as maldiçoens.  
E o povo estava apinhado,  
A execução queria ver;  
Julgando que era culpado,  
Folgava de o ver morrer!...  
Esse que ha pouco adulava  
Como d'ElRey o valido,  
Com insultos apupava  
Entre os ferros conduzido!..

Na mão do algoz cruento  
Um cutello viu mover;  
Era esse o mesmo instrumento  
Que de Madrid fez trazer!..  
O mesmo que degolara  
Dom Rodrigo Caldeirão,  
Na mão do algoz brilhara  
Ao fazer a execução!..  
A cabeça destroncada,  
De Lucena, ao chão cahiu;  
E apoz de já decepada,  
Os beijos inda boliu...  
*„ Filhos meus! e patria minha ! „*  
Foi o seu ultimo pensar,  
Cortadas fauces já tinha,  
Não pode os sons formular!...

Alta noute, a horas mortas,  
A prizão do Limoeiro,  
Abre as ferrêas, duras portas  
A Martim, por derradeiro.

Noite escura, e tempestoza  
Onde irá elle abrigar-se?!..  
Da catastrophe horrorosa  
Temendo certificar-se!..  
Vai caminho do Rocio,  
N'um cadafalso tropeça...  
Sobre um cadaver já frio,  
Cahe, esvaida a cabeça...  
E a cabeça decepada  
Com boca fria o beijou...  
E a fraze não acabada,  
N'um frio beijo expressou!!!.

Sobre um quadro tão terrivel  
Lança um véo, ó trovador!...  
Não queiras que alma sensivel,  
Estalle em fim com tanta dor.

A *Misericordia* veio  
O cadaver procurar;  
Alta noute, sem receio,  
Para o *Carmo* o foi levar.  
Martim Affonso acompanha  
Essa tumba tão mesquinha;  
Sua dor era tamanha,  
Camanha o peito a ad'vinha...  
Força invencivel o arrasta,  
Atraz do esquife do pay...  
Lucto d'alma o não afasta,  
Delle atraz o triste vai!...

Já no *Carmo* o sahimento  
O esquife depositou;  
Soou lúgubre *memento*,

Que no templo retumbou!..  
Desse esquife em derredor,  
Dous vultos ajoelhados,  
Quebram silencio d'horror  
Com suspiros mal guardados.  
Martim Affonso chorava,  
E Dom José de Menezes,  
Que a morte alli ajuntava,  
Sendo communs seus revezes!..  
Sobre a tumba se abraçaram,  
Chorando rios de pranto;  
E mudos co' a dor ficaram,  
Porqu'ambos soffriam tanto!!.  
Martim Affonso em delirio,  
„ *Iria!!* „ dice... e calou...  
Dom José, proprio martyrio,  
Seu martyrio interpretou...  
Ergue a mão, o céo lhe amostra;  
Baixa a mão, mostra una campa;  
E Martim no chão se prostra...  
E os labios na loiza estampa...  
Ao depois as maons ajunta...  
Reza... reza... com fervor...  
Deus, no céo as almas junta,  
Junta Iria ao trovador.

FIM.





## NOTAS.

Estava acabada de imprimir a segunda parte do Romanceiro, e era mingoado em tudo esse trabalho que havia feito. O meu estimavel amigo, que se havia encarregado dessa penosa tarefa, escreveu-me dizendo-me que era necessario um romance mais, que enchesse algumas folhas d'impressão; marcando-me oito dias uteis para o fazer!. Forçado pela necessidade de satisfazer seu justo desejo, compuz o Martim Affonso de Lucena; sem ter ao menos tempo de corrigi-lo!.. Ahi vai tal qual o coração o inspirou.

O seu assumpto verdadeiramente historico foi extrahido do *Portugal Restaurado*, do Conde da Ericeira.

Quem quizer consultar essa preciosa chronica da restauração de nossa independencia de Castella, verá a minha exactidão em conservar as mais pequenas particularidades das scenas horriveis deste sanguinolento drama.

A *Companhia de Jesus* foi o nexu fatal dessa tragedia, e se não consignei no romance o castigo do *Altissimo*, foi para não dar ao leitor *essa consolação* em meio da

impressão d'horror que dezejei cauzar-lhe, lendo o tragico fim do virtuoso Francisco de Lucena.

Porem Deus é justo sempre, e puniu o padre Francisco Mansos, com o remorso eterno; o padre jezuita flamengo João Paschasio Cosmander, depois de haver sido Engenheiro mór do reyno, com a patente de coronel do exercito portuguez, foi morto por uma bala de um paisano nosso, que o castigou de haver trahido nossas bandeiras, militando no exercito castelhano contra ellas! ...

E a *Companhia de Jesus* foi proscripta de Portugal, por decreto d'ElRey Dom José.

O actual representante da illustre, e mal-fadada familia dos Lucenas, é o Illm.º Snr. José Martinhó de Lucena e Noronha Cotta Falcão, de Coruxe no Alemtejo; meu particular amigo, collega, e companheiro d'infancia no collegio real de nobres, onde fomos educados.

Chaves 10 de Novembro de 1845.

FIM DA 2.<sup>a</sup> PARTE DO ROMANCEIRO.



## INDICE.

Prologo.....	V
Gaésto Ansor .....	pag. 1
Os votos denodados .....	„ 57
O Conde de Abranches.....	„ 89
O Massinga .....	„ 113
O Manoelinho d'Evora.....	„ 135
Martim Affonso de Lucena.....	„ 197



**LOGAR DAS ESTAMPAS.**

I	.....	Pag.	1
II	.....	„	57
III	.....	„	89
IV	.....	„	113
V	.....	„	135



*ERRATAS.*

*EMENDAS.*

Pag.	58	linha	6	opprobrio	opprobrio
„	87	„	5	da F.	da Fonseca
„	102	„	27	que sei	que si
„	155	„	31	Não pois esta junta	} Não póde pois esta junta
„	156	„	13	aquella	
„	172	„	8	articulado	articulada
„	174	„	31	Já	la
„	176	„	16	D'arcosa	D'ascosa
„	179	„	17	A custa	Á custa
„	181	„	5	Da infeliz que geme	} Da infeliz que alli geme
„	181	„	11	reunir	



# LISTA

## DOS SENHORES SUBSCRIPTORES

DA SEGUNDA PARTE DO

## ROMANCEIRO PORTUGUEZ.



Por ordem de Sua Magestade a RAINHA	6
Por ordem de Sua Magestade ELREY	6

### A

Abel Augusto de Sousa	1
Acacio Alfredo de Seabra (Dr.)	1
Adriano Augusto da Silva Pereira	1
Albano José da Cruz e Sousa	1
José Rodrigues Coelho e Silva	1
Alberto Teixeira Pinto Basto	1
Albino Menezes	1
Raymundo de Sousa Pimentel(Dr.)	1

Alexandre d'Abreu Castello-Branco	1
Corrêa de Lemos	1
André de Moraes Teixeira de Queiroz	2
Anna Adelaide Perfeito de Aragão (D.)	1
Emilia Slessor de Sousa Canavar-	
ro (D.)	1
Julia de Novaes da Costa e Sá (D.)	1
de Sousa Coutinho (D.)	1
Anonima	1
Anthero Albano da Silveira Pinto	1
Antonio Agostinho Nunes Lima	1
d'Albuquerque Amaral Cardozo	1
Alexandrino Pereira de Castro	1
d'Almeida Tovar	1
Alves Castello	1
Alves de Sá Carneiro	1
Alves da Silva	1
Augusto Teixeira de Vascon-	
cellos	1
Bernardino de Menezes	1
Bernardo Pereira	1
Caetano Pavão	1
do Carvalho Silveira Bettancourt	1
Casimiro Judice Samora	1
de Castilho Delgado Freire de	
Mendonça	1
de Castro Alcacer Junior	1
de Castro Sampaio	1
da Costa e Sousa Rebocho	1
da Costa Teixeira	1
Cunha (Fr.)	1
da Cunha Soutto Maior	1
Custodio de Barboza e Silva	1
Duarte da Fonseca Lobo	1



Antonio do Espirito Santo	1
Ferreira Macedo Pinto (Dr.)	1
Ferreira Sarmiento Callainho	1
Ferreira Novaes	1
Francisco de Lima	1
Gonçalves Azevia	15
Gonçalves Lages (Dr.)	1
de Gouvêa Guedes	1
de Gouvêa Ozorio	1
Joaquim Barata	1
Joaquim Gomes d'Abreu	1
Joaquim Lopes	1
Joaquim Rodrigues Pereira	1
Joaquim da Silva Pinto	1
Joaquim Tavares	1
Jorge Marques Malta	1
José de Barros e Sá (Dr.)	1
José Dias (Dr.)	1
José de Freitas Honorato	1
José Peixoto de Lima	1
José Pires Pereira Vera (Dr.)	1
José Tavares	1
José Vaz (P. <sup>e</sup> )	1
Lobo Pereira Caldas de Barros	1
Lourenço Gonçalves Lima & C. <sup>o</sup>	1
Ludovino Guimarães	1
Luiz Figueira	1
Luiz Ribeiro da Silva	1
M. Gomes	1
Machado da Silveira Pinto	1
Manoel Nogueira	1
Manoel Ribeiro d'Andrade	1
Maria da Purificação	1
Maria Rapozo Alk	1

Antonio	Maria de Sequeira	1
	Maria da Veiga	1
	Marques Cardozo	1
	Maximo Branco de Mello	1
	de Mello Breyner	1
	Migueis da Fonseca (Dr.)	1
	Neutel Corrêa de Mesquita	1
	Nunes Leite	1
	Paulino de Sá (Dr.)	1
	Pedro Xavier	1
	Pereira Carneiro Canavarro Ju-	
	nior	1
	Pessoa d'Amorim	1
	Pinto de Lemos	2
	Pinto de Sant'anna	1
	Rodrigues Lucas	1
	Rodrigues Praça	1
	Rodrigues de Sampaio	2
	de Sá e Mello	1
	de Sampaio Costa	1
	Sebastião da Silva Lima	1
	da Silva Cabrita	1
	da Silva Sanz	1
	Soares Mascarenhas	1
	de Sousa Figueiredo	1
	Teixeira de Carvalho Sampaio	1
	Teixeira de Queiroz	2
	Victor de Carvalho (Dr.)	1
	Vieira Borges (P. <sup>e</sup> )	1
	Xavier Rodrigues Cordeiro	1
	Xavier Teixeira Homem de Bre-	
	derode Cunha	1
Augusto	Cezar Saraiva	1
	Freire de Macedo	1

Augusto José Gonçalves Lima	1
Ayres Pinto de Sousa de Mendonça	1

## B

Balthazar Werneck Ribeiro d'Aguilar e Vasconcellos	
Barão de Castro Daire	1
de Prime	1
Baroneza de Almeidinha	1
de Arco-Só	1
de Santa Barbara da Ilha Ter- ceira	1
Belchior José Garcez	1
Bento Antonio Forte Gato	1
Antonio d'Oliveira Cardozo	1
Bernardino de Sena Macedo Pinto	1
Bernardo d'Albuquerque Gusmão	1
d'Almeida de Lemos	1
Bispo do Algarve, D. Antonio	4
Eleito d'Aveiro	1
B. S. da Conceição	1

## C

Caetano Francisco de Sousa	1
José Gomes	1
Candido A. Pimentel	1
d'Agorrêta Pereira de Miranda	1
Luciano Ribeiro	1

Candido Xavier de Carvalho	1
Carlos Borromeu Pereira da Silva	1
Joaquim Teixeira	1
da Silva de Seguiet	1
Casimiro Barreto Ferraz	1
Clemente José d'Oliveira Leal	1
Club Lisbonense	1
Conde do Lavradio	1
de Linhares	2
de Mello	2
de Rezende	1
da Taipa	1
Condessa de Sub-serra	1
de Terena	1
Constantino de Castro	1
Cypriano de Sousa Canavarro	1

## D

Diogo Francisco da Silva Freitas Me- nezes e Vasconcellos	1
Domingos Augusto da Silva Freitas	1
da Costa e Santos	1
Gomes Paulo	1
Gonçalves Lopes	1
José Affonso d'Espregueira	1
José da Veiga	1
Luiz Gonçalves	1

## E

Effigenia Candida Soares Braga (D.)	1
Emigdio Areyas	1
Augusto da Costa Cabral	1

E. A. Köpke	1
Eusebio Rodrigues Manique	1

## F

Flora Amalia de Sampaio e Mello (D.)	1
Felix d'Andrade Roby	1
Bernardino da Costa Lobo	1
Fernando Affonso Teixeira de Carvalho	1
Luiz Mouzinho d'Albuquerque	1
José da Costa	1
de Sousa Botelho (Dr.)	1
Fiel Pereira d'Almeida (Dr.)	2
Filippe de Sousa Corrêa de Moraes	1
Fortunato Cardozo de Menezes	1
Francisco Antonio Alves de Carvalho e Silva (Dez. <sup>or</sup> )	1
Antonio de Barros	1
Antonio Borges	1
Antonio Estanislau	1
Antonio Nunes de Vasconcellos	1
d'Assis Ledesma e Castro	1
de Barros Coelho Campos d' Almeida	1
Botelho de Lemos	1
Casimiro de Moraes Carvalho Machado (Dr.)	1
da Costa Sampaio e Castro	1
Ferreira Corrêa Moura	1
Ferreira de Napoles	1
Infante de Lacerda	1

Francisco Ignacio do Cid Mello e Castro	1
Ignacio de Sousa Albuquerque	1
Jeronymo da Silva (Dr.)	1
Joaquim d'Amorim Barretto	1
Joaquim de Castilho	1
José d'Azevedo e Lemos	1
José da Costa	1
José da Costa Guimarães	1
José Coutinho	1
José Marinho	1
José de Moraes	1
José Pacheco	1
José Vanini de Castro	2
Lopes d'Azevedo Velho	2
Maria de Sousa	1
Nicolau	1
de Paula d'Albuquerque	1
de Paula d'Araujo Braga	1
de Paula Cordovil	5
Pedro da Veiga	1
Pereira Palha	1
Pinto Saraiva (P. <sup>o</sup> )	1
Ribeiro Pinto de Moraes	1
da Silveira Pinto da Fonseca	5
de Sousa Alves Guimarães	1
da Veiga	1
Xavier de Moraes Pinto	2
F. N. da Silva Heitor	1

## G

Gabriel Lopes (P. <sup>o</sup> )	1
----------------------------------	---

Gaspar Leite d'Azevedo	1
Pinto de Magalhães Pizarro	1
Teixeira de Queiroz	2
Genezio José d'Araujo	1
Gregorio José de Carvalho	1
Gumerzindo Miranda Castello	1
G. M. Corrêa	1
G. J. Teixeira	1

## H

Henrique Carlos de Miranda	1
José Ferreira de Lima	1
Lawson	1
Henriqueta d'Araujo (D.)	2
Emilia de Sousa Pizarro (D.)	2
d'Oyenhassen (D.)	1
Hermenegildo Gomes de Palma	1
d'Ordaz Sarmiento e Vas-	
concellos	1

## I

I. A. da Silva Rocha	1
I. J. C.	1
Izabel Julia de Calheiros e Menezes (D.)	1
Maria Canavarro (D.)	1
Izidoro de Barros	1

## J

Jacyntho Augusto d'Araujo	1
Avelino	1
José de Sá Lima	1

Januario Peres Furtado Galvão (D.)	1
Jeronymo Joaquim Bartholino d'Araujo	1
Joanna Ermelinda Moreira da Costa (D.)	1
João d'Albuquerque de Mello Pereira Ca- ceres	24
d'Almeida Pessanha	1
Antonio de Brito e Sá	1
Antonio Coelho	1
Antonio de Sousa Doria (D.)	1
Antonio de Sousa Guimarães	1
Baptista Faria da Fonseca.	1
Baptista Leitão d'Almeida Garrett	1
Baptista da Silva	1
Baptista de Souza Liberto (Dr.)	2
Casimiro Carneiro	1
Carlos d'Almeida e Carvalho	1
Carlos Fêo	1
Carlos Massa	1
Carlos Osorio de Sousa	1
Clemente Mendes	2
Coelho de Castro Villas-Boas	1
Coutinho de Lencastre (D.)	1
Eduardo de Brito Cunha	1
Eduardo dos Santos	1
de Faria Machado Pinto Roby	1
Felix Pinto Figueiredo	1
Ferreira da Cunha	1
Ferreira Neto	1
Ferreira da Silva Oliveira	1
Ferro de Lima	1
da Fonseca Corsino	2
de Freitas Costa Brandão	1
Geraldes de Macedo	1
Gaudencio Mendes Ferreira	1



João Loureiro Affonso	1
José Feio Pimentel	1
José de Lima e Costa	2
José Pacheco	2
José de Sousa	1
José Teixeira Seixas Braga	1
Machado d'Azevedo e Mello	1
Machado de Mello e Castro	1
Machado Pinheiro	1
Manoel Castello-Branco	1
Manoel da Guerra	1
Marcelino Carneiro	1
Maria Lopes de Carvalho	1
de Mello e Freitas	1
Mendes Alçada	1
das Neves Gomes Elizeu	1
Norberto Pereira Alvares Guerra	1
Paes do Amaral e Costa	1
Pinto	1
Rebello Guimarães	1
Roberto Vieira Pinto	1
da Silva Bravo	2
da Silveira de Lacerda Teixeira	4
Thomaz Toribio de Sousa	1
Vicente Teixeira de Macedo	1
Joaquim Alvares Falcão	1
Alves de Sousa	1
Antonio Abreu Castello Branco	1
Antonio Fonseca Conde	1
Antonio Pereira	1
Augusto Köpke	1
Barbas da Torre	1
Cardozo d'Araujo	1
Cardozo de Carvalho e Gama	1

Joaquim Claudio de Gouvêa	1
Corrêa de Menezes	1
Eduardo Salgado	1
Gomes Vieira G.	1
Homem Moraes Rozado	1
José Cerveira	1
José Ferreira	1
José de Seabra	1
Luiz Ribeiro da Silva	1
Maria Ferreira	1
Pedro Judice Samora (Dr.)	1
Pereira Dias	1
Pinto	1
Pinto Leite	1
Procopio da Silva Paes	1
da Rocha Pinto	1
Rebello da Serra C.	1
Rodrigues da Cruz	1
Vellozo da Cruz (Dr.)	1
Vieira Ribeiro	1
J. W. C. Brandão.	1
Jorge Higgs	1
José Albino de Santa Rita	1
d'Almeida Martins	1
d'Almeida Moraes Pessanha	1
Alves Pinto d'Azevedo	1
do Amaral Branco Bernarde	1
d'Andrade Gramaxo	1
Antonio d'Athaide Buys da Silveira	1
Antonio Dias Basto	2
Antonio Fernandes Braga	1
Antonio Ramos	2
Antonio dos Santos Xavier	1
Antonio de Sousa Gonçalves	1

José Antonio Teixeira Coelho	1
Antonio Videira (Dr.)	1
Aragão de Lira	1
Athanasio Mendes	1
Augusto Braamcamp	1
Augusto Cardozo Amaral	1
Augusto Nogueira Sampaio (Dr.)	1
Augusto da Silveira Pinto	1
Avelino da Silva Veiga	1
Barboza Leão	1
Benedicto Pessanha	1
Bento da Costa Real	1
Bento Pestana da Silva (Dr.)	1
de Bettancourt e Athaide	1
Coutinho de Lencastre (D.)	1
Duarte d'Oliveira	1
da Encarnação Coelho	1
Filippe Jacome de Sousa Pereira	1
Ferreira Mourão Figueira (P. <sup>e</sup> )	1
Firmino Ventura	1
Fortunato Ferreira de Castro (Dr.)	1
Francisco Ferreira e Silva	1
Francisco da Silva Liote	1
Francisco Thaumaturgo de Carvalho	
Pimentel	1
Fructuozo Ayres de Gouvêa Ozorio	1
Guilherme Navarro de Paiva	1
Joaquim Esteves Mosqueira	1
Joaquim Ferreira Caldas	1
Joaquim Manso Preto	2
Joaquim Pereira de Sousa (P. <sup>e</sup> )	1
Joaquim da Rocha	1
Joaquim da Silva Pereira	1
Joaquim Teixeira	1

José Jeronymo Villaça	1
Justino Cerveira Pinto Vasconcellos	1
Lopes de Calheiros Menezes	2
Luiz de Brito	2
Luiz de Caldas	1
Luiz da Silva Freitas	1
de Magalhães de Menezes Villas Boas	1
Manoel de Mena	1
Maria d'Abreu Teixeira de Queiroz (Dr.)	1
Maria Borges	1
Maria Brandão	1
Maria de Buitrago	1
Maria Cardozo	2
Maria do Casal Ribeiro	1
Maria Delorme Colaço	1
Maria Felix e Couto (Dr.)	1
Maria Forte Gato	2
Maria Jacob Coelho d'Almeida	1
Maria de Lemos d'Almeida Valente	1
Maria de Lis Teixeira	1
Maria Machado	1
Maria de Magalhães	1
Maria de Mattos	1
Maria de Moura	1
Maria d'Oliveira Peixoto	1
Maria Pinto d'Almeida Carvalhaes (Dr.)	2
Maria Placido	1
Maria da Silva Campos e Mello	1
Maria de Sousa	1
Maria de Sousa e Oliveira (Dr.)	1
Marques d'Oliveira	1
Martins Cancio Leitão (Dr.)	1

José Martins Taveira	1
de Mello da Silva Lobo	1
Mendes da Graça	1
Mendes Veiga de Carvalho	1
Miguel de Carvalho	1
de Moraes Faria e Carvalho (Dr.)	1
de Moraes Pinto	1
das Neves Gomes Eliseu	1
das Neves Gomes Eliseu Junior	1
Pereira do Amaral e Sousa	1
Pereira da Fonseca	1
Pereira de Mattos	1
Pereira de Moraes	1
Pereira Reis	1
Pinto Soares	1
Possidonio de Novaes	1
Rebello Guimarães	5
Rodrigues de Sousa Guimarães	1
dos Santos Dias (Dr.)	1
Sebastião de Menezes	1
de Seixas do Valle	1
Seronho da Costa	1
da Silva Passos	1
Silveiro Rodrigues	1
Soares d'Albergaria	1
Teixeira de Queiroz	2
do Valle Campos Barreto	1
Vaz Ferreira do Souto	1
Julião Antonio de Sampaio e Mello	1
J. M. de Avellar Telles	1

## L

Lazaro Luiz de Miranda Rapozo	1
-------------------------------	---

Lourenço Leite de Castro	1
Luiz Antonio da Fonseca e Silva	1
d'Athaide Pimentel Teixeira Cas- tello Branco	1
Baptista Wolfio	1
Bento Garção	1
de Bessa Corrêa	2
Bravo d'Abreu e Lima	1
Carlos d'Oliveira Pimentel	3
Cypriano Coelho de Magalhães	1
Duarte Rebello da Camera	1
Lopes de Calheiros Menezes	1
Maria Cardozo	1
de Mello Breyner	1
Teixeira Homem de Brederode	1

## M

Macario de Castro	1
Manoel Alexandre de Campos	1
Manoel Alvares Falcão	1
M. A. Vianna Pedra	1
Manoel Antonio Pinto d'Andrade Junior	1
Bento da Rocha Peixoto	1
Cardozo dos Santos	1
Carlos da Costa Corrêa	1
Carneiro Pinto	1
de Castro Pereira de Mesquita	1
da Costa Oliveira	1
Dias da Silva	1
Emigdio de Sousa Pastor	1
Ferreira Quiques	1

Manoel Ferreira de Seabra (Dez. <sup>or</sup> )	1
de Freitas do Amaral e Mello	1
Guedes da Silva da Fonseca	1
Joaquim da Costa e Silva	1
Joaquim Fernandes Thomaz	2
Joaquim Pereira da Silva	1
José Duarte Guimarães	1
José de Faria Barboza	1
José Gomes	1
José Martins Barboza	1
José da Silva Leal	1
José de Souza	1
José Villela	1
Luiz Corrêa de Barros	1
Luiz Rodrigues	1
Maria d'Albuquerque	1
Maria Ferreira da Silva Beirão	1
Maria da Silva Bruslas	1
de Mello e Castro d'Abreu	1
Paulino d'Oliveira	1
Pereira Coutinho	1
Pinto d'Almeida	1
Rodrigues da Silva e Abreu	1
de Sequeira Ferrão	1
da Silva Passos	1
de Sousa Alves Guimarães	1
Thomaz de Sousa Azevedo	1
Marcelino Augusto Leite	1
Marianna Ermelinda Calheiros (D.)	1
Maria da Conceição de Lima Feio (D.)	1
das Dores de Sousa Coutinho (D.)	1
Eduarda de Faria Canavarro (D.)	1
Emilia de Faria Machado (D.)	1
Henriquetta do Casal Ribeiro (D.)	1

Maria Ignacia Corrêa de Castro Sepulveda (D.)	1
Joanna de Saldanha (D.)	1
José d'Oliveira (D.)	1
da Natividade Guedes (D.)	1
Rita de Moraes Sarmiento (D.)	6
Xavier de Mello Corrêa (D.)	1
Marquez da Bemposta Subserra	2
Marqueza da Bemposta Subserra	2
Melchior Pereira Coutinho de Vilhena	1
Miguel Antonio Dias (Dr.)	2
Antonio Ponces de Carvalho	1
José Fernandes Braga	1
Ozorio Cabral	1

## N

Nicoláo Calheiros de Magalhães Barreto	1
--	---

## P

P. A. Reboxo	1
Paulo Candido Ferreira de Sousa e Castro	1
Rodrigues Barboza	1
Pedro Fernandes (D.)	1
Lobo Machado de Couros	1
Maria Peixoto Coelho de Sousa Pa- dilha e Seixas	1
Nunes Leal	1
Prior de S. Sebastião de Guimarães	1

## Q

Quintino Teixeira de Carvalho	1
-------------------------------	---



## R

Rodrigo Joaquim de Menezes	1
Nogueira Soares	1
da Silveira de Magalhães e Menezes	1

## S

Sancho Manoel de Vilhena Saldanha (D.)	1
Sebastiana Slessor de Sousa Canavarro(D.)	1
Sebastião d'Almeida e Brito (Dr.)	1
d'Andrade	1
Corrêa	1
José de Barros	1
José de CarvalhoMoutinho(Dr.)	1
José de Moraes	1
José da Silva	1
Manoel de Sampaio	1
Maria da Nobrega	1
da Matta Moniz da Maia	1
Pinto de Magalhães Leal	1
Simão da Rocha e Aguiã	1
Severino José Judice Samora	1

## T

Thereza Botelho (D.)	1
Thomaz d'Aquino e Sousa Junior	1
d'Araujo Pereira e Alvim	1
Cabral Soares d'Albergaria	1
Carlos Leopoldino Cardozo e Sá	1
Ignacio de MeirellesGuerra(Dr.)	1
de Magalhães Coutinho	1

Toribio José de Carvalho 1

## U

Urbano Antonio da Fonseca 1

## V

Vicente Ferreira de Macedo Pinto 1

José de Carvalho 1

José Portella 2

Machado de Mello Pinheiro 1

Victorino de Barros Carvalho 1

Joaquim da Fonseca 1

Visconde d'Alcobaça 1

d'Azenha 1

do Banho 1

de Beire 1

d'Ervedoza 1

de Mollelos 1

de Sá da Bandeira 2

de Varzea 5

de Vinhaes 4

## SUPPLEMENTO.

João Valente de Rezende 1

Joaquim Diogo Vasques Monteiro 1

Domingos José Ferreira 1

Francisco Manoel Pereira de Barboza 1

Francisco da Costa Guilherme 1





